A. PINHEIRO TORRES ESCREVE DE CARDIFF (LER NO SUPLEMENTO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 934 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

ALHANDRA: O PÓ DO CIMENTO PREOCUPA A POPULAÇÃO

Por estas altas chaminés, o forno 4 e o forno 5 (quando o electro-filtro se avaria expelem verdadeiras torrentes de pó. Se o vento vem de Sul, empoeiram os bens e as gentes de Alhandra

— Quando cai sobre os carros estraga tudo. Veja: **(o popular que assim nos falava raspou com a unha o vidro de um automóvel abandonado)** isto só sai com ácido ou com vinagre...

Estávamos em Alhandra: 10 mil habitantes uma importante unidade fabril (a Fábrica Cimento Tejo), e vários problemas pendentes a pedirem solução ou esclarecimento.

— Se subir ao alto do Castelo logo vê como estão os telhados... e as roupas penduradas?... *(o popular falava no tom de quem, se contasse o que sabia muito havia que escrever).* Hoje o vento está norte e disso tenho eu pena. Quando o o vento está norte e disso campos, pró rio. É pena não poderem ver, noutra altura.

Em termos idênticos outras pessoas á nossa volta se juntavam a corroborar.

A Fábrica de Cimento Tejo é uma das maiores unidades fabris no seu campo (2 mil e quinhentas toneladas diárias, cerca de 470 empregados, apesar do nível de automatização, e laboração contínua).

— *Ás vezes têm camiões á espera do produto* — disse-nos o sr. José Manuel Macieira. — *O ritmo de produção não atende á procura, em certas ocasiões* — acrescentou.

É dos fornos desta fábrica que os populares se queixavam. Junto do sr. José Manuel Macieira prosseguimos as nossas averiguações.

— *Há um filtro. Há cerca de nove anos e como resultado das reclamações feitas pela base aérea de Alverca* (em linha recta dista daqui cerca de 5 quilómetros)

(Continua na 9.ª página)

BASE MILITAR EGÍPCIA BOMBARDEADA A 20 KM. DO CAIRO

TEL-AVIV, 12 — (R.) — Aviões a jacto israelitas atacaram hoje novamente os arredores do Cairo, alvejando a base militar de El Khanka, a 20 quilómetros ao norte da capital egípcia. O «raid» aéreo israelita foi o décimo contra território

(Continua na 15.ª página)

«NÃO CORREM RISCOS OS OBJECTIVOS DE ORDEM SOCIAL CONFIADOS AO TOTOBOLA»

Na sequência da análise aos problemas do Totobola, ontem publicada no «Diário de Lisboa», podemos hoje trazer aos nossos leitores as explicações e os conceitos do dr. Ricardo Jorge Carreia da Fonseca, chefe do Departamento das Apostas Mútuas Desportivas e membro da Comissão Executiva do Intertoto, o organismo internacional em que estão filiadas numerosas organizações congéneres.

«Não, não correm riscos os objectivos de ordem social confiados ao Totobola» — **disse-nos aquele dirigente, que nos desvendou problemas e segredos que estão por detrás dos pequenos rectângulos quadriculados, em que, semana a semana, muitos milhares de pessoas escrevem as suas esperanças, em «uns», «xis» e «dois»,** (Ler na página 11).

Brigadas de socorro actuam junto do albergue de Val d'Isére, pouco depois de uma avalanche de neve ter praticamente destruído o edifício, causando 12 mortos

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

A recepção de cadernetas decorreu ontem no «stand» Gazcidla da Praça Marquês de Pombal, que registou grande afluência de concorrentes do «Album de Lisboa»

«ALBUM DE LISBOA»

TERMINA AMANHÃ A RECEPÇÃO DE CADERNETAS NOS «STANDS» GAZCIDLA DA CAPITAL PROSSEGUINDO NO PORTO NA SEGUNDA-FEIRA

MAIS DE DOZE MIL concorrentes entregaram já as suas cadernetas nos «stands» Gazcidla, de Lisboa recebendo os boletins numerados que os habilitam ao sorteio de magníficos prémios cujo total excede as três centenas de contos e onde se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorama; um excelente automóvel «Toyota», modelo Corolla 1100; cinco televisores, máquina de lavar, frigoríficos, radioreceptores e muitos outros artigos utilíssimos da famosa linha de electrodomésticos da Siemens e albuns de discos «long-play», com peças clássicas de famosos compositores em gravações de grandes orquestras para a etiqueta Philips.

A recepção de cadernetas do «Album de Lisboa» que se verificou nos «stands» Gazcidla de Alfama, Madragoa, Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, 24 de Julho, Alecrim e Marquês de Pombal decorreu hoje em Alcântara, no Largo do Calvário, 12-C, terminando amanhã em Arroios, no Largo Mendonça e Costa, 9-C.

A recepção no Porto

Finda a entrega nos «stands» Gazcidla de Lisboa, continuaremos a receber cadernetas no Porto, a partir da próxima segunda-feira. Assim, nos dias 16 e 17 do corrente, a recepção vai verificar-se no «stand» Gazcidla do Porto, na Praça D. João I, 28-3.º. Os concorrentes da capital do Norte vão ter, assim, dois dias para, comodamente, poderem fazer a entrega das suas cadernetas, recebendo imediatamente os boletins de identificação numerados que os habilitarão ao sorteio de magníficos prémios. Os funcionários do «Diário de Lisboa» vão cumprir, na segunda e na terça-feira próximas, o horário do «stand» Gazcidla totalizando expressivo numero de horas de recepção de cadernetas dos que acompanharam na capital do Norte o nosso concurso «Album de Lisboa».

A recepção pelo correio

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas enviadas pelos concorrentes de diferentes pontos da província. Recordamos, porém, que cada caderneta remetida deve ser franquiada com 2$00, para evitar multas e consequentes atrasos de resposta. Os concorrentes que pretenderem receber os boletins de identificação para conhecimento dos números que os habilitarão ao sorteio, devem juntar mais um selo de 1$00. Evidentemente, os que assim não procederem ficarão, igualmente, habilitados ao sorteio. Toda a correspondência relativa ao concurso deve ser endereçada aos nossos serviços da Rua Castilho, 185, Lisboa-1.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

ALUGA-SE

Loja e cave junto Av. Fontes Pereira de Melo com 300, 700 e 1000 m. Serve para tudo T. 47823.

DE ONTEM PARA HOJE

CICLO PREPARATÓRIO EM BORBA

Os de Borba, ufanos de se verem chamados a «Sintra do Alentejo», vieram ontem até o Campo de Santana. E não vinham em missão turística, eles que têm de que se orgulhar na sua terra; vinham em missão de pedido ao Ministério da Educação para lá ser instalada uma escola do ciclo preparatório. E no próprio Ministério encontraram gente da terra, com o chefe de Gabinete do ministro, o jornalista dr. João Falcato, a acompanhar o prof. Veiga Simão. Presente também o director do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário dr. Teixeira de Matos. Falou, em nome dos borbenses, o sr. Julio Bon de Sousa. Salientou que a população escolar do concelho de Borba que prosseguiu estudos além da instrução primária é actualmente de 157 alunos, distribuídos pelo 1.º e o 2.º anos e pela 5.ª e 6.ª classes, e deles, exceptuando os da 5.ª e 6.ª classes, a maioria tem de deslocar-se a Estremoz ou Vila Viçosa para frequentar o ciclo. O ministro disse ser sua intenção espalhar escolas por toda a parte, na medida em que lhe fosse possível. E depois de Borba, foram recebidos os seus vizinhos, os da cidade de Estremoz amuralhada e com historial grande, mas que não tem ainda uma secção liceal. Ora fácil seria ali estabelecer uma secção do Liceu Nacional de Evora. Falou o presidente do Município, sr. Luís Pascoal Rosado, que não deixou de frisar que, sobre os pergaminhos da história há a realidade hodierna de um concelho de 25 mil moradores, com uma região circundante de 60 mil, bem justificativos de merecerem um liceu. E os vizinhos de Borba e de Estremoz, que querem instrução para os seus filhos, retiraram na esperança de essa região alentejana vir a ser em breve mais iluminada.

DE RODAS AO AR

Na Avenida de Ceuta, um automóvel, ao que parece por se ter aproximado de mais da berma, derrapou e voltou-se, ficando de rodas ao ar. Os ocupantes, eng.º José Agostinho da Cunha Monteiro e sua esposa, D. Maria Monteiro, ele de 76 anos, ela de 70, ficaram ambos feridos. O eng.º José Monteiro ficou internado com graves ferimentos.

MÃE E FILHA ATROPELADAS

Foi na Rua da Aliança Operária, ontem á tarde. Seguia uma carrinha, de 850 c. c. Em dada altura derrapou e, atravessando-se na via, foi galgar o passeio no sentido oposto. No passeio atingiu mãe e filha, a sr.ª D. Florinda de Jesus Colaço, de 38 anos, e Elza Maria Gomes, de 13, moradoras na Rua do Guarda-Jóias. Muito feridas foram ambas para o Hospital de S. José, onde a jovem Elza chegou já morta.

O AUTOMÓVEL E O CICLISTA

Foi no local de S. Jorge, onde se feriu a batalha de Aljubarrota, que o ciclista sr. José Piedade dos Santos, de 34 anos, encontrou a morte. Não foram os trons castelhanos, mas esta terrível luta de circulação rodoviária de nossos dias. O automóvel que o colheu era conduzido pelo sr. Evaristo Martins Soares, de 30 anos. A vítima era operário ceramico, natural de Casais de Baixo, ali perto.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu no Palácio Nacional de Belém, o sr. António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar e a sr.ª dr.ª D. Emília Ferreira.

GOVERNADORES CIVIS

Para prosseguimento do exame de assuntos correntes de natureza administrativa, iniciado em encontro anterior, o dr. Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior, voltou ontem a reunir-se com os governadores civis dos vários distritos do Continente. Os trabalhos decorreram durante a tarde, no salão nobre do Ministério, e participaram também nele o governador do distrito autónomo do Funchal e o chefe do gabinete do ministro, sr. capitão Geraldes Nunes.

Concurso do «Diário de Lisboa» com o patrocínio da Ibéria

«MAJA DE PORTUGAL-1970»: MUITAS CANDIDATURAS JÁ ENTREGUES

Dentro de dias iniciaremos a publicação das fotos (e dados biográficos) de algumas das concorrentes já apuradas pelo juri prévio do concurso para eleição da «Maja de Portugal».

Muitas têm sido as candidaturas apresentadas através dos cupões que publicamos em todas as edições do nosso jornal. A verdade porém é que nem todas essas candidaturas (largas dezenas) podem ser consideradas, uma vez que algumas estão fora das coordenadas desta organização da Associação Goya Internacional, que tem o patrocínio da Ibéria (Lineas Aereas de España).

É necessário não esquecer que o concurso se destina a raparigas portuguesas, solteiras, com mais de 18 anos, que tenham um mínimo de cultura e muita graciosidade. Não é, portanto, um concurso de beleza: é, isso sim, uma homenagem á fotogenia da mulher, que Goya genialmente transportou para as suas telas.

Concorrer e esperar apenas alguns dias

Quando há necessidade de eleger uma mulher bela, de entre um grupo de belas mulheres, a tarefa é difícil. Porém, se além disso, é obrigatório eleger uma mulher verdadeiramente bela, que possua encantadora personalidade e, ao primeiro relance, irradie simpatia, o problema passa a transcender a vulgaridade.

Este é o panorama que espera pelo juri indicado para escolher as finalistas do concurso para «Maja de Portugal». E é maior a sua responsabilidade porque a eleita competirá, em terras de Espanha, com as representantes de três dezenas de outros países, na festa que terá lugar a 25 de Maio, em Saragoça, durante a qual será coroada a «Maja Internacional-1970».

Podemos acrescentar que a «Maja de Portugal» desfilará em Espanha vestindo um trajo típico do nosso País. Terá, também, de pronunciar uma breve saudação ao publico, para que possa ser aquilatado (ainda que em análise superficial) o nível da sua cultura. Tudo isso (garbo, encanto, simpatia, fotogenia, desenvoltura, graciosidade e facilidade de expressão) alinha nos diferentes prismas para o julgamento mais exacto do juri.

Por ultimo, lembremos que no desfile de gala, na noite do baile de coroação da «Maja Internacional», todas as concorrentes se apresentam com mantilha e «peineta» vestidas com o fato que desejarem, de preferência curto (mini-saia, mais exactamente). Será a ocasião do grande julgamento, da análise á figura, ao seu gosto no vestuário, na maquilhagem, no penteado e no pisar. Quer dizer: os pormenores que fazem uma mulher destacar-se das demais.

Continuamos a publicar o cupão-inscrição que deve ser remetido por todas as candidatas trazendo incluso as fotos solicitadas pelo juri prévio.

Com a sorte lançada, tudo fica a resumir-se na paciência de esperar alguns dias.

CONCURSO

MAJA DE PORTUGAL

Uma realização do «DIÁRIO DE LISBOA» com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aéreas de España)

Nome .....

Morada ..... *Telef.* .....

Idade ..... *Profissão* .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, LISBOA

A REVISÃO DOS ACORDOS ENTRE WASHINGTON E ANKARA

A TURQUIA TORNAR-SE-IA O PARCEIRO PRIVILEGIADO DOS ESTADOS UNIDOS

ANKARA — Os acordos bilaterais que ligam a Turquia e os E. U. A. em aplicação do artigo 3.º do tratado da Aliança Atlântica constituem actualmente o mais sério embaraço nas relações entre os dois países. O Senado e depois a Assembleia Nacional consagraram a pedido do Governo várias sessões (á porta fechada) a esta questão. O Governo entendia dever tranquilizar os parlamentares a propósito do documento assinado em Julho do ano passado e designado a que aqui por «acordo de base», que define os princípios segundo os quais os acordos serão revistos, emendados, refundidos ou suprimidos conforme os casos. A revisão destes acordos — em número de cem, mas de que só uns dez teriam implicações políticas e estratégicas de importância — seria actualmente objecto de negociação entre os dois países.

As conversações que levaram à assinatura do «acordo base» duraram cerca de dois anos e meio e foram conduzidas em segredo. Mas é de notoriedade pública que foram marcadas por ásperas negociações entre as duas partes, nomeadamente pela atitude reticente dos americanos quanto a renunciar aos privilégios, por vezes abusivos, de que dantes usufruíam. Parece em definitivo, que se os americanos aceitaram o princípio de uma revisão dos acordos existentes foi em grande parte por causa do incremento dos sentimentos anti-americanos, que se vem registando na Turquia, desde 1964 (têm-se sucedido violentas manifestações, nomeadamente por altura das visitas da VI Esquadra aos portos turcos).

Afirma-se em Ankara, de fonte autorizada, que os responsáveis da diplomacia turca teriam meticulosamente recenseado e estudado os acordos bilaterais concluídos entre os E. U. A. e uns cinquenta países, e que graças á revisão em curso, a Turquia viria a ser incontestàvelmente o parceiro mais privilegiado dos E. U. A. Ainda segundo a mesma fonte se o conteúdo do «acordo de base» se mantém secreto, é, em grande parte, porque os americanos recearão reclamações por parte dos seus outros aliados no caso de as concessões feitas á Turquia virem a ser conhecidas (apenas se conhecem certos princípios: respeito mútuo da soberania, gestão comum das bases americanas).

A Imprensa independente e a oposição censuram o Governo por este deixar a opinião pública na ignorância sobre uma questão que lhe interessa o mais possível, visto que a Turquia pode ser de facto, arrastada para uma guerra devido aos seus compromissos e á existência de bases nucleares americanas no seu território.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

As críticas da oposição

O Governo fundamenta-se num artigo da Constituição que o dispensa de pedir a autorização do Parlamento para a adopção de acordos de execução concluídos na base de um tratado internacional. A oposição objecta, afirmando que, além de ser inadmissível que se não informe a opinião pública, esses acordos bilaterais ultrapassam, por vezes, o quadro da N.A.T.O. para se tornarem instrumentos da política externa americana. Este aspecto dos acordos, contrário à soberania turca, deveria, segundo a oposição e a Imprensa, devia ter sido submetido á aprovação do Parlamento. Foi isso o que reclamou o «leader» da oposição. Inönu, num importante discurso sobre a política estrangeira.

Com a força da sua experiência em matéria de diplomacia, adquirida num meio século de participação «nos negócios», o velho companheiro de Ataturk alertou o Governo contra *«a utilização da Turquia pelos E. U. A. ao serviço dos seus objectivos planetários»*. Achando inadmissível que a Turquia possa um dia ser arrastada para uma guerra sem autorização do Parlamento, Inönu declarou que *«o Parlamento é que deveria decidir se uma agressão cometida contra um membro da N.A.T.O pode ser considerada uma agressão contra a Turquia»*.

Por outro lado, Inönu, retomando uma crítica muitas vezes expressa contra a N. A. T. O. entendeu que a estratégica da réplica flexível adoptada por esta organização suprimiu a garantia de assistência automática para os países situados na periferia da Aliança. E assim a Turquia poderia ser alvo das armas soviéticas dada a sua pertença à aliança, sem ter por isso a garantia de que os E. U. A. e os outros membros da N. A. T. O. viessem em seu socorro.

O editorialista do quotidiano *Milliyet* lembra que o presidente Johnson, na sua famosa carta de 1964 a Inönu, então presidente do conselho, declarara sem embargo que, em caso de ataque soviético contra a Turquia, a N. A. T. O., devido á crise cipriota, não se consideraria presa pelos seus compromissos para com a Turquia. E o editorialista chega a acrescentar que Inönu sabe por experiência do que fala.

Chamando a atenção do Governo para as mudanças intervindas nas relações Leste-Oeste desde a criação da N. A. T. O. para cá, o *leader* da oposição convidou-o a reconsiderar os acordos bilaterais e a posição da Turquia no seio da Organização Atlântica.

O editorialista do *Cumhuriyet* cita, a este propósito, o exemplo do general de Gaulle que *«foi o primeiro a aperceber-se das mudanças intervindas no quadro da N. A. T. O. e a retirar daí as devidas consequências»*. Inönu, com efeito, retomou no seu discurso ideias há muito expressas, nomeadamente na Imprensa. Mas estas poucas possibilidades têm de ser aceites pelo Governo. Com efeito, o presidente do Conselho, Demirel, numa conferência de Imprensa dada recentemente, refutou os argumentos de Inönu, entendendo *«que fazer parte da N. A. T. O., nos permite não ficar isolados perante a ameaça»*. Recusou-se, por outro lado, a considerar as novas condições que prevalecem nas relações Leste-Oeste e acrescenta: *«todos nos lembramos como e porquê entrámos na N. A. T. O.»*

A venda e a compra de antepassados

Na altura em que nos leilões de pinturas, nos antiquários, na própria Feira da Ladra, são disputados os retratos de feros guerreiros ou elegantes fidalgos de antanho, para depois irem ser colocados nos salões familiares, mais se pode dizer que há quem compre antepassados do que quem os venda. Mas para um comprar é preciso outro vender. Todavia, nesta bolsa de presunção e poeira, a hora é de alta.

Não vêem certas pessoas ao marcarem a grandeza, a valentia, o talento de seus avós que só fazem acentuar o desnível entre antepassados e presentes? O jornalista Louis Veuillot, em certa reunião onde uns enfezados físicos ou mentais proclamavam os nomes e títulos de seus avós, toda a árvore descendente, e lhe perguntaram pela genealogia própria, respondeu:

— Eu ascendo de um tanoeiro!

Os que realizam o esforço da subida têm mais de que se ocupar do que de pruridos genealógicos. Nem lhes sobra o tempo para olhar à retaguarda. Que uns e outros, compradores ou vendedores de ascendentes se igualam bastante lá isso parece-nos verdade. Onde é que Paul Bourget nos conta a seguinte história?

Um aspirante a nobre ia comprar um título. E Luís XIV ou Luís XV, um rei qualquer chamado Luís, que lho ia vender, diz-lhe:

— Quero dizer-lhe que tenho o maior desprezo pelas pessoas que compram títulos!

— E pelas pessoas que os vendem, «Sir»?

RAUL REGO

Nota do dia

IDEIAS A FIXAR

O SEGUNDO ALVO para que daqui se tem feito pontaria, a seguir ao da educação, pode dizer-se que é o da saúde. Da última vez que se «disparou» foi precisamente há um mês, em 12 de Janeiro. E aí se sugeria a urgência de rever as coisas, o que não quer dizer que necessàriamente tudo estivesse mal, mas de rever o conjunto, aproveitar o que for possível, deitar fora inexoràvelmente o que não prestar e, principalmente, esta coisa indispensável de conjugar mesmo um verbo de que muito se fala, o verbo «coordenar». Tudo isso se reportava, recorde-se, à existência de duas redes concorrentes em dois ministérios diferentes, o da Saúde e o das Corporações.

Claro que tal ideia estava implícita quando, ao remodelar o elenco do seu Governo, o prof. Marcello Caetano confiou à mesma pessoa a gerência dos dois ministérios. E a concretizar o propósito aí evidenciado, viu-se agora o ministro responsável pelos dois sectores, dr. Rebelo de Sousa, designar uma comissão permanente com o encargo de se ocupar do estudo dos problemas relacionados com essa coordenação. Presidida pelo prof. Miller Guerra, que há mais de dez anos vem a ocupar-se do esboço de definição das actividades profissionais dos médicos, a comissão, embora de carácter consultivo, terá uma palavra a dizer.

Ao mesmo tempo, procedeu-se nos hospitais civis à designação, por eleição, dos delegados de todos os escalões de pessoal com vista a promoverem-se reuniões de estudo da reforma, que se deseja e prevê, das estruturas hospitalares nos seus múltiplos aspectos, que vão desde as condições de trabalho até aos da forma como é prestada assistência aos doentes. E a obra é tida por urgente, concretizada essa urgência, como foi, logo a seguir a uma reunião do secretário de Estado, dr. Gonçalves Ferreira, com os responsáveis pelos diferentes sectores, hospitalares. Como método, parece impecável: fazer intervir na decisão toda a gama de experiências.

Claro que os problemas são muitos, como se sabe, pois há os dos médicos, os dos enfermeiros, os dos técnicos como os radiologistas, os do próprio pessoal das administrações, que talvez tenha sido o sector mais mexido nos últimos anos. Tudo é importante, tudo carece de ser considerado, tudo são peças da máquina cujo funcionamento se pretenderia ver perfeito, sabendo-se embora o que são os custos. Ligar tudo isso, tornar convergente o que é concorrente, tornar harmónico e colaborante o que diverge ou colide, tudo isso é o mínimo que se requer. De alto a baixo e também para os lados, porque há tantas carências como pode haver duplicações.

Mas ainda não se disse, não se disse pelo menos até aqui (e é preciso dizê-lo antes de chegar ao fim) o nome da entidade que falta mencionar neste árduo complexo onde se vêem médicos, enfermeiros, técnicos, administradores, auxiliares, etc. O nome que falta é o do verdadeiro destinatário de todo o sistema, o doente. E ao falar-se do doente transige-se com a rotina de uma ideia ultrapassada: é que o serviço destina-se ou deve destinar-se a preservar a saúde, mais do que a curar a doença. Esse é que é o conceito actual, o que se tem por justo e económico. Um povo que defende a sua saúde como um bem começa a poder ser um povo rico. O resto são remendos. Mas esta novidade de conceito será realmente uma novidade? Então o que sabiam os povos quando puseram a circular a sua velha fórmula de que mais vale prevenir do que remediar? Pois é isso.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Josefina Baptista Marques

Na sua residência no Vimeiro, faleceu ontem a sr.ª D. Josefina Baptista Marques, pessoa muito estimada pela simpatia e generosidade de coração que a todos dispensava. A extinta que era viúva, contava 95 anos, presentemente a mais idosa residente desta Santos, D. Maria do D. Maria da Conceição Baptista Santis, D. Maria do Carmo Baptista Marques Bentes, D. Piedade Marques Rocha e D. Maria Luísa Baptista Pinhão e do sr. Francisco Baptista Marques (já falecido).

D. Josefina Caldeira

Faleceu, ontem, em Mação, de onde era natural, a sr.ª D. Josefina Caldeira, de 84 anos, viúva, mãe do sr. Eduardo Rodrigues Caldeira e de D. Deolinda Rocha, tia-avó do sr. Eduardo da Conceição Caldeira e do dr. Manuel Rocha, funcionário superior da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Dr. António Maria Ramos

Para o cemitério da Ajuda realizou-se o funeral do dr. António Maria Ramos, que era notário aposentado.

O falecido, que tinha 68 anos, era pai das sras. D. Maria Helena, D. Sofia, D. Olga e D. Dora Elsa Santos Ramos, e sogro do sr. eng.º Agostinho Gonçalves Pereira.

QUASE 500 MIL QUILOS DE PEIXE E MARISCO REJEITADOS PARA CONSUMO

Durante o passado mês de Dezembro, os serviços médico-sanitários da C.M.L. prosseguiram no trabalho de inspecção de produtos destinados aos mercados.

Foram aprovados para consumo: Carnes e produtos derivados — 457 764 quilos; peixe e marisco — 4 535 953; ovos — 440 527; lacticínios — 314 289, e criação e caça — 281 937 peças.

Produtos rejeitados como impróprios para consumo: Carnes e produtos derivados — 193 quilos; peixe e marisco — 448 535; ovos — 3229; lacticínios — 5; diversos — 50, e criação e caça — 1087 peças.

Fizeram-se 23 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras; 2160 a mercados e outros estabelecimentos para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares, e 12 a estabelecimentos, tendo a fiscalização móvel apreendido produtos transportados em veículos.

No Matadouro Municipal de Aves foram inspeccionados e aprovados para consumo 222 255 frangos, galinhas, patos, perus e coelhos, e rejeitadas 2122 peças.

No Centro Municipal de Inspecção e Classificação de Ovos, inspeccionaram-se, para consumo publico (em fresco) 6 235 315 unidades, e destinados á industria 914 344, foram rejeitados 64 584 ovos.

O movimento do Matadouro-Frigorífico traduziu-se pelos seguintes numeros: reses abatidas e aprovadas para consumo — bovinos adultos, 5351, com 1 146 180 quilos; bovinos adolescentes — 304 com 23 547 quilos; suínos — 65 com 4368 quilos; ovinos — 12 066 com 155 751 quilos; caprinos — 192 com 2124 quilos; e equídeos — 413 com 70 498 quilos.

Foram rejeitados totalmente: bovinos adultos — 127 com 27 581 quilos; bovinos adolescentes — 2 com 137 quilos; ovinos — 58 com 637 quilos; caprinos — 1 com 15 quilos, e 4 equídeos com 724 quilos. Parcialmente, também foram recusados á venda 3987 quilos de carne.

Leite pasteurizado aprovado para consumo publico: em garrafas de litro — 2 721 422 l; em garrafas de meio litro — 855 358 l; em garrafas de um quarto de litro — 127 172 l; em bilhas — 447 275 l. Leite rejeitado para consumo publico 45 333 litros.

O carro mais rápido, mais luxuoso e mais confortável, criado até hoje pela Volkswagen!
Tem pràticamente o mesmo chassis do Porsche 911 — um eixo traseiro com barras de suspensão transversais, de articulação dupla e amortecedores telescópico-helicoidais à frente.
Pneus radiais.
Tem um espaço interior amplo e 4 portas.
Os bancos individuais são ajustáveis para diante, para trás e em altura.
O seu sistema de aquecimento é regulado por termostato e funciona mesmo com o carro parado.
O sistema de ventilação não origina correntes de ar e tem um dispositivo para renovar o ar viciado.
A sua carroçaria é monobloco, à prova de choques e de torção. A coluna do volante, no caso de impacto, é compressível.
O sistema de travões é de duplo circuito.
Um novo VW. Um Volkswagen de excepcional presença. Robusto, económico e ... de longa vida!

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Av. da Liberdade, 12 — Telefs. 36 67 51/7 - 37 01 71/5 • Lisboa

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA — R. DA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, ANGRA DO HEROÍSMO, BISSAU, FUNCHAL, HORTA, PONTA DELGADA, S. TOMÉ

AMÁLIA RODRIGUES E OUTROS ARTISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

Seguem esta tarde para os Estados Unidos da América do Norte, contratados pelo empresário António A. Costa, os artistas Amália Rodrigues, Dino Rodrigues, Fernando Tito, Sissi e Maria Adelaide, os guitarristas Joel Pina e Fontes Rocha e, ainda, o conjunto de Shegundo Galarza, que ali vão participar em seis espectáculos e gravar quatro programas destinados ao Canal 6, da TV de Nova Bedford.

Esta é a primeira de uma série de caravanas que durante o corrente ano vão participar neste «circuito» de exibições.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «A morte vem a cavalo».
REALIZAÇÃO — Giulio Petroni.
INTÉRPRETES — Leo Van Cleef, John Philip Law e outros.

Trata-se de mais um «western» italiano, dobrado (mal) em inglês e filmado em terras de Espanha, como se pode suspeitar suspeitando do carácter (castelhano?) da paisagem e verificar verificando a marca (indelével?) que a Renfe deixa nos seus vagões de mercadorias.

Importando certos mitos do *western* genuíno (por exemplo, os da vingança e da aprendizagem), mas degradando a sua inserção num espaço que sociològicamente os renega, o *western* italiano macaqueia-lhes a semelhança e aplica-a *crapulosamente* junto de um consumidor culturalmente subdesenvolvido, isto é, distraído de si e do que o cerca, incapaz (ou incapacitado) de reagir criticamente face ao que consome. O, em suma, chamado papa-tudo com a abulia que se lhe vê na cara.

Porquê *crapulosamente*?

1) Porque se tenta fazer passar um produto por aquilo que não é, o que, em linguagem de lei, se denomina vulgarmente falsificação. O caso a que aludo pode chamar-se tentativa de americanização, e não é passível de cadeia, que eu saiba;

2) Porque nunca nenhum falsário que se preze mostrou empenho em fabricar uma falsificação melhor que o original, e se isso sucedesse é porque se tratava de uma falsa falsificação que, por ser falsa, deixava de o ser.

Não podendo o W. I. competir ao nível das estruturas de produção com uma cinematografia criadora de um género que começa por fazer parte da sua mitologia nacional e, em alguns não raros casos, nos chega sancionado pela assinatura de nomes altamente prestigiosos dos mais ilustres da história do cinema, que, precisamente, firmaram os seus créditos no bom uso do modelo (Ford, Hawks, Walsh, Vidor, Ray, por ex.) havia que tirar da inferior qualidade dos materiais usados todo o proveito possível. De que maneira? Por um lado produzindo em série e barato (mão-de-obra, actores de segunda, argumentistas de terceira, realizadores de quinta, etc.) e, por outro, explorando até a indigestão a violência das situações com a requerida premeditação escatofágica.

Se o *Western* americano vinha evoluindo no sentido de uma mais complexa ambiguidade de caracteres e de desenvolvimento narrativo, aqui, pelo contrário, acentuam-se os maniqueísmos, exacerbam-se as patifarias e as redundancias da escrita receitada e convencionada.

Petroni, *il regista*, apreendeu o *animus* da maningancia e alguém o condecorará por isso. Falta-lhe, é certo, tafenot e imaginação, como aliás convinha. Ficou-se alarvemente pelo *zoom* á frente para sublinhar rostos duros e mortandades. Tanto bastava. Resta dizer que não estava nos meus propósitos pôr frente a frente os maus da Cinecittà e os bons de Hollywood, pois nos tempos que correm não se sabe muito bem as voltas que o capital dá, e nada me garante que não tivesse estado a falar de uma e mesma entidade. Quanto á morte, talvez venha, de facto, a cavalo, mas como uma desgraça nunca vem só aconselho o leitor a não ir ao Avis. Olhe que quem produz, distribui e exibe assim, quer é andar a cavalo em quem lá ponha os pés. Se deseja mesmo ir ao cinema, vá ver «Dia de Cólera», que é pouco mais caro e tão belo e feroz como o lugar exacto onde a luz fere e desnuda as almas.

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

• NO ODEON

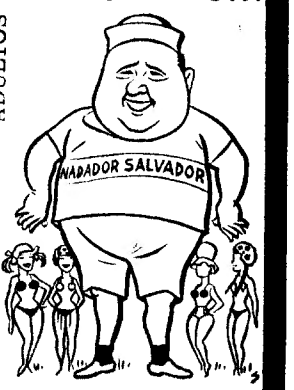
TÍTULO — «O destino marca a hora».
REALIZAÇÃO — Henrique Campos.
INTÉRPRETES — Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva, Alberto Pimenta, Jorge Manuel Torres, etc.

Toda uma selecta assistência ajaezada «Ao Elegante de Almirante Reis» aplaudiu, lágrima no olho, comovida, tremebunda, a odisseia amorosa de um Casanova-do-Alto-do-Pina aparelhada segundo o estilo rocoçó (ou só cocó, para abreviar) que advém da associação Fotonovela A. P. R., Parque Mayer, Henrique Campos, Quando o Telefone Toca e Odeon.

O escrilho que vai já-já abaixo...

(Continua na pág. seguinte)

HELENA TAVARES no lindo fado «Quando a Noite Vem»

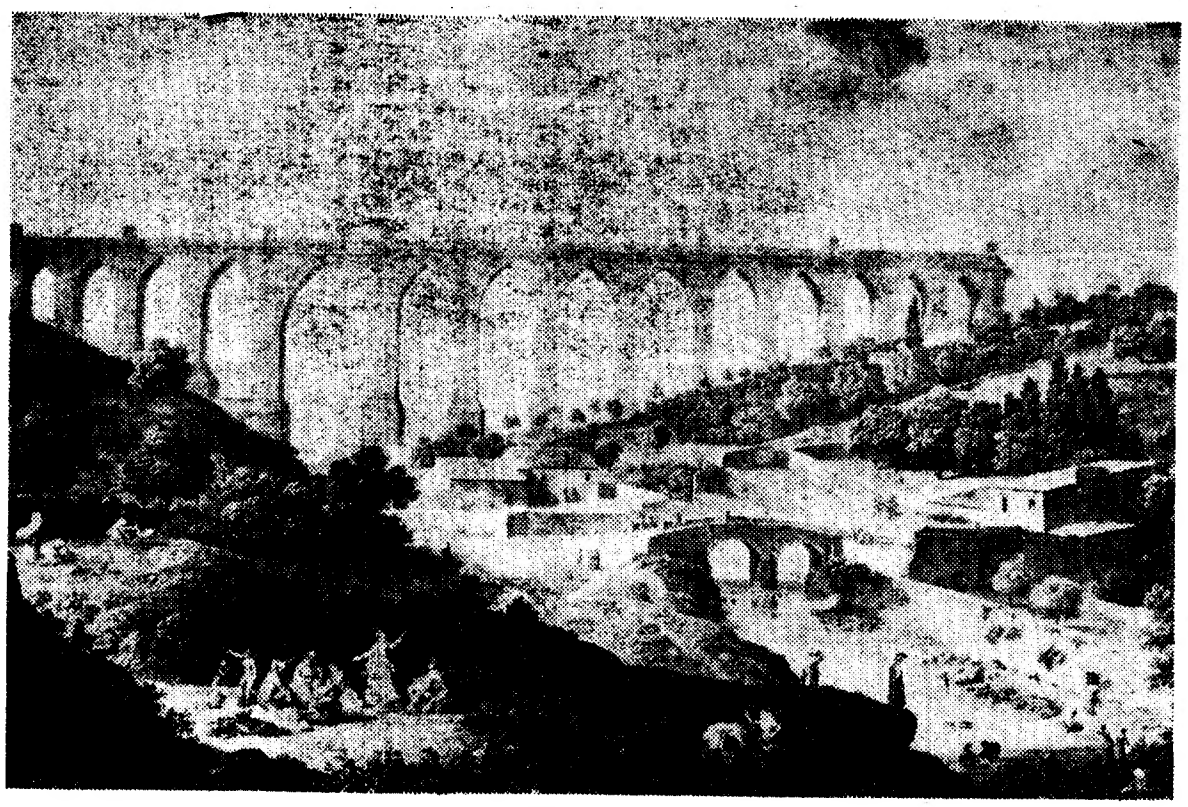
• O CARNAVAL ACABOU, MAS...
A alegria continua, permanente, no
MARIA VITÓRIA
ADULTOS
• HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS, A COLOSSAL REVISTA
• ESPERTEZA SALOIA •
DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 H.
Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO COM:
SALVADOR — JOSÉ VIANA — MARIEMA
BARROSO LOPES — DORA LEAL
VÍTOR MENDES — DINA MARIA — CRISTINA CASSOLA
E AS ATRACÇÕES
HELENA TAVARES e «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
• EM 5.º MÊS!!!


VICTOR MENDES no «Salva-Vidas»

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 HORAS
ADULTOS
A REVISTA POPULAR QUE É UM ESCÂNDALO DE GARGALHADA!
UM ÊXITO EM 3.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!

ELOINA em «Aluna do Amor»
COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA:
AIDA BATISTA • CARLOS COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA • M. FRANCO
e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional
Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

CAMPOLIDE



Uma das mais tradicionais e aprazíveis zonas lisboetas, hoje progressivo e denso aglomerado populacional,

É servida, a partir de agora, por novas instalações da Dependência do,

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

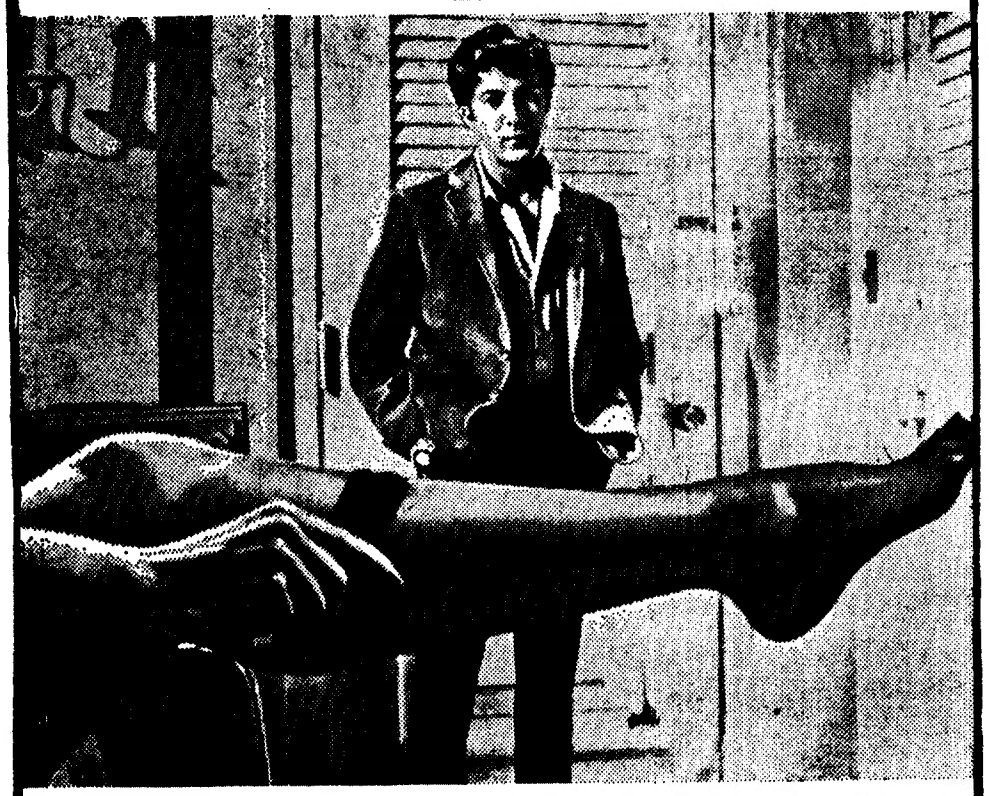
RUA MARQUÊS DA FRONTEIRA Nº 84 A * TELEF 654348/9

SÃO JORGE
PRÓXIMA ATRACÇÃO RANK

entra a esgotar lotações em

5ª SEMANA

o mais discutido e ousado filme da temporada!



ADULTOS

THE GRADUATE

A PRIMEIRA NOITE

Oscar para o melhor realizador

MIKE NICHOLS

United Artists

ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

xo-assinar estremeceu-se de riso de piedade, de revolta, de nojo, de espantação por mais este superlativo da idiotia, por mais este cúmulo da pelintrice. Todas as considerações estão feitas sobre um tal tipo de produção cinematográfica, sobre o seu equívoco de raiz, sobre a sua malfeitoria artesanal, sobre a sua absoluta nulidade conceptual e artística, que vai ao encontro (por quanto tempo ainda?) das mais rasteiras, das mais acéfalas, das mais indigentes solicitações de um público definitivamente coisa-nenhuma. BASTA! ZERO! FORA!

VÍTOR SILVA TAVARES

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «Dia de Cólera» («Dias Irae» ou «Vredens Dag»).

REALIZAÇÃO — Carl Theodor Dreyer, 1943 (Dinamarca).

INTÉRPRETES — Thorkild Roose, Preben Lerdoff, Sigrid Neeiendam, Lisbeth Movin, Anna Svierkier, etc.

Carl Theodor Dreyer, depois de muitos anos de silêncio, acaba finalmente por ser revelado ao publico português. Após «Gertrudes» é «A palavra», eis que se estreia comercialmente «Dia de cólera». A juntar a estas exibições há que referir a retrospectiva (quase) completa da sua obra levada a efeito na Cinemateca Nacional. O que, por outras palavras, quer dizer que vamos finalmente ter o conhecimento satisfatório de um dos mais importantes cineastas de toda a história da cinematografia mundial e seguramente o mais significativo autor do cinema dinamarquês.

Posto isto, «Dia de cólera» data de 1943. A anterior obra de Dreyer («Vampyr») vem assinada de 1932. Onze anos rodeiam entre ambas. Onze anos durante os quais Dreyer se mantém improdutivo (ou pelo menos ocupado com a realização de curtas-metragens que, por muito curiosas que sejam, só confirmam na prática a irremediável perda que o seu silêncio acarretou). Este o drama de homens incompreendidos no seu próprio país. Esse o drama de um Manuel de Oliveira, por exemplo. Aqui e agora.

«Dia de cólera» é, seguramente, o filme mais impressionante e perfeito de Dreyer após «A paixão de Joana d'Arc». Concilia em si o melhor de um estilo narrativo particularemnte rico, austero e sugestivo, com um argumento de grande densidade dramática e de uma modernidade exemplar. A que se vem acrescentar uma ambiguidade de interpretações que, longe de lhe limitarem o alcance lhe abrem campos novos de compreensão.

Numa Dinamarca seiscentista (em que as referências á escola flamenga são flagrantes), Dreyer irá contar-nos a história de Absalon Pedersen, um pastor protestante que casa em segundas nupcias com uma jovem, Anne. Martin, filho do primeiro matrimónio de Absalon, regressa á casa paterna no mesmo dia em que uma velha é ali apanhada, acusada de bruxaria e condenada á morte na fogueira.

Antes, porém, de ser punida, essa velha revela a Anne que também a mãe desta fora outrora condenada por pena semelhante, tendo sido perdoada pela interferência *interessada* do pastor Absalon. Este facto leva Anne a afastar-se do seu marido e a aproximar-se gradualmente de Martin, também ele impressionado com a barbaridade da sentença. Essa atracção cedo transborda para o amor e Absalon acabará morto quando descobre a verdade das relações entre Anne e o seu filho Martin.

No dia do enterro do marido, Anne será acusada de bruxaria e também de ser a causadora da morte de Absalon. Em vez de tentar defender-se, Anne aceita quase que passivamente a condemação, imolando-se a si mesma em nome de um amor que descobre impossível.

Este argumento, por onde perpassa o olhar inquietante de Anne, jovem cujos poderes sobrenaturais ficam pairando de forma indefinida e vaga, é um libelo violento contra a Inquisição, a intolerancia e o fanatismo, bem assim como a denuncia de um certo tipo de hipocrisia que lhe é subjacente. Admirável é neste aspecto toda a sequência do julgamento da velha bruxa, um dos mais notáveis momentos de toda a história do cinema e muito também em função da espantosa interpretação de Anna Svierkier, de um rosto esplendorosamente belo e puro, emoldurado por uma cabeleira branca, desalinhada e frágil. Os juizes, retirados directamente de um quadro de Rembrandt, desfilam, impassíveis e medonhos, frente á figura atormentada e martirizada da velha bruxa, que tudo confessa e tudo confirma só para ser poupada a mais interrogatórios e torturas. Entretanto o velho Absalon escreverá mais tarde no seu diário que esse foi um *belo dia*, devotado ao Senhor...

Admirável no desenho das figuras, que atravessam «Dia de cólera», Dreyer constrói com Anne uma das mais espantosas mulheres de todo o cinema. A sofreguidão do seu olhar, a descoberta sensual do amor que se desprende do seu rosto, a sua apetência pela vida (que se manifesta cabalmente num diálogo estabelecido entre ela e Martin, quando este invoca a morte como unica solução para o seu pecado e ela estranha este procedimento, ela que só ansela pelo prolongamento terreno da felicidade que a possui longe de qualquer ideia de redenção).

Haverá ainda que referir o tratamento estilístico dado á obra. Dreyer alterna cenas

(Continua na pág. seguinte)

Uma cena de «Dia de cólera»

IMAGEM DO DIA

Entrou ontem na 9.ª semana de exibições o brilhantíssimo filme HELLO, DOLLY, que a crítica e o público consideram unânimemente uma obra-prima.

Entre outros motivos de atracção, destacamos, além da magnífica realização em TODD-AO-Cor de LUXE por Gene Kelly, a notabilíssima interpretação de BARBRA STREISAND ao lado de Walter Matthau.

HOTEL DOM CARLOS

Mercê do nivel da nossa cozinha internacional e da selecionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».

ALMOÇO DE AMANHÃ:

BACALHAU À MODA DO CHEFE

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

COLISEU

SÁBADO, 14

À TARDE, às 16 horas,
Entrada gratuita às crianças até 10 anos

À NOITE, às 21.30
Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

CIRCO

As maiores atracções
A célebre e espantosa

MULHER DE FERRO

HOJE, 2 SESSÕES ÀS 21 HORAS E ÀS 23 HORAS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET

VASCO MORGADO APRESENTA

SÓ PARA ADULTOS

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(Gargalhadas)

O VISON VOADOR

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(Gargalhadas)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

em interiores profundamente marcadas e estudadas, com sequências breves, em liberdade, onde os jovens amantes desfrutam o convívio da natureza e se deixam contaminar pelo ambiente.

Dreyer, em 1943, possuía já todo o arsenal técnico que lhe permitiu impor um estilo própria, fàcilmente definível. Não só o gosto pelo enquadramento como ainda a montagem (e o recurso ao contraste ou á emergência de situações, lição tirada de Griffith) e até os movimentos de camara, circulares, preenchendo todo o espaço interior de um cenário.

Obra-prima incontestável, «Dia de cólera» merece a presença maciça de todos aqueles que esperam do cinema a maturidade uma escrita e a transparência de uma personalidade. Tudo isso oferece Dreyer, com o rigoroso traçado de um cinema ascético e místico que procura a essência do homem e dos seus movimentos mais íntimos.

Vinte e tantos anos após a sua realização, «Dia de cólera» permanece uma obra de admirável modernidade.

Nota final: Lamentável é a forma como os filmes continuam a ser exibidos no Cinema Estudio. Em virtude de as proporções do «écran» não serem as regulamentares, desaparecem duas fatias do filme que ora cortam cabeças, ora emitem legendas de forma verdadeiramente inacreditável. Se há filmes em que os enquadramentos são determinantes, «Dia de cólera» é um deles. Pois todos os enquadramentos da película foram falseados. O que é grave.

LAURO ANTÓNIO

• NO OLIMPIA

Título: «7 Contra Todos».
Realização: Michel Lupo, 1965 (Itália).

Cada vez mais desacreditado (e cada vez mais raro, agora que os estudios italianos lhe parecem preferir «westerns», filmes de guerra ou de espionagem) o *peplum* (ou seja o filme «histórico», baseado em temas e figuras mitológicas da antiguidade clássica ou oriental, tratadas em estilo da série Z), já não convence nem as plateias mais ingénuas dos cinemas populares. À força de repetição, dos «clichés», da degradação contínua, os heróis lendários (essa fauna que vai de Maciste a Hércules, de Sandokan a Ulisses, a Zorikan, de Tauro a Espártaco, etc.) tiveram de trocar as vestes, já que outra coisa não era possível substituir na engrenagem industrial transalpina. Com manifesta falta de talento e de imaginação, foi assim que os heróis lendários de Siracusa, Roma ou Atenas começaram a aparecer trajando os enormes capotes mexicanos de qualquer Ringo falsificado ou de um Gringo de importação.

Pois «7 Contra Todos», filme de Michele Lupo realizado em 1965 em Itália (e já estreado entre nós, no Avis em 1966), parodiando o género, sem no entanto entrar abertamente pela via da desmistificação, consegue equilibrar a sátira e a aventura, proporcionando duas horas de agradável distracção inconsequente e bem humorada. Sete magníficos acrobatas (e deles mais não se pode exigir senão isso mesmo: acrobacias) preenchem um «écran» de Techniscope com um sensacional (e desopilante) arraial de pancadaria. E, no entanto, como estamos longe da violência sádica da maioria dos «westerns» italianos. Aqui tudo se passa ao nível da «jonglerie», encadeado num ritmo constante de acção espectacular, com uma movimentação estonteante e até um certo bom gosto na escolha de cenários e figurinos. Um filme de acção, é certo, mas um filme que se vê. E se ouve, pois a musica de Francisco de Masi também não deixa os pergaminhos por mãos alheias.

L. A.

• NO POLITEAMA

Título: «Guerra á TV».

Chamamos desde já a atenção do filme em exibição no Cinema Politeama, comédia invulgar de Jean-Pierre Mocky de que amanhã apresentaremos crítica.

L. A.

«PEGA DE CARAS» NOVA REVISTA NO ABC

Ivone Silva concentra sobre si as atenções gerais ao ser indigitada, uma vez mais, como a primeira figura do cartaz do Teatro ABC, na nova revista «Pega de Caras», cujos ensaios principiaram há alguns dias.

A artista, que ainda recentemente foi classificada por alguma crítica nortenha como «a nossa melhor actriz do teatro de revista», prepara-se para defender o nome que duramente conquistou nos palcos. Ela vai procurar manter — segundo as suas próprias declarações — o nível de trabalho a que já acostumou o publico e que tem sido saudado pelos técnicos.

Em «Pega de Caras» — um original da parceria de escritores Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha — Ivone irá interpretar uma série de figuras diferentes, pondo á prova o talento inegável que possui.

Ivone Silva terá a seu lado Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Nicolau Breyner, Oscar Acursio, Linda Silva, Maria Eva, Carlos Gonçalves, Carlos Queirós e Maria Tavares, além da actriz convidada Clarisse Belo e da grande e popular atracção do fado Fernanda Baptista.

UTILIDADE TURÍSTICA

Foi publicado na 2.ª série do «Diário do Governo» um despacho do secretário de Estado da Informação e Turismo, considerando de utilidade turística prévia o Café Luso, em Lisboa, que funcionará como restaurante-espectáculo.

CAPITÓLIO
Tel. 320379
Às 21.45 h.
O CRAVO ESPANHOL
pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
SÁBADO e DOMINGO
Tarde às 16 horas

IGREJAS CAEIRO
apresenta
com lotação esgotada
HOJE, às 21.45 horas
A ESTREIA ANSIOSAMENTE AGUARDADA
de
A RELÍQUIA
de
EÇA DE QUEIROZ
em teatralização de STTAU MONTEIRO e ARTUR RAMOS
Cenários e figurinos de JOÃO ABEL MANTA
SÁBADO e DOMINGO, À TARDE E À NOITE
(Maiores de 17 anos)
Teatro Maria Matos

Atribuídos os prémios do I Salão de Fotografias de Lisboa

Reuniu-se hoje, na Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o júri (cons. Barradas, Carlos Botelho e arq.º Jorge Segurado) que atribuiu os prémios aos concorrentes do «I Salão de Fotografias de Lisboa» — uma organização de Edições Excelsior para a obra monumental «Lisboa no Passado e no Presente» — patente num dos salões do Palácio Foz.

Os referidos prémios foram assim atribuídos: 1.º, Eduardo Luís Gomes, no valor de 5 000$00 á fotografia com o n.º 96 do catálogo; 2.º, António Homem Cardoso, no valor de 3 000$00, á fotografia com o n.º 21; e 3.º, Ferrari, no valor de 2 000$00, á fotografia com o n.º 84.

HORÁCIO REINALDO VAI CANTAR À GUINÉ

Convidado para uma série de espectáculos destinados ás Forças Armadas que prestam serviço na Guiné, seguiu esta manhã para Bissau o cançonetista Horácio Reinaldo.

O DR. NUNO MORGADO É O NOVO VICE-GOVERNADOR DO BANCO DE ANGOLA

O dr. Nuno Alves Morgado, que desempenhava as funções de director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho e de presidente da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económicos, assume, hoje, o cargo de vice-governador do Banco de Angola, para o qual havia sido recentemente nomeado.

Licenciado em Direito, o dr. Nuno Alves Morgado, entre muitas outras funções, foi secretário provincial de Economia em Angola.

Como director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, cargo para que foi nomeado em 1966, orientou os trabalhos preparatórios da elaboração do III Plano de Fomento.

Presidiu aos grupos de trabalho que estudaram os problemas das isenções fiscais, da orgânica de planeamento das corporações e organismos corporativos e foi responsável pelo sector de Estudos de Demografia Ultramarina do Centro de Estudos Políticos e Sociais.

O dr. Nuno Morgado desempenhou, também, numerosas missões no estrangeiro.

DI STEFANO OU OUTRO?

Como ontem dissemos, o problema da sucessão de Otto Glória na direcção técnica da equipa de futebol do Benfica parece estar em vias de solução imediata. Para o lugar do treinador brasileiro, estaria indicado — e fortemente credenciado — o nome de Di Stefano.

Em contacto com Francisco Calado, chefe do departamento de futebol benfiquista, soubemos, hoje, porém, que, neste momento, Di Stefano constitui apenas uma das muitas hipóteses em estudo pelos responsáveis do clube da Luz e que outros nomes se apresentam com iguais possibilidades. Nesses nomes estão incluídos treinadores de diversas nacionalidades, designadamente alemães, ingleses e austríacos.

O assunto, muito provàvelmente, só será resolvido após o regresso do dr. Borges Coutinho, presidente da Direcção do Benfica, actualmente no estrangeiro, o qual será portador de indicações que por certo constituirão notável achega para a resolução do problema.

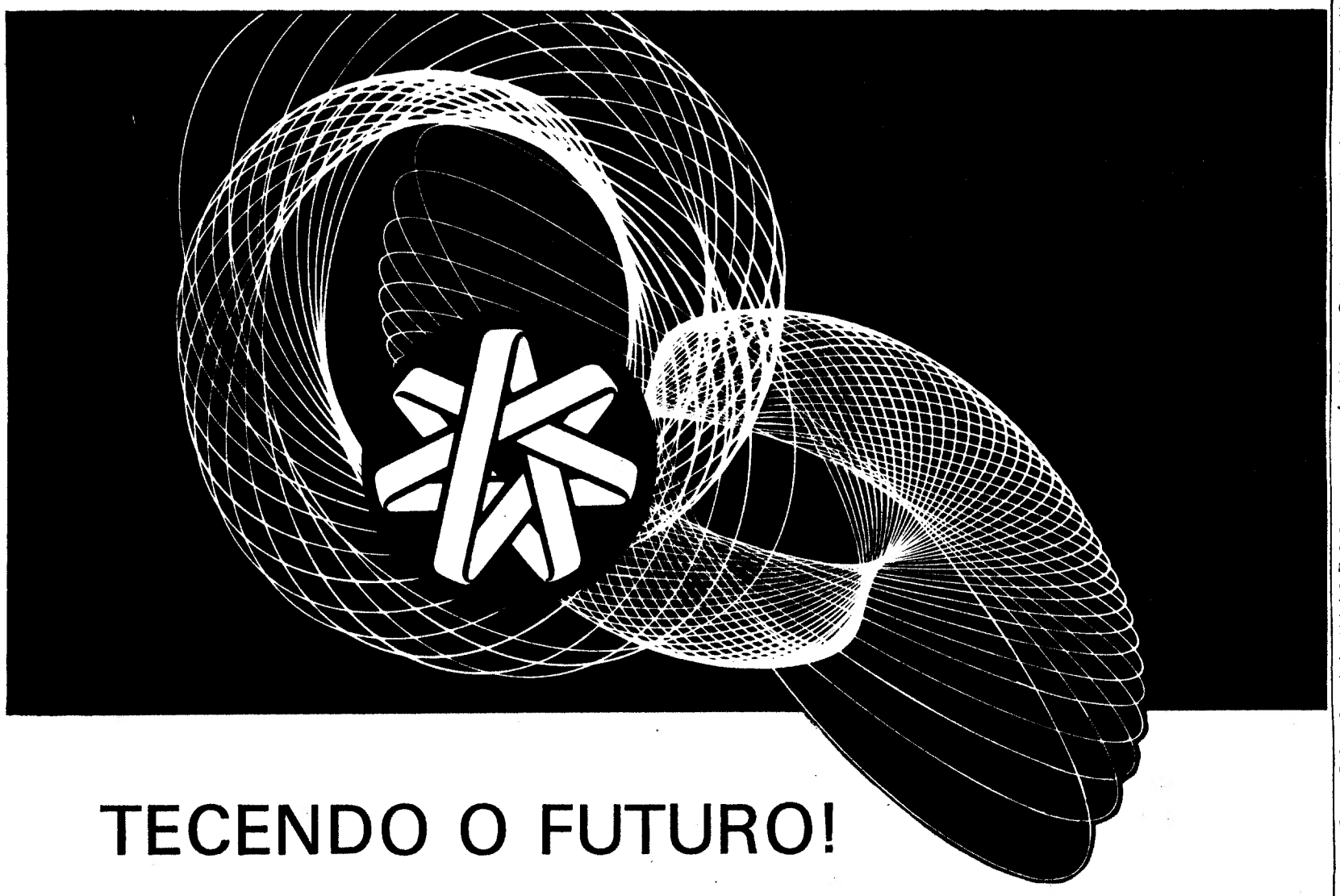
Resta saber até que ponto as reservas do Benfica significam um manter de segredo voluntário, uma vez que existem, sem margem para dúvidas, negociações com o famoso ex-jogador argentino.

CENTENÁRIO DO DR. FRANCISCO LUÍS GOMES

Com uma sessão solene evocativa e sob a presidência do ministro do Ultramar começam hoje, na Sociedade de Geografia de Lisboa, ás 21 e 30 horas, as comemorações do centenário do dr. Francisco Luís Gomes, que desempenhou altos cargos na vida nacional do seu tempo.

Além do ministro do Ultramar, estarão presentes o ministro dos Negócios Estrangeiros, o presidente da Assembleia Nacional e os subsecretários de Estado da Administração e do Fomen-Ultramarino.

São oradores o prof. Agostinho de Sousa, o rev.º dr. António da Silva Rego e o dr. Amândio Cesar.



TECENDO O FUTURO!

Participe connosco no esforço
de fomento da economia nacional.
Construa a sua riqueza ajudando
a construir a riqueza do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,
isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ALHANDRA: O PÓ DO CIMENTO PREOCUPA A POPULAÇÃO

«É coisa que não sai senão com ácido»

Urgia solicitar a alguém responsável dentro da Fábrica que nos explicasse as razões aduzidas. Para lá nos dirigimos. No caminho ficámos admirados com certos pormenores de abandono não isentos de certa desolação.

Disse-nos o sr. Macieira:

—Desde as cheias de há um ano (lembra-se?) a vila está um bocado ao deus-dará. E acrescentou: *viu aquele automóvel? Está a ver aquela vedação toda partida? É um perigo para as crianças da escola mesmo em frente. É claro que a C. P. podia evitar, mas*

Voltámos a falar do pó do cimento.

— Quando a coisa é forte chega a tapar quase o sol. E acrescentou — *entra-nos para a vista tapa-nos os óculos.*

— E a saúde pública? — perguntámos.

— Foi afixado há tempos um edital na Junta de Freguesia onde se esclarecia entre outras coisas que na Suíça os sanatórios de tuberculosos eram proporcionalmente situados junto de fábricas de cimento para nos provar que não havia perigo.

Chegámos á fábrica á hora do almoço.

Havia operários que saíam. Interpelámos o sr. André Baptista (nome inscrito no capacete).

— Lá dentro (apontou para as instalações da fábrica) *quem «trata» com o pó anda com máscaras.*

— Há perigo para a saúde?

— Não senhor, isso não senhor. Até há inspecções médicas anuais. Muito rigorosas. Não houve casos de doença por essa causa, que eu saiba. Boa tarde. Tenho que ir ao almoço.

Um filtro é uma máquina

Esperámos que a reunião acabasse e finalmente o sr. eng.º Azevedo Gomes atendeu-nos. Fizémos perguntas e ouvimos:

— Bem, o electrofiltro é uma máquina. Como todas as máquinas está sujeito a avarias.

O azar da gente de Alhandra é o filtro avariar-se com o vento soprando de sul...

— Por que razões há essas avarias?

— É difícil explicar-lhe. Refiro-lhe todavia que são coisas que têm que ver com a parte eléctrica.

Continuámos a falar das razões técnicas dos efeitos das falhas. A certa altura o sr. eng.º Azevedo Gomes atalhou-nos:

— Para a agricultura, para os campos, até é bom. Agora as pessoas de Alhandra —eu inclusive, que aqui vivo — ficam irritadas por causa dos automóveis.

E concretizando: *as pessoas ainda estão bem lembradas dos resultados de uma avaria no electrofiltro, no passado mês de Janeiro.*

(«O pó entrava-nos para a vista, tapava-nos os carros, os telhados de cinza» — tinham sido as palavras do sr. Macieira).

— Depois há o forno 4. As pessoas iludem-se um pouco com o que vêem sair dele mas a verdade é que grande parte é vapor de água (a 36 por cento) *são temperaturas mais perto da condensação. De resto ultimamente tem estado a trabalhar melhor.* E logo a seguir: *no que se refere ao forno 5 muitas vezes chego a telefonar lá para baixo temendo que esteja parado. É que* — explicou — *o forno é a máquina principal da fábrica e o sinal que se escoa é, por vezes, quase tão imperceptível, que sou levado a ter essa dúvida.*

Não há perigo para a saúde?

Interrogámos seguidamente o eng.º Azevedo Gomes sobre algum problema de saúde entre os operários:

— A nossa pedreira é de calcário e não de sílica. Em todo o caso como as inspecções são mesmo muito rigorosas, há tempos detectou-se um foco num operário. Verificou-se todavia que a coisa não tinha sido derivada do seu trabalho aqui, mas sim no trabalho dos carvões de sobro, no Alentejo, onde ele teria contraído a doença.

Com filtro e sem filtro

Espontâneamente o eng.º Azevedo Gomes ofereceu-se para que testemunhássemos ao vivo o que se passava quando o electrofiltro era desligado.

Verificámos, efectivamente como o caudal de «fumo» aumentava assombrosamente e então perguntámos.

— A fábrica tem ou não tem interesse em que o filtro funcione?

— Nós temos de facto dois aproveitamentos — respondeu-nos o eng.º Azevedo Gomes — *um é para produzir aquilo que no mercado se designa por calcário; outro é, a recirculação no forno, o que conduz a uma maior capacidade de produção.*

— Que tempo leva o arranjo do electrofiltro, quando se avaria?

— Normalmente numas horas resolve-se o problema.

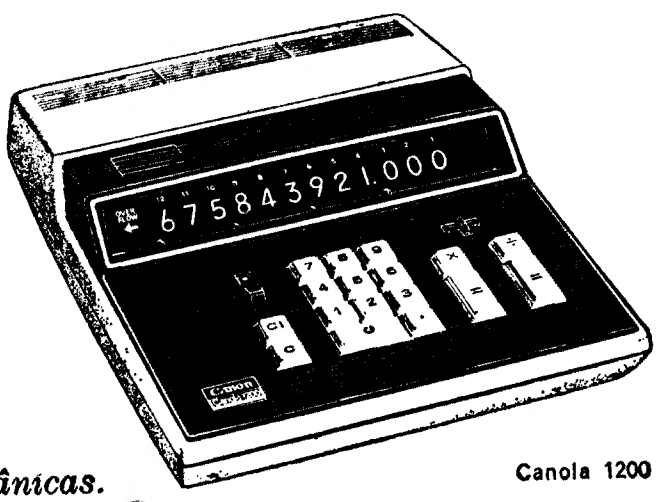
Já no final da reportagem ouvimos ainda o eng.º Azevedo Gomes falar dos tempos anteriores á montagem do forno 5, ou seja dos telhados-cinza que dia a dia foram ressurgindo avermelhados. Que a população de Alhandra tome nota, para acabar com os seus sobressaltos.

«Um filtro é uma máquina: o azar da gente de Alhandra é uma avaria com vento do Sul»

Conte com Canon

Porquê? O cérebro electrónico de secretária **Canon Canola 1200; calcula em centésimos de segundo. Silenciosamente. Com segurança.** Graças aos minúsculos ICs (circuitos integrados).

Sim. Doze dígitos. E um visor de resultados òpticamente perfeito. Teria que ser connosco. Precisão em óptica e electrónica é o nosso ofício. Que mais poderá desejar? **Uma demonstração? Solicite-a e acreditará.** E conte com o nome Canon.



Canola 1200

...e ao preço de electromecânicas.

COMUNDO
Dept. Equip. de Escritório - Telef. 53 70 91 — LISBOA
SONIPOL
Dept. Equip. de Escritório - Telef. 2 05 53 — PORTO
ZUME — Telef. 2 44 56 — COIMBRA

Canon

«Com amor» — escreve Jackie a um advogado americano

NOVA YORK, 12 — (R.) — Falando em nome de Jacquelinne Kennedy Onassis um informador declarou hoje que «Jackie» se encontra muito aborrecida devido ao caso das cartas que escreveu ao advogado Roswell Gilpatric.

Essas quatro cartas, que são endereçadas a «Meu querido Ros» foram escritas durante um período de cinco anos e tornaram-se esta semana do conhecimento público quando Charles Hamilton, um coleccionador de autógrafos, as entregou á Polícia. Com efeito, Gilpatric queixou-se de que essas cartas tinham sido roubadas do seu arquivo particular.

O informador disse que a sr.ª Onassis se encontra muito aborrecida por causa de Gilpatric, de quem é muito amiga, pois calcula como ele se deve sentir.

O informador negou ainda que a sr.ª Onassis tenha sido a causa da separação, entre Gilpatric e a sua terceira mulher, Madelin.

O jornal «Chicago Daily News» revelava ontem que a mulher do advogado deu a entender, durante uma entrevista, que a amizade entre seu marido e Jacquelinne tinha contribuído para a separação.

«Eles eram amigos muito íntimos» — declarou a sr.ª Gilpatric. «Eu tenho as minhas ideias acerca do assunto, mas prefiro não entrar em pormenores. Basta dizer que as suas relações eram particularmente íntimas, calorosas e duradoiras».

Quando o jornalista lhe perguntou se a sr.ª Onassis tinha contribuído para a separação ela respondeu: «prefiro não dizer nem que sim nem que não».

O casal Gilpatric separou-se, em 1968, pouco antes do advogado começar a acompanhar Jacquelinne em público.

Gilpatric, que tem 64 anos, foi secretário adjunto da Defesa do Governo do falecido presidente Kennedy e a última carta que recebeu de Jacqueline é posterior ao seu casamento com Onassis.

Nessa carta escrita por Jacqueline quando se encontrava em plena lua-de-mel, a bordo do iate «Cristina», ela diz a Gilpatric: «Espero que saibas tudo o que foste, o que és e continuarás sempre a ser para mim. Com amor, Jackie.»

Noutra carta a sr.ª Onassis refere-se a um dia passado no Maryland e diz: «Adorei o dia que ali passei, tanto que ele me deixou feliz para o resto da semana. Hoje é apenas quinta-feira mas sei que o encantamento durará ainda amanhã, quando regressar a Camp David e ver de novo aquele autêntico motel de casas brancas com abrigos antiaéreos por baixo.»

Gilpatric, que é chefe de uma firma de advogados em Nova York foi ontem eleito membro da administração da Columbia Broadcasting System.

SUBIDA DE TEMPERATURA A PARTIR DO DIA 17

Segundo o boletim para a agricultura, publicado pelo Serviço Meteorológico Nacional, a antevisão das condições meteorológicas médias em Portugal continental, até ao dia 25, é a seguinte: até 16 — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado, principalmente a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela; vento fraco a moderado; possibilidade de períodos de chuva a norte deste sistema; Temperatura do ar próxima dos valores normais na época e acentuado arrefecimento nocturno; de 17 a 25 — Céu muito nublado ou encoberto alternando com abertas; vento do quadrante oeste, por vezes com rajadas fortes nas regiões do norte e centro; períodos de chuva e aguaceiros, mais frequentes nas regiões do norte e centro; possibilidade de trovoadas; subida de temperatura.

Entre 120 a 130 mil portugueses trabalham na África do Sul

LOURENÇO MARQUES, 12 — (L.) — Oscila entre 120 a 130 mil o numero de trabalhadores portugueses actualmente na Africa do Sul — revelam estatísticas sul-africanas.

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas e Comunicações

O sr. eng. Rui Sanches, titular das pastas das Obras Publicas e das Comunicações recebeu o embaixador da Bélgica; o governador civil de Bragança, acompanhado pelo dr. Castro Arez; o subdirector da Ibéria e o director da mesma companhia em Portugal; o sr. José Félix de Mira; o eng. Jorge Osório; o conselho directivo do Centro de Prevenção e Segurança; a comissão fabriqueira de Lever (Gaia) e o presidente do Sindicato dos Telefonistas.

● Ministro do Ultramar

O titular da pasta do Ultramar voltou a receber o eng. Arantes e Oliveira, novo governador-designado de Moçambique.

● Secretário das Obras Públicas

O sr. eng. José Pinto Eliseu, secretário de Estado das Obras Publicas, recebeu o conselho da Ordem dos Engenheiros; o rev. padre Marques Luís (do Funchal); o eng. Virgílio Saraiva; o drs. João Pedro e Pedro Manuel Collares Pereira, da administração da Agritur; a sr.ª D. Maria de Ornelas e a administração da «Planolp».

● Secretário do Trabalho

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência reuniu-se em audiências de trabalho com o Conselho Geral do Instituto de Formação Profissional para o sector metalurgico e metalomecanico e com os dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Norte e do Sul.

O dr. Silva Pinto recebeu também no seu gabinete o deputado eng. José Mexia e o eng. Manuel de Sá e Mello que é o director do Gabinete de Urbanismo e Habitação do Ministério das Obras Publicas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	620$	—	620$
Centenários 4%	—	1.480$	—
Obrigs. Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série C.	—	—	825$
Externo 3.ª Série	—	720$	800$
Externo 3.ª Série C.	—	800$	820$
Cautelas 3.ª Série	—	155$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A. P. I. 5% 56	—	—	—
A. P. I. 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	915$	910$	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.005$	1.005$	—
C. U. F. 6% 68	995$	992$	996$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	925$	—
Gás Elect. 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	815$	—
H. E. Cávado 5%	—	—	820$
H. E. Cávado 6%	—	997$	1.005$
H. E. Douro 5%	815$	—	815$
H. E. Douro 6%	—	—	1.000$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	1.001$	1.001$	1.002$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.003$	—
Metropolitano 4%	880$	—	—
Metropolitano 5 3/4%	1.010$	1.010$	—
Moçambique 5%	790$	750$	800$
Nac. Electr. 5%	855$	850$	855$
Nitratos 5%	—	790$	—
Nitratos 5% 60	—	795$	—
Petroquímica 5%	—	870$	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	930$	930$	—
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	825$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	83$5
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	3.420$	2.115$	2.420$
Alentejo	1.200$	1.200$	1.220$
Angola	4.200$	4.200$	4.250$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	5.700$	5.650$	—
E. Santo	23.000$	22.500$	23.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.300$	23.000$
Fomento Nacional	2.700$	2.660$	2.700$
L. G. Açores p.	—	7.300$	7.500$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.300$	6.260$	6.300$
Portugal n.	3.400$	3.380$	3.420$
Portugal p.	4.400$	4.370$	4.400$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	3.750$	3.750$	3.800$
Ultramarino p.	3.998$	3.998$	4.000$
Seguros			
Alentejo	171$	170$	171$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	920$	915$	925$
Sagres	—	1.100$	2.400$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	850$	840$	855$
Ag. Cassequel	810$	805$	815$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	340$	—
Boror	—	—	—
Buzi	88$	88$	88$5
Cabinda	230$	225$	231$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.920$	2.910$	2.940$
H. E. Revué	—	—	680$
Ilha do Príncipe	—	850$	—
Moçambique	195$	194$5	195$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	515$	515$	520$
Zambézia	—	—	90$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7 750$	7.700$	7.750$
Cim. Leiria	5.900$	—	5.900$
Cim. Tejo	—	—	7.650$
Co. Navegação	—	—	1.590$
C. U. F.	—	1.670$	—
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	4.100$	4.300$
Petroquímica	2.150$	2.100$	2.160$
Port. e Colónias	—	—	1.500$
Port. Celulose	—	—	4.750$
Port. Pesca	1.020$	1.010$	1.030$
Port. Tabacos	800$	795$	800$
Sacor	4.880$	4.850$	4.900$
Siderurg. Nac.	2.310$	2.290$	2.320$
Socel	3.635$	3.600$	3.635$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	8.200$	8.050$	8.200$
U. F. Azoto	905$	—	905$
Agua, Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p.	440$	—	—
Aguas Lisboa 34	450$	—	440$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	1.705$	1.700$	1.710$
Gás Electr.	463$	462$5	463$
H. E. Alto Alentejo	178$5	178$	178$5
H. E. Cávado	1.320$	—	—
H. E. Douro	1.320$	1.315$	1.320$
H. E. Norte Portugal	317$	316$	320$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.320$	—	1.320$
Nac. Electricidade	1.320$	—	—
Termoeléctr. Port.	—	—	1.320$
U. E. P.	202$	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	217$5	224$
F. I. D. E.	—	181$2	185$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	5/2/70	11/2/70	12/2/70
GERAL	166,1	166,5	**165,8**
METROPOL.	156,4	155,7	**155,2**
ULTRAM.	237,4	245,5	**243,9**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$50	**38$50**
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$05	$08
Austria — Schilling	1$08	1$1[illegible]
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$80	5$20
Suíço — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

Missa por intenção dos militares mortos no Ultramar

Mandada celebrar pela Cruz Vermelha Portuguesa, em memória dos militares que perderam a vida no Ultramar, em missão de soberania, foi hoje rezada missa de sufrágio na Sé Patriarcal de Lisboa.

Oficiou o padre João Ferreira, capelão militar, que ao Evangelho proferiu uma homilia alusiva.

Ao fundo da capela-mor via-se um numeroso grupo de elementos da Polícia Militar empunhando flamulas. Fazendo guarda de honra ao altar forças de Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

No transepto, do lado do Evangelho, viam-se na primeira fila de cadeiras a esposa do Chefe do Estado, sr.ª D. Gertrudes Thomaz e sua filha, sr.ª D. Natália Rodrigues Thomaz; sr.ª D. Maria Amélia Pitta Cunha, presidente da Secção Auxiliar Feminina e outras senhoras dirigentes da C. V. P. e em outras filas de cadeiras representantes dos ministros da Defesa Nacional e do Exército e da Marinha, do secretário do Exército e oficiais superiores do Exército e da Armada.

Do lado da epístola sentavam-se as senhoras da Cruz Vermelha Portuguesa e com frente para o altar os srs. brigadeiro Ricardo Horta, coronel João Vairinho, respectivamente presidente nacional e secretário-geral da C. V. P.

No corpo central do templo, viam-se deputações de soldados das várias unidades aquarteladas em Lisboa e entre os fiéis famílias dos militares mortos na Defesa da Pátria.

Flores no lampadário

Terminada a missa, as individualidades oficiais de maior representação dirigiram-se para os claustros, onde, na Sala do Capítulo, colocaram ramos de flores junto do lampadário ali aceso em 11-11-66.

COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL

No restaurante da F. I. L. efectuou-se, hoje, um almoço de direcção da Associação Industrial Portuguesa com os representantes dos órgãos da Informação, durante o qual foram divulgados diversos aspectos relacionados com o Colóquio de Política Industrial que se inicia na próxima segunda-feira, prolongando-se até 27 do corrente.

No decorrer do almoço falaram os srs. dr. Fernando Cruz, director do A. I. P., e dr. Francisco Sarsfield Cabral, chefe dos Serviços de Documentação e Informação da A. I. P., que aludiu áquele Colóquio e a alguns dos seus aspectos mais salientes, tendo, depois, trocado impressões com os jornalistas presentes.

O caso da serviçal acusada de homicídio e furto

PORTO, 12.

A Relação do Porto vai apreciar o caso da serviçal Maria da Conceição Martins Pereira, de 45 anos, casada, que residia na Av. Marechal Gomes da Costa, 433, em Braga (actualmente presa), que foi julgada, conforme noticiámos, no 2.º Juízo Criminal, sob a acusação de homicídio e furto. Aquela serviçal, que na Polícia Judiciária confessou ambos os crimes, mas que em tribunal os negou, foi absolvida do crime de homicídio e condenada em oito anos de prisão maior, pelo de furto.

Votou vencido, contra a condenação, o juiz dr. Sá Coimbra, que fazia parte do Colectivo.

O processo sobe agora à Relação, em recurso do Ministério Público, do dr. Olivio França, que representa a acusação particular, e do defensor da ré, dr. Amadeu Teixeira de Sousa.

CONDECORAÇÃO ITALIANA

Com a presença do ministro da Saúde e Corporações, dr. Baltazar Rebello de Sousa, de numerosos médicos e de figuras de representação, decorreu, esta manhã, na Embaixada da Itália, uma cerimónia para a entrega da Comenda da Ordem de Mérito da República Italiana ao dr. João Ferreira de Oliveira.

A imposição das insígnias foi feita pelo embaixador da Itália, dr. Giuseppe Cerulli-Irelli, que fez o elogio do dr. João Ferreira de Oliveira.

FALECEU RUI GARCEZ PALHA

Com 76 anos, faleceu em Atalaia (Alenquer) o sr. Rui Felner Garcez Palha, casado com a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães e Vasconcelos Garcez Palha, pai das sras. D. Maria Estela Garcez Palha da Silveira, casada com o sr. Joaquim Manuel da Silveira, da viscondessa de Carnaxide, casada com o sr. visconde de Carnaxide, e dos srs. Graciano Garcez Palha, Fsancisco Garcez Palha e Vasco Garcez Palha.

O funeral efectua-se hoje, da residência, em Atalaia, para o cemitério da Verdosa.

NÃO CORREM RISCOS OS OBJECTIVOS DE ORDEM SOCIAL CONFIADOS AO TOTOBOLA

— declara o chefe do Departamento, dr. Correia da Fonseca

«Não se me afigura legítimo falar de estagnação, só porque o intenso ritmo de expansão que caracterizou os primeiros anos de actividade do Totobola sofreu pequena quebra — e, essa, mesmo assim, consequente de factores que podem ser tidos como exteriores ao próprio Departamento de Apostas Mútuas Desportivas. Mas acontece que, tendo sido amplamente ultrapassadas, nas oito épocas iniciais dos concursos, as previsões que haviam servido de base ao estabelecimento desta modalidade de aposta, é justo considerar ainda, como verdadeiramente apreciáveis, os resultados que tem estado a alcançar.»

Esta foi a primeira declaração do dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca, chefe do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas e membro do «Comité» Executivo do Intertoto, quando lhe pedimos que nos informasse dos problemas do Totobola, assunto de que o «Diário de Lisboa» ontem se ocupou. E em reforço daquela afirmação, disse-nos:

— *Posso adiantar, por exemplo, a informação de que, em 1969, a receita bruta arrecadada foi superior, em 28 mil contos, aproximadamente, à do ano precedente, o que corresponde a um aumento, em relação a 1968, de cerca de 18 milhões de apostas. Isso não evitou que, nos últimos meses do ano passado, se notasse uma certa estabilização dos montantes médios das receitas, ou seja dos rendimentos destinados à Assistência e ao Fomento Desportivo, e dos valores restituídos aos apostadores na forma de prémios.*

Porquê, a quebra?

O dr. Correia da Fonseca começara por afirmar que «o *intenso ritmo de expansão dos primeiros anos sofreu pequena quebra*». Motivos?

— *Conhecendo-se que a larga maioria dos apostadores são os entusiastas do futebol, o Totobola não pode deixar de sentir a influência — negativa ou positiva — das oscilações desse seu entusiasmo. Ora, neste último ano, razões houve para certo retraimento desse «público do futebol», designadamente o afastamento da selecção nacional do Campeonato do Mundo, a prematura eliminação das nossas equipas das provas europeias e as constantes interrupções dos campeinatos. Isto para lhe citar apenas alguns exemplos da influência do que se passa no futebol — matéria-prima dos concursos — nos domínios e resultados do Totobola. Aliás, o mesmo se passa em todos os países (e são 24, dos quais 22 na Europa) que possuem Apostas Mútuas Desportivas. Em todos eles se verifica, como não podia deixar de ser, um paralelismo de interesses — pelo futebol e pelas apostas.*

Além disso, há factores de influência alheios ao próprio futebol. Pode dizer-se que tudo quanto seja elemento de distracção influencia os hábitos normais. Por exemplo, nas quadras festivas e de férias, em que as pessoas modificam o estilo do seu dia-a-dia, deixam de fazer muitas das coisas — uma das quais pode ser o jogar no Totobola — enraizadas nos seus hábitos. E em determinados períodos surgem motivos de interesse que cativam a atenção das pessoas, levando-as a alhear-se daquilo que normalmente as atrai.

O «não» aos outros desportos

Já tem sido afirmado (e o nosso artigo de ontem fazia-se eco dessa opinião) que as Apostas Mútuas Desportivas ganhariam mais interesse se apresentassem, de quando em quando, concursos baseados noutros desportos — que não apenas o futebol. Será assim? O dr. Correia da Fonseca está em completo desacordo e responde-nos com os argumentos dos números:

— *Constitui lugar-comum o dizer-se que a experiência alheia é a mais económica... Pois posso declarar-lhe que, em todos os países, a prática das apostas mútuas incide sobre competições de futebol, a parte alguns, mas não abundantes casos em que os concursos se baseiam nas corridas de cavalos. Mesmo em países onde o ciclismo desfruta de grande popularidade, as tentativas feitas para tornarem essa modalidade objecto das apostas mútuas, ruiu completamente — tal como, de resto, aconteceu entre nós. Como todos estamos lembrados, o Totobola português promoveu três concursos sobre os resultados da Volta a Portugal; e, enquanto nos concursos normais o montante equiparado para prémios ronda os 7 mil contos — verificou-se, nessa edições do Totobola dedicadas ao ciclismo, que os valores conseguidos nunca atingiram o meio milhar de contos!*

Outra tentativa, teve por objecto os jogos do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, disputado no Porto em 1963, portanto, uma época em que essa modalidade desportiva concitava, ainda, o interesse de vastas camadas da população. Pois, nesse caso, e apesar da intensa acção publicitária desenvolvida, o montante alcançado não foi além dos 2 mil contos.

Isto responde, creio eu, às observações formuladas, e explica a prática impossibilidade de recorrer a outras motivações para os concursos do Totobola.

O factor «sorte»

O Totobola é um jogo de *saber* ou de *sorte*? Talvez os que não sabem nada de futebol considerem que isso é uma desvantagem, mas os *entendidos* queixam-se às vezes do contrário, afirmando que é a sorte que decide tudo...

Pusemos esta questão ao dr. Correia da Fonseca. A sua resposta:

— *Pois um dos grandes aliciantes é justamente esse de nunca ser previsível o que vai prevalecer. Quando os resultados dos jogos assentam na tal* lógica do futebol *e são o reflexo certo do valor que se atribui às equipas — então, não há dúvida, que quem está a par desse valor e nele baseou os seus palpites, está em vantagem. Mas quando surgem os chamados resultados-surpresa, a* lógica *e o saber ficam a perder com a fantasia ou a ignorância dos que não fizeram vaticínios bem... fundamentados. E acontece até que os grandes prémios são habitualmente ganhos por estes últimos...*

Uma revelação:

— *O numero médio de premiados em Portugal é inferior, proporcionalmente, ao que se verifica noutros países. E, aliás, se tem a sua «graça» aparecer de vez em quando um milionário, não se me afigura menos interessante contemplar, embora com menos dinheiro, um maior numero de pessoas. Até sob o ponto de vista social esta repartição dos prémios não pode considerar-se indesejável.*

«A organização está à altura das necessidades»

— *A administração do Totobola* — diz-nos ainda o principal dirigente da organização — *mantém-se atenta ás aspirações do publico e procura, sempre, corresponder-lhes, na certeza de que a coadjuvação do apostador é primordial para o pleno êxito da sua actuação. Como responsável pela chefia do Departamento de Apostos Mutuas e pelo conhecimento que possuo do funcionamento das organizações estrangeiras especializadas — conhecimento muito íntimo, aliás, e que tenho podido aprofundar no desempenho de funções directivas no Intertoto —, estou em condições de afirmar que a organização portuguesa está perfeitamente á altura das necessidades actuais, em eficiência e segurança, e na capacidade para assegurar o desenvolvimento futuro do sistema de apostas mutuas. E, dessa maneira, pode garantir que os objectivos de ordem social assinalados ao Totobola não correm qualquer risco — antes estão a ser escrupulosamente cumpridos e hão-se ser, cremo-lo com fundadas razões, servidos sempre e cada vez melhor.*

O repórter registava já as informações que procurava, mas, á saída, sem bisbilhotice, ainda captou uma novidade que vai revelar, convicto de que não comete grave inconfidência: o dr. Correia da Fonseca foi nessa altura solicitado a dar o seu parecer sobre os concursos do Totobola nos meses de Maio e Junho, que vão incluir jogos do Campeonato Mundial de Futebol. Se era segredo...

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ENDOCRINOLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Endocrinologia reune-se amanhã, ás 12 horas, para receber o prof. J. J. Hoet, da Universidade Católica de Lovaina, que vai fazer uma conferência sobre «As crianças nascidas de mães diabéticas».

A sessão efectua-se na sala de aula da Clínica Obstétrica, do Hospital de Santa Maria.

SOLNADO VAI A LUANDA COM SANTANA E RIBEIRINHO

As companhias teatrais dirigidas por Raul Solnado, Ribeirinho e Henrique Santana vão deslocar-se a Angola já na presente temporada.

Isso acaba de ser anunciado em Luanda por Vasco Morgado, que se encontra na capital angolana desde a manhã da passada segunda-feira.

— A peça de estreia de Raul Solnado será «O Visou Voador» — **disse** — Ribeirinho apresenta-se com «Julgamento de um homem sem vergonha» e Henrique Santana estreia um original espanhol («Milionário com iate e americana»).

Vasco Morgado acrescentou ainda, que tenciona explorar permanentemente o teatro até aqui confiado a Rodolfo Neves.

MILITAR FALECIDO NA GUINÉ

BISSAU, 12 — (L.) — Vítima de afogamento, nesta Província, faleceu o soldado da Força Aérea, n.º 376/67, José Manuel Henriques, natural de Lisboa, filho de João das Neves Henriques e de Maria do Carmo Henriques.

ora diga-nos...

— Gostava que o Carnaval tivesse mais dias?

«Quem passou por carnavais gosta de passar por mais». Arranca-se o provérbio á rima ao modo de rifão e as pessoas ao acaso falam assim:

● *Disse o sr. Alfredo Gonçalves, militar:*

— Se gostava? Gostava, pois. É um tempo bastante mais alegre.

— Mais alegre?

— Sim, é que as pessoas gostam de se divertir. Mas...

— Mas?...

— Há os empregos, não é?

● *Um mocinho, em fato de ganga, trabalho a fazer-se, pessoa a crescer, chama-se José Manuel da Silva Rodrigues e ouçam o que ele nos veio dizer:*

— Gostava.

— Mais feriados.

— Para não trabalhar tanto.

— Sou ajudante de ourives.

● *Por fim, depois de passarmos ágilmente por cima do cadáver da nossa prostração (uma menina recusava-se: «Não a isso não respondo» — ??? — encontrámos ao virar da esquina o sr. Manuel Campos de Sousa, servente da Olaio.*

— Eram mais dias alegres...

— Mas gostava?

— Gostava de mais dinheiro era do que eu gostava.

— Teve feriados?

— Não, não, a gente

REUNIÕES MÉDICAS

Chegou a Lisboa o Prof. Doutor Joseph J. Hoet, da Universidade de Lovaina, que, a convite dos Laboratórios JABA, se deslocou ao nosso País para a realização de conferências nas Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra e para tomar parte na Mesa-Redonda sobre Diabetes, integrada nos Serões Médicos de Santarém.

à venda nas livrarias
5º VOLUME
da ENCICLOPÉDIA DA EMPRESA MODERNA
O CRÉDITO ÀS EMPRESAS E OS BANCOS
O que é o crédito? Seu mecanismo. Crédito ao consumo e à produção. Os diferentes tipos de bancos. Operações bancárias e de bolsa. Organização do crédito e da bolsa. Operação na empresa. O ponto de vista do banqueiro sobre o crédito às empresas.
VOLUMES ANTERIORES
1 ORGANIZAÇÃO GERAL E METODOLOGIA DA EMPRESA — ROLAND CAUDE
2 ORGANIZAÇÃO CONTABILÍSTICA E FINANCEIRA — HENRI MIGEON
3 ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO — ROBERT FERON
4 ORGANIZAÇÃO FABRIL — GEORGES MULLER
(Cada volume 280 páginas/ ilustrado/80$00)
EDITORIAL INOVA/PORTO

ECOS

A produção da música gravada triplicou, em dez anos, nos Estados Unidos. É claro que isto significa qualquer coisa. Tanto mais que dois terços da ascensão respeitam à música pop, hirsuta, contestária, revolucionária. Pode avaliar-se, de certo modo, a curva de uma civilização, não só pelo trajo ou pelos bigodes, como pela música que consome. Aliás, os financeiros de todo o mundo estão atentos ao fenómeno «disco»: um dos negócios mais importantes do nosso tempo. Em França, a tradição da canção intelectual, de um romantismo depurado, condimentado até, por vezes, com palavras fortes e feias, segundo o padrão burguês, resiste com Jacques Brel, Moustaki, Brassens, Reggiani. Mas são os «Beatles» e os seus émulos e sucessores, sejam os **Zoo**, os **Moody Blues** ou outros quaisquer — já o tempo devorou os **Rolling Stones** — que mais se vendem. E isto concerne tanto à juventude progressista como aos filhos-família, segundo inquéritos tendentes a apurar quais as camadas sociais de compradores. É claro que Bob Dylan e Joan Baez constituem um caso à parte. Joan é o amor e a indignação. Bob Dylan exprime a crista de uma certa atitude que assim se pode resumir: há que aceitar todas as contradições. Divirtam-se, possuam sem destruir, brinquem com o mundo ternamente, mas sobretudo lutem contra o conformismo, contra a apatia.

★

INCRÍVEL? Não: apenas o mundo da publicidade. Os japoneses assinaram um contrato para adquirirem, por mais de um milhão de dólares, 850 mil galinhas anãs, das que surgiram, com estrondo, no mercado francês. Têm um apetite de passarinhos, mas reproduzem. E que mais? Pois bem, só o choque do lançamento. Caiu bem miniaturizar os produtos. Mas, à velocidade em que vivemos, as galinhas anãs talvez nem durem o tempo de uma mini-saia.

★

DANIEL, há quanto tempo tua voz se calou?! Esse riso inteiro, de morder a vida, tornou-se em pedra de memória. Pedra cambiante, é claro, diversa cada dia. Porque também todos nós reconstruímos, reinventamos os mortos queridos — esses que não morrem afinal. O título do livro é «A Invenção do Amor e Outros Poemas», de Daniel Filipe. Quem não se lembra?! A cidade sufocante, a perseguição, o insólito, um ritmo de angústia crescente, o cerco ao amor, a glória do amor. O amor proibido. Um homem e uma mulher... Às vezes, Daniel, acontece-nos, a alguns dos que te conhecemos, na tua total dimensão humana, menino alegre e triste brincando ao jogo da vida e da morte, do amor louco, do instante supremo, da fraternidade difícil, e jogando tudo isso em palavras-poemas, acontece-nos chorarmos por ti, que é como quem diz, por nós privados de ti. Um amigo distante canta, e cantará, os teus versos com a devoção que eles merecem. Lá longe, nos dias cinzentos de Paris, o Luís Cília, a quem deste confiança, a quem abriste o pórtico de névoa dessa nostalgia maravilhosa em que ele se revela...

«Só com as coisas sérias é que se pode brincar» —disse-nos LUÍS STTAU MONTEIRO a propósito da estreia de «A Relíquia»

Em teatralização de Luís Sttau Monteiro e Artur Ramos estreia-se esta noite, no Teatro Maria Matos, a peça «A Reliquia», de Eça de Queiroz. Sobre este acontecimento, ouvimos Luís Sttau Monteiro:

— *Em primeiro lugar, queria fazer uma «declaração de alegria». Esta adaptação foi feita com alegria. Se o público se rir tanto ao vê-la, como nós rimos ao escrevê-la, atingimos plenamente o nosso objectivo.*

Prossegue:

— *É claro que o Artur Ramos e eu chegámos a rir á gargalhada, por várias vezes. Evidentemente, que esperamos ser criticados. «Eu, por mim, declaro desde já que me rio sempre que me apetecer e que tenciono continuar a rir sempre que para tal tiver vontade. É um direito que me provém do facto de estar vivo.*

Continua:

— *Calculo que ainda nos vão criticar dizendo que o trabalho do adaptador não é positivo e não enriquece o Teatro português. Pergunto: teria sido pelo excesso de adaptações que o Teatro português teria chegado ao ponto a que chegou?*

«*Também se vai dizer, certamente, que a crítica amena que o Eça faz á média burguesia, limitada e provinciana de Lisboa, já não tem razão de ser. Rio outra vez: porque reconheci na beatíssima «Titi» muita gente beatamente religiosa e beatamente agnóstico que conheço.*

«*Vão dizer — os que se reconhecerem na «Titi» — que há coisas com que não se brinca. Volto a rir. Só com as coisas sérias é que se pode brincar. E se todos tivessem sempre dedicado ás «titis» deste mundo as gargalhadas que o Eça dedica a esta (como o mundo era diferente!*

Luís Sttau Monteiro vinca:

— *Gostei de trabalhar com o Artur Ramos, que, coitado, ficou com a parte pior da tarefa: a da encenação. Julgo que tanto eu como ele gostaríamos de adaptar outro romance do Eça. Ou de adaptar qualquer outro romance que nos permitisse espancar desalmadamente o espírito tacanho e provinciano criticado nesta obra.*

«*Todavia, julgo que fizeram á volta dela um barulho injustificável, por razões inteiramente alheias á nossa vontade. Trata-se de uma simples adaptação, sem pretensões de espécie alguma. Nem o Artur nem eu consideramos esta nossa «Reliquia» uma obra-prima, ou, sequer, uma peça destinada a vigorar na história do Teatro português.*

«*Foi uma simples adaptação escrita para fazer rir, honradamente, hoje. Honradamente, porque não recorremos a processos baratos, porque não recorremos a anedotas fáceis nem confu... humor baça. tenho*

Em «A Relíquia», Lurdes Norberto desdobra-se nos papéis femininos de Mary e Adélia

A FAVOR DO CELIBATO —posição reafirmada ao Papa pelo Episcopado metropolitano

O Episcopado Metropolitano reafirmou recentemente ao Papa o seu apoio á disciplina da Igreja Latina sobre o celibato sacerdotal — segundo informa hoje o nosso prezado colega «Novidades», que publica uma entrevista com o cardeal-patriarca de Lisboa.

Afirma o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, nessa entrevista:

«*O Papa, comentando a decisão holandesa contra a disciplina de toda a Igreja Latina sobre o celibato sacerdotal — defende esta com firmeza. «A lei capital do celibato não pode ser abandonada nem discutida». O Episcopado Metropolitano (e creio que poderia acrescentar, português) reafirma a sua união ao Papa «princípio e fundamento» da unidade da Igreja.*

O cardeal Cerejeira disse ao jornalista que, no próprio dia em que foi tornada publica a resolução dos bispos holandeses acerca do celibato (21 de Janeiro), depois de ter ouvido o Conselho Permanente do Episcopado, enviou para Roma um telegrama em que se afirmava a necessidade de renovar a «sua estreita união» a Sua Santidade.

Joaquim Agostinho partiu para Nice onde estagiará com a Frimatic

Partiram, esta manhã, por via aérea, para Nice, os ciclistas Joaquim Agostinho, Firmino Bernardino e Vítor Rocha, acompanhados pelo dirigente sportinguista dr. Pereira da Silva.

Os conhecidos corredores vão estagiar junto da equipa da Frimatic durante cerca de 15 dias.

O estágio, que não compreende provas oficiais, está, no entanto, planificado de forma a proporcionar aos ciclistas vários treinos e testes.

PÔS TERMO À VIDA

ALMADA, 12 — Encontrava-se em precária situação económica um indivíduo que, no passado dia 8, pôs termo á vida por meio de enforcamento.

Homem muito honesto, de 44 anos, casado, o sr. José Inácio Martins da Silva, cometeu o acto desesperado no seu próprio estabelecimento de materiais de construção. Foi a mulher, admirada por ele não aparecer em casa, que descobriu o corpo.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL
GRUPO C

A Direcção da União de Grémios de Lojistas de Lisboa avisa todas as firmas agremiadas colectadas pelo Grupo C, que termina no dia 25 do corrente o prazo para apresentação, nas respectivas Repartições de Finanças, das eventuais reclamações dos contribuintes deste Grupo contra os lucros tributáveis fixados.

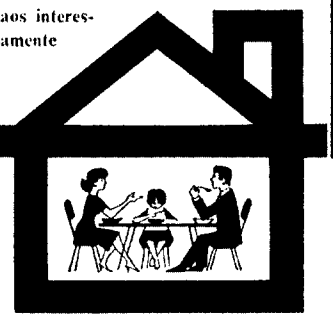
POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência

intoxicado ?

o seu problema alimentar será fàcilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.

Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.



CENTRO DIESE
de alimentação racional
AVENIDA DA REPUBLICA, 46-R/C
TELEFONE 767141 LISBOA 1

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

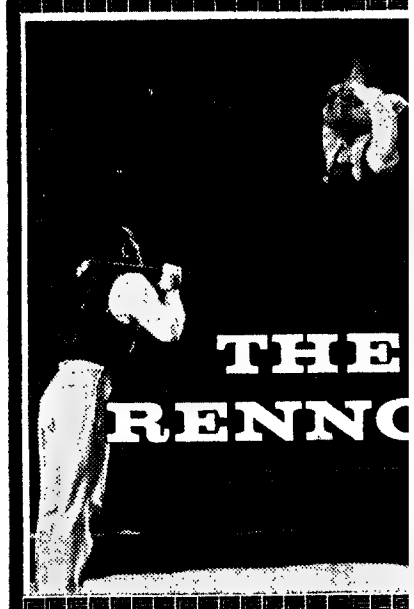
TULIPAS Espanha · França Bélgica · Holanda
Em autocarros de luxo. De 4 a 21 de Abril.
agências cobram · desde 1840
LISBOA · Avenida Liberdade, 160
PORTO · Avenida dos Aliados, 207

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
Telef. 32 45 64

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

BALLET R...
SÓ ATÉ 14 DE FEVEREIRO
DE
IRINA GRJ...



THE RENNO...
CONJUNTO JUAN D... AI...
FILARMÓNICA F...
FERRER TRINDADE
CAPRICE LENOIR
NO CINEMA, às 17 e 21 e 3...
OLIVER
(M/ ... anos)

confundirmos o sentido do humor com o amor á chalaça. Parece-me que não tenho mais nada a dizer.

Aspecto parcial da assistência à reunião que ontem decorreu no Sindicato Nacional dos Metalúrgicos do Distrito de Lisboa. A Imprensa ficou à porta

REUNIÃO NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS

Argumentando que os jornais não tinham sido convidados, um senhor que se apresentou como «adjunto da direcção» do Sindicato Nacional dos Metalúrgicos do Distrito de Lisboa impediu os representantes da Imprensa de assistirem a uma reunião que se efectuou ontem pelas dezanove horas na sede daquele organismo corporativo, á Calçada de Santos.

A reunião efectuou-se a pedido de cerca de 600 trabalhadores manuais da Companhia das Águas de Lisboa que assim pretenderam transmitir á direcção do sindicato as reivindicações que julgam dever ser satisfeitas no acordo a sair das actuais negociações com a entidade patronal.

Há cerca de três anos, os vários sindicatos que enquadram o pessoal da C. A. L. apresentaram uma proposta de acordo a que a administração respondeu com uma contraproposta. A C. A. L. pretende assinar uma convenção com os sindicatos do pessoal das oficinas e uma outra, distinta, com o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa.

Os trabalhadores manuais não concordam com a existência de dois acordos diferenciados, que julgam fonte de discriminações de tratamento, de disciplina, de salários, de regalias, etc.

Após o termo da reunião, que durou escassos minutos, o mesmo «adjunto da direcção» do sindicato, informou os representantes da Imprensa que acabara de dar conhecimentos aos metalúrgicos presentes que a direcção *«tenciona pedir uma entrevista á Administração da C. A. L.»*.

Disse também que no decorrer da reunião tinham falado vários trabalhadores, *«ou melhor, falaram todos ao mesmo tempo, como é costume.»* Interrogado sobre as garantias que a direcção do sindicato dera aos trabalhadores presentes, afirmou ainda que elas *«não podem ser nenhumas, pois o sindicato não pode obrigar a empresa»*.

Vários trabalhadores informaram-nos por seu turno não terem ficado satisfeitos com a maneira como a reunião decorrera e que continuariam de acordo com a lei, a apresentar as suas reivindicações.

Espera-se que a direcção marque uma nova reunião após a entrevista com a Administração da Companhia. Entretanto espera-se também que nos outros sindicatos que enquadram os trabalhadores manuais da C. A. L. (dos contínuos e porteiros, dos empregados de garagens, dos motoristas, da construção civil, dos telefonistas e dos electricistas) se realizem reuniões similares á de ontem.

O adjunto da direcção do sindicato: «falaram todos ao mesmo tempo»

Um livro de Cardoso Pires analisado no «Times Literary Supplement»

O Delfim, de José Cardoso Pires, nosso prezado colaborador, teve honras de comentário no austero «Times Literary Supplement» de 29 de Janeiro passado — facto bem raro, dada a fraca projecção internacional da nossa literatura e o nível de exigência daquele suplemento.

O articulista do «TLS» descreve o «provincialismo português» como uma exemplificação de «a treatise of the *macho*», seguindo a estrutura dramática de *O Delfim*. Do ponto de vista de construção e de forma, o romance tem uma «construção dinâmica, na qual vão tomando gradualmente forma certos acontecimentos dispersos, certas conversações aparentemente desgarradas, recordações e acontecimentos vividos ou apenas tomados de leituras dispersas».

Após comparar Tomás Manuel, o «delfim», ao Griffith da *American Tragedy*, o crítico estabelece um paralelo entre Conrad e Cardoso Pires quer pela «opacidade» do clima de *O Delfim*, quer pela «paixão mora» que em ambos se revela.

O «Times Literary Supplement» confere assim ao romancista português um «lugar ao sol» entre os grandes prosadores contemporâneos.

Reunião da Sociedade Médica dos H. C. L.

A Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa reune-se hoje, ás 22 horas, na sala de conferências do Hospital de D. Estefania. Na reunião serão apresentados os trabalhos: «Imunofluorescência em venereologia», pelos drs. Gustavo Nobre, Maria Helena Lacerda e João Brito Caldeira, e «Sobre a acidose metabólica nas doenças renais crónicas», pelos drs. Adolfo Coelho e Filipe da Cunha.

CONHEÇA OS CIRCUITOS DE TODO O MUNDO

através do suplemento especial de

motor

QUE SAIU HOJE

Além das habituais secções pode ler:

- JÁ NÃO HÁ PNEUS PARA OS «MONSTROS» DE MAIS DE 500 CV? (Philippe Toussaint, do serviço de reportagem no estrangeiro).
- PORTUGUESES E ESPANHÓIS À ESPERA DE UM INTERCÂMBIO... (Augusto Vilela)
- UM CAMPEONATO DA F. N. A. T. MAIS A SÉRIO ESTE ANO (Avelãs Coelho).
- RALLYE PREDIAL FIRMINO (Maria do Céu).
- A PROPÓSITO DE VELOCIDADE MÉDIA DOS PISTÕES (Bandeira de Lima).

e ainda

GUIAR... E GUIAR BEM

(por Baptista dos Santos)

PREÇO 2$50

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

SITUAÇÃO EXPLOSIVA NA JORDÂNIA

Os guerrilheiros ameaçam recorrer à força

BEIRUTE, 12 — (R.) — Foi hoje montado em Amman o palco para uma confrontação que determinará quem manda na Jordânia: o rei Hussein ou os guerrilheiros, que edificaram um estado dentro de um estado naquele país, desde a guerra de Junho de 1967.

A causa das preocupações são as medidas duras impostas pelo soberano na terça-feira proibindo o transporte de armas e o armazenamento de explosivos em áreas habitadas.

Contudo, se a questão será resolvida pela força ou por meio de negociação poderá ser determinada pelos resultados da conferência efectuada a noite passada na capital jordana entre o rei, de 35 anos, e três dos chefes dos guerrilheiros palestinianos.

Bahjat Al-Tathouni, primeiro-ministro do rei Hussein, declarou mais tarde que a conferência fora positiva, mas não forneceu detalhes.

Um comunicado emitido ontem em Beirute pelo grupo de guerrilheiros Fataha dizia que os seus homens tinham lutado com tropas jordanas num subúrbio de Amman, infligindo várias baixas, mas isso foi desmentido por uma fonte oficial na capital jordana.

A situação tornou-se, porém, potencialmente explosiva com uma declaração do Comando da Luta Armada da Palestina, organização que abrange oito dos grupos de guerrilheiros que desafiam agora o rei, de que empregaria a força para evitar que fossem concretizadas as novas medidas de segurança interna Jordânia.

VIGILÂNCIA DAS TROPAS JORDANAS

Um comunicado do CLAP dizia que os guerrilheiros entraram de prevenção na Jordânia, onde todos os grupos de «Fedayiens» juntaram forças num comando conjunto de guerrilheiros para se oporem ás medidas.

Os guerrilheiros denunciaram as medidas como destinados a esmagar o seu movimento pela salvação de uma solução pacífica com Israel e pediram o apoio de outros Estados árabes.

Contudo, Tailhouni disse que Hussein afirmara a noite passada a três chefes dos guerrilheiros que as medidas não eram dirigidas contra eles.

Tropas jordanas, postadas em postos de fiscalização nas vias principais, fazem, porém, parar quaisquer guerrilheiros transportando armas e impedem-nos de entrar em Amman, onde a guarda de guerrilheiros, armados com «bazookas», lançadores de granadas e carabinas, foi reforçada á volta do QG dos guerrilheiros.

Um posto de rádio dos guerrilheiros comunicou a noite passada que a 3.ª divisão blindada jordana recebera ordens para seguir para Amman.

HUSSEIN DEVERA PARTIR HOJE

Nada se sabia ainda se o soberano modificará os seus planos para partir hoje em visitas oficiais a Dubai e ao Paquistão. Tanto o primeiro-ministro como o vice-primeiro-ministro Abdel Moneim Rifai deverão, também, partir dentro de poucas horas de Amman em visitas ao estrangeiro.

Tailhouni deveria seguir para o que foi descrito como uma visita particular ao Cairo e a dr. Rifai para Beirute para informar dirigentes libaneses das conversações do último fim-de-semana na cimeira do Cairo entre Estados defrontando Israel.

Contudo, observadores desta capital disseram que parecia inconcebível que todos os três homens abandonassem Amman ao mesmo tempo, no meio de um dos mais sérios desafios á autoridade do rei Hussein desde que subiu ao trono em 1952.

Se a crise se transformar em luta armada, a desvantagem será, nos guerrilheiros, que possuem cerca de 15 000 homens de qualidade variável e dispersados entre 10 grupos, contra um Exército bem equipado e altamente treinado e dispondo ainda do poder esmagador dos blindados e da artilharia.

WOLF HESS deslocou-se aos Estados Unidos onde fará novas diligências a favor da libertação de seu pai, Rudolf Hess. Aqui o vemos junto ao edifício da secretaria de Estado

O PARLAMENTO TURCO REJEITOU O ORÇAMENTO PARA ESTE ANO

ANCARA, 12 — (A. N. I.) — Crise política na Turquia: o Parlamento não aprovou o orçamento para 1970, apresentado pelo primeiro-ministro, Solimão Demirel. Ao ser sujeito á votação, o orçamento teve 224 votos contra e 214 a favor.

Quarenta e seis deputados do Partido da Justiça, que detêm o poder, aliaram-se com a oposição e votaram contra o orçamento. O pequeno partido nacional, grupo da oposição, o novo Partido Trabalhista turco e os deputados do Partido da União votaram a favor do orçamento.

Ao ser anunciado o escrutínio, houve recontros nos corredores, entre os deputados, alguns dos quais sofreram ferimentos ligeiros.

A bancada parlamentar do Partido da Justiça reuniu-se numa sessão extraordinária, para assentar na atitude a tomar, nomeadamente o pedido do primeiro ministro, Demirel, para ser presente um voto de confiança á assembleia nacional, ou uma revisão do orçamento, que depois será sujeito a nova votação.

O primeiro ministro afirmou, depois da reunião, que a derrota do orçamento não correspondia «necessáriamente» á queda do Governo. Serão tomadas as «medidas necessárias» — acrescentou Demirel.

A VOLTA AO MUNDO NUM CARRO A CARVÃO

ATENAS, 12 — (F. P.) — Esta capital dá actualmente hospitalidade a dois casais de jovens ingleses que estão a dar a volta ao mundo num carro movido a carvão.

Trata-se de um atuomóvel «Fodan», modelo 1924, munido de uma chaminé e de uma fornalha e que anda a quinze quilómetros á hora consumindo uma tonelada de carvão aos trezentos quilómetros.

Michael Brain, David Young, Carol Hirney e Beril Weathers, que viajam a bordo dsete veículo, chegaram da Itália vindos pela Jugoslávia e esperam chegar a Tóquio passando pela Turquia, Irão, Afeganistão, India e China.

Têm tido a sorte de, em cada cidade por onde passam, receberem carvão gratuitamente, oferecido pelas municipalidades.

O SATÉLITE JAPONÊS CALOU-SE

UCHINOURA (Japão), 12 — (R.) — O primeiro satélite japonês deixou de transmitir sinais para a Terra, mas permanece ainda em órbita, segundo revelaram hoje cientistas.

Disseram que deixaram de captar sinais do satélite, de 23 quilos, quando descrevia as suas sexta e sétima órbitas esta manhã e jugava-se que a bateria ou o transmissor tinha cessado de funcionar.

Esperava-se que o transmissor emitisse sinais durante 36 horas, a partir da altura do lançamento.

Preparativos para o casamento de Barnard

JOANESBURGO, 12 — (R.) — Os preparativos para o casamento do professor Barnard com a jovem Barbara Zoellner no dia de S. Valentim continuam rodeados do mais estrito segredo.

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

As negociações sobre Berlim poderão começar este mês

LONDRES, 11 — (F. P.) — Uma fonte diplomática deu a conhecer que poderiam começar antes do fim de Fevereiro na ex-capital alemã as conversações quadripartidas sobre a melhoria da situação e do acesso a Berlim. Nelas participariam altos funcionários, possivelmente no escalão dos comandantes dos três sectores ocidentais e do seu colega soviético.

No Foreign Office não se desmente nem se confirma tal notícia e declara-se que a data e o nível das próximas conversações deverão ser objecto de um acordo com o Governo soviético.

Estão em curso consultas entre os representantes ocidentais e o da R. F. A.

COMENTÁRIO AMERICANO

WASHINGTON, 12 — (F. P.) — A resposta soviética á nota das três potências ocidentais sobre Berlim «não responde aos pontos preciosos que figuram nessa nota» — declarou, ontem, o porta-voz do departamento de Estado americano.

Depois de haver confirmado que a União Soviética aceita «a celebração de conversações em Berlim com vista a melhorar a situação nos sectores ocidentais desta cidade e a eliminar os atritos na região», o porta-voz esclareceu que, em substância, a resposta soviética segue de perto as palavras proferidas, em 10 de Julho de 1969, por Andrei Gromyko, ministro dos Negócios Estrangeiros soviético.

O porta-voz recordou que, em 16 de Dezembro, os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha propuseram a Moscovo que se melhorassem as condições de trânsito entre Berlim e a República Federal da Alemanha e que fosse restabelecida a liberdade de circulação e das comunicações telefónicas dentro da cidade. Os três ocidentais também haviam sugerido — prosseguiu — a melhoria das relações comerciais entre Berlim Leste e Berlim Oeste e a supressão da discriminação económica relativamente aos sectores ocidentais da cidade.

GARAUDY PERANTE O CONGRESSO — O filósofo Roger Garaudy pronuncia o seu discurso perante o Congresso do P. C. francês reunido em Nanterre. Garaudy renovou os seus ataques contra a chefia do Partido, o que lhe valeu dos presentes, apupos e assobios. No ultimo dia do Congresso, o filósofo viu-se afastado da Comissão Central do Partido

5º VOLUME
Biblioteca Universitária Inova
A BIOLOGIA DO TRABALHO
Um livro que apresenta especial interesse para todos aqueles que, desde os engenheiros industriais até aos dirigentes sindicais, estão intimamente ligados aos problemas de relação entre o homem e o seu ambiente de trabalho.
VOLUMES ANTERIORES
1 O Humanismo no Renascimento
Sem Dresden
2 O Progressismo na Europa
David Caute
(retirado do mercado)
3 A Economia dos Países Subdesenvolvidos
Jagdish Bhagwati
4 A Educação no Mundo Moderno
John Vaizey
(Cada volume 260 páginas/ ilustrado/70$00)
EDITORIAL INOVA/PORTO

Aviões dos EUA bombardearam território do Cambodja

Explosão a bordo de um submarino da Grã-Bretanha

GIBRALTAR, 12 — (R.) — O submarino britanico «Auriga» atracou hoje de madrugada em Gibraltar depois de uma explosão a bordo que causou 10 feridos.

O submarino, da classe «A», efectuava manobras ao largo de Gibraltar e estava submergido quando se deu o acidente.

Um informador do Ministério da Defesa britanico anunciou em Londres que ás 2 horas de hoje se deu uma explosão no secção da proa do submarino, por baixo das instalações da tripulação. A maior parte dos marinheiros estava a dormir no momento do acidente e quando o submarino chegou a Gibraltar foram hospitalizados 10 feridos no hospital da Marinha, cinco com ferimentos diversos, quatro com ferimentos graves e em estado de choque.

SAIGÃO, 12 — (A. N. I.) — Bombardeiros norte-americanos B-52 entraram no espaço aéreo do Cambodja e atacaram posições norte-vietnamianas, depois de um helicóptero dos Estados Unidos ter sido derrubado por fogo disparado de território cambodjano — declarou hoje um informador militar norte-americano.

O helicóptero foi abatido ontem, 35 quilómetros a oeste de Saigão, onde tropas norte-vietnamianas se estão a concentrar ao longo da fronteira, desde há semanas.

O aparelho foi atingido pelo fogo dos norte-vietnamianos, explodiu e caiu em chamas. Aviões de socorro que sobrevoaram o local onde se despenhou o helicóptero foram alvejados por intenso fogo antiaéreo do lado da fronteira cambojana — acrescentou o informador.

Foi necessário ordenar aos B-52 que reduzissem ao silêncio as baterias antiaéreas norte-vietnamianas, prosseguiu.

O informador militar recusou-se a dar pormenores sobre quantos norte-americanos viajavam a bordo do helicóptero ou se houve sobreviventes.

Foi a primeira vez que o comando dos Estados Unidos anunciou ataques aéreos sobre posições norte-vietnamianas, no Cambodja, desde 4 e 5 de Dezembro de 1969, quando os B-52 bombardearam objectivos militares na provincia de Kien Tuong, após a realização de um ataque norte-vietnamiano a uma posição avançada sul-vietnamiana, perto da fronteria.

ATAQUE A PLANICIE DOS JARROS

VIENTIANNE, 12, — (R.) — As tropas do Vietnam do Norte sofreram 76 mortos, no primeiro ataque do ano á Planicie dos Jarros, anunciou um informador do Ministério da Defesa.

O ataque, efectuado hoje, incidiu sobre o campo de aviação principal da planície, próximo da cidade de Khang Khay.

As tropas do Governo laociano repeliram os atacantes tendo havido uma batalha que durou mais de três horas.

ENCONTRO THIEU-LAIRD

SAIGÃO, 12 — (F. P.) — O presidente Nguyen Van Thieu tratou da «vietnamização» esta manhã no palácio «Doc Lap» (independência) com Melvin Laird, secretário americano da Defesa, que era acompanhado pelo general Earl Wheeler, presidente do «comité» dos chefes de estado-maior, bem como por Ellsworth Bunker, embaixador dos Estados Unidos em Saigão.

Canceladas as licenças das tropas soviéticas estacionadas em Sinkiang

LONDRES, 12 — (F. P.) — As tropas soviéticas estacionadas na região militar da Ásia central, ao longo do Sinkiang, viram interrompidas todas as licenças, indica hoje o «Daily Telegraph», citando fontes não oficiais de Moscovo.

Segundo as mesmas informações, as tropas chinesas teriam regressado á ilha de Damansky, no rio Ussuri, onde há 11 meses houve recontros sangrentos entre soldados soviéticos e chineses. Desta vez, porém, não se teria registado nenhum incidente.

PEDIDO DE ASILO

CIDADE DO MÉXICO, 12 — (R.) — Uma diplomata russa, Raya Kiselnikova, adida comercial da Embaixada soviética nesta capital, procurou asilo politico no México, segundo revelou a noite passada um informador daquela missão diplomática.

«Miss» Kiselnikova, de 30 anos, desapareceu no princípio da semana.

«Sabemos que procurou asilo politico no México, mas ignoramos as razões», acrescentou o informador.

Fontes governamentais, disseram que Kiselnikova pedira asilo ao subsecretário do Interior Rafael Hernandez Ochoa porque «não concordo com o sistema da minha pátria.»

O Ministério do Interior recusou-se a fazer comentários.

Causou 50 mortos um dos «raids» israelitas

(Continuação da 1.ª página)

rio egípcio, no prazo de um mês.

Um informador militar acrescentou que a 40 quilómetros a oeste do Canal de Suez, foi também atacada uma estação de radar.

Os pilotos ao regressarem á base comunicaram ter atingido com exactidão os alvos previstos.

UM DOS «RAIDS» CAUSOU 50 MORTOS

CAIRO, 12 — (F. P.) — Um dos «raids» da aviação israelita realizados, hoje de manhã, fez 50 mortos e 60 feridos entre os operários das fábricas da companhia nacional de metalurgia, em Abu Zaabal, anuncia a agência do Médio Oriente.

PATRULHA ISRAELITA REPELIDA POR FORÇAS JORDANAS

AMMAN, 12 — (R.) — Forças jordanas repeliram a noite passada uma patrulha israelita que tentou atravessar o rio Jordão para a margem oriental, segundo revelou um informador nesta capital.

A patrulha tentou efectuar a travessia na área de Al-Shart ás 21 e 30 horas locais (19 e 30 T. M. G.). Forças jordanas interceptaram e travou-se luta durante 45 minutos.

Não se registaram baixas entre os jordanos — acrescentou o informador.

Manifestação em Roma de cegos e aleijados

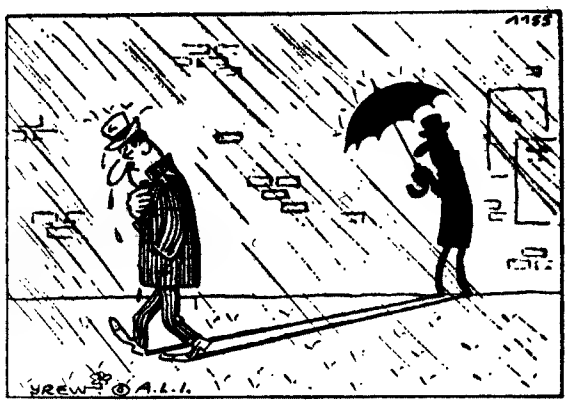
ROMA, 12 — (R.) — Cerca de 50 cegos ou aleijados manifestaram-se hoje a favor de reformas mais elevadas e bloquearam o trânsito durante várias horas na principal rua comercial da cidade, fazendo uma vigília defronte da presidência do conselho.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

NOVIDADES LITERÁRIAS
Pierre Doninas
OS NOVOS CADERNOS DO MAJOR THOMPSON
Crítica à burguesia francesa
Colecção Humoristas Universais
40$00
Virgil Gheorghiu
A INFELICIDADE DE ME CHAMAR VIRGÍLIO
Absorvente narrativa autobiográfica
Obras de Virgil Gheorghiu
50$00
Louis Armand e Michel Drancourt
O DESAFIO DA EUROPA
Réplica ao desafio americano
Colecção Documentos de Todos os Tempos
75$00
Urbano Tavares Rodrigues
A PORTA DOS LIMITES
3.ª edição
Um livro que abriu novos horizontes à literatura portuguesa
Colecção Autores Portugueses
50$00
LIVRARIA BERTRAND

— Atenção! O meu faro de cacador diz-me que ele está perto...

Sem legenda



A sombra do desejo

APROVEITE
OS NOSSOS SALDOS

CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES

— E —

TECIDOS PARA ESTOFOS
E DECORAÇÕES

TUDO SEM DEFEITOS

Tecidos em peça desde 25$00
RETALHOS, DAMASCOS, VELUDOS, GORGORÕES, etc., desde 5$00

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.° — c/elevador
(esquina da Rua da Prata)

O NOVO BOEING 747
FEZ ESCALA EM LISBOA

Algumas centenas de pessoas deslocaram-se ontem expressamente ao aeroporto. Debruçaram-se das varandas e teceram comentários. A vinda de passagem por Lisboa do novo «Boeing 747» da TWA justificava o interesse. Trata-se, efectivamente do maior avião comercial do Mundo que ontem permaneceu algumas horas no aeroporto da Portela.

Comandado pelo capitão Franklin, vice-presidente dos voos operacionais da T. W A., o novo modelo está a realizar viagens de ensaio que já incluiram Londres, Frankfort, Paris, Genebra, Zurique, Roma, Atenas e Madrid, e agora Lisboa. Esta escala destina-se a ensaio dos serviços terrestres e outros equipamentos, com vista a futuras operações comerciais.

O novo «Boeing 747» possui o dobro da lotação do «707», comportando 342 assentos (58 em 1.ª classe e 284 em classe económica), numero que, no entanto, poderá ser elevado até 490. O gigantesco aparelho permitirá a redução do tempo de voo pois a sua velocidade de cruzeiro está estipulada entre os 1000 e os 1100 quilómetros. Com um raio de acção de 5200 milhas, o novo «Boeing», para atravessar o Atlantico, realizando a viagem de Lisboa a Nova York, necessita de 120 toneladas de combustível. O aparelho tem 70,51 metros de comprimento, 59,64 de envergadura e 19,23 de altura. Na versão cargueiro o novo aparelho, que importa em 570 mil contos, pode transportar 100 toneladas de carga.

Os represenantes dos órgãos de informação visitaram ontem o novo «Boeing» acompanhando diversas individualidades entre as quais se contavam os srs eng.° Vítor Veres, dr Teles Graça e major Silva Pais, directores-gerais da Aeronáutica Civil das Alfandegas e da Segurança respectivamente.

Os convidados observam o espaço interior do novo Boeing 747

FALE! INGLES - FRANCES ALEMÃO - PORTUGUES

NO PRIMEIRO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS DE PORTUGAL

NOVOS CURSOS AGORA

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS

Praça Luís de Camões, 36-3.°
LISBOA — Chiado — Tel. 34 966

O PREÇO DA ENERGIA ELÉCTRICA
ACORDO EM COIMBRA ENTRE O MUNICÍPIO E O COMÉRCIO LOCAL

COIMBRA, 12 — Para resolução definitiva do problema do aumento das tarifas de energia eléctrica e de abastecimento de água, efectuou-se, ontem, á tarde, nos Paços do Concelho, uma reunião de uma comissão de comerciantes desta cidade com o presidente da Câmara Municipal, eng.° Araújo Vieira. Depois de uma larga troca de impressões, chegou-se a um acordo, pelo qual o terceiro escalão do fornecimento de energia eléctrica, que havia sido elevado para $45 o kW, dentro do exigido pelas companhias fornecedoras foi fixado em $42,5 e o mínimo de gasto de água, para estabelecimentos comerciais, ficou em 5 metros cúbicos.

No final da reunião, os comerciantes enviaram o seguinte telegrama ao ministro do Interior: «Comerciantes de Coimbra, notando que suas reclamações sobre o agravamento das tarifas foram aproveitadas para especulações nada relacionadas com o problema em causa reuniram-se com o presidente da Camara para lhe reafirmar sua confiança e consideração pela acção desenvolvida pró cidade e munícipes. Havendo mutua compreensão, foi possível achar uma plataforma de entendimento, que conduziu solução imediata problema.»

IV Curso à Música de Iniciação Contemporânea

Inaugura-se hoje, ás 18 e 30 horas o IV Curso de Iniciação á Música Contemporânea promovido pela Fundação Gulbenkian, no seu Auditório Dois.

Este curso tem o seguinte plano: dias 12, 19 e 26 de Fevereiro — lições pelo compositor Joly Braga Santos sobre «Aspectos acústicos da evolução da música no século XX; evolução da Ópera, da primeira guerra mundial até aos nossos dias; função social da música do século XX»; dias 5, 12 e 19 de Março — lições pelo compositor Luís Filipe Pires sobre «Música concreta e música electrónica»; dias 9, 16 e 23 de Abril — concertos organizados e comentados por Jorge Peixinho, com a colaboração de diversos solistas instrumentais, sobre os temas «Novos desenvolvimentos da música serial e post-serial; a aplicação dos recursos electro-acústicos á música instrumental; a música experimental; novas formas de concerto».

A entrada é livre.

CAMINHOS DE FERRO
PRAIA DO CARVOEIRO

Comunica-nos a C. P. que no dia 20 de Fevereiro é inaugurado um serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, servindo os domicílios de Praia do Carvoeiro, a cargo da Empresa Geral de Transportes, em ligação á estação de Portimão.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho de ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios da referida localidade.

Por seu turno, nos domicílios da mesma localidade aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
EDITAL N.° 27/70

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anuncio no «Diário do Governo», são aceites na 4.ª Repartição—Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av.ª 24 de Julho, n.° 171, propostas para o concurso publico referente á «EMPREITADA N.° 361/69 — EXECUÇÃO DOS ACABAMENTOS DO PLINTO PARA A ESTÁTUA DE D. JOÃO I NA PRAÇA DA FIGUEIRA», com a base de licitação de 2.910.635$00 (Processo n.° 17/70/ /CP/DSTE).

O depósito provisório é de 72.765$90 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do Art.° 6.° do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias uteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal n.° 10.487, de 5/2/970.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras publicas na I Categoria (Construção Civil) ou 1.ª Subcategoria desta Categoria, Subclasse «A» da 2.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se ás 10 horas no primeiro dia util que se seguir ao termo do prazo fixado neste anuncio.

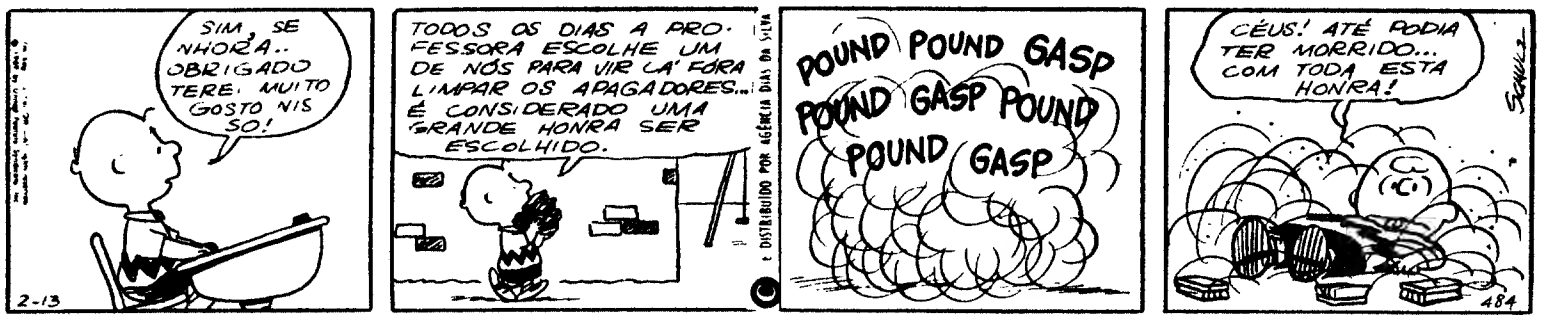
Paços do Concelho de Lisboa, em 3 de Fevereiro 1970.

O PRESIDENTE
ANTÓNIO VITORINO
FRANÇA BORGES

Se tem automóvel

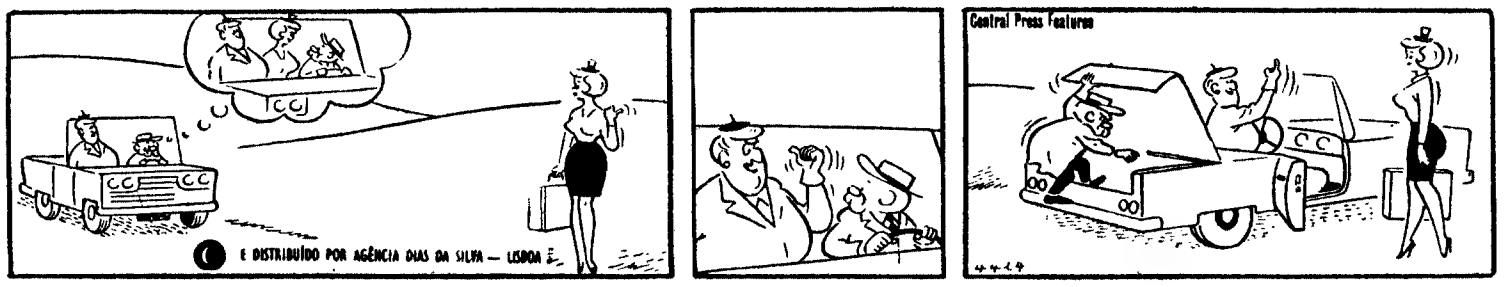
realize dinheiro s/hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 8, 3.°, Dt.° — Telef. 40049 - 560713. Aguardo sua visita.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

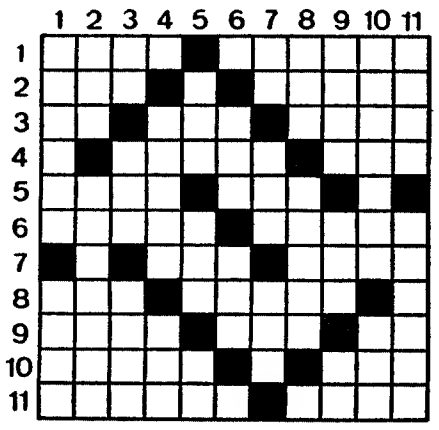
COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5444

HORIZONTAIS: 1 — Guarnecer de asas. Cavalo alado. 2 — Cabelos brancos. Osso que forma o esqueleto das maçãs do rosto. 3 — Preposição e artigo definido. Ler. Preposição 4 — De preços elevados. Saudável. 5 — Pronome relativo. Ruído. 6 — Tribo indígena brasileira Afrouxa. 7—Consentimento. Acreditar 8 — Matemática. Recuas. 9 — Perfume Seguras Apelido 10 — Agarrai Madeira. 11 — Pragana Lago de Itália

VERTICAIS: 1 — Acarreta Apelido. 2 — Saudável. Dono de navios mercantes. 3 — Artigo definido Rema para trás. Nome de homem. 4 — Jarras. Chefe etíope. 5 — Possuir Fecha as asas para descer mais depressa. Item (abr). 6 — Freguesia do concelho de Penafiel. Mil cento e um em romano. 7 — Preposição. Nome dum astro. Interjeição da ilha das Flores que significa Ah! Oh! 8 — Cidade de França. Aborrece. 9 — Filheiras. Senhores. Pedra de moinho. 10 — Curasse. Figura que simboliza o povo americano 11 — Cidade de Argélia Acautelado

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5443

HORIZONTAIS: 1 — Copas. Caçar. 2 — Arama. Atura. 3 — Casai. Iriam. 4 — SSS. Dor. 5 — Nias. Cás. 6 — Taram. Moram. 7 — Ro. Ivã. Oó. 8 — CAVALGA. 9 — PARA. Amar. 10 — Opera. Abate. 11 — Sarou. Casar.

VERTICAIS: 1 — Caça Trapos. 2 — Ora. NÃO. Apa. 3 — Passar Crer. 4 — Amassa. Aaro. 5 — Sais. MIV. Au. 6 — Val. 7 — CAIR. Mal. AiC. 8 — Atraca. Goba. 9 — Cuidar. Amás. 10 — Ara São. Ata. 11 — Ramo. Morrer.

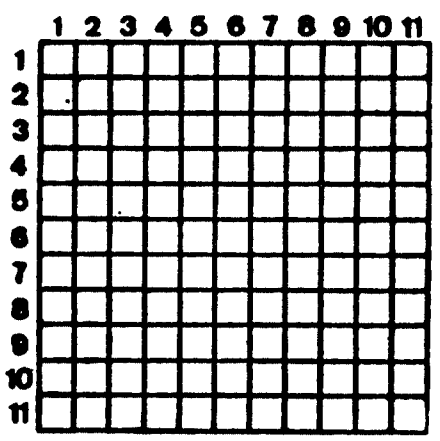
PROVÉRBIO: **Cavalga, para não cair.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9287

HORIZONTAIS: 1 — Corte feito nas gumas peças de vestuário para adaptação das mangas (pl.) Nome de peixe. 2 — Dá massagens a Tribo indígena que habitou o Pará 3 — Impulso. Caminharás. 4 — Queimarem 5 — Artigo definido Nome de jogo. Prefixo que designa afastamento. 6 — Homem ilustre pelos seus feitos. Uma das ilhas Jónias. 7 — Ver. Espaço de doze meses 8 — Azáfama Apelido. 9 — O mais. Muralhai Nesse lugar. 10 — Faina Rapa 11 — Freguesia do concelho de Guimarães Restos mortais

VERTICAIS: 1 — Aqui Por baixo de. Guarda segredo. 2 — Gosta muito de Chiste Pátria. 3 — Cova. Mãe de Rómulo e Remo Boro (s. q.). 4 — Despertaremos. 5 — Espécie de lagarto. Aragem. 6 — Preposição 7 — Adiar Ilha situada no Pequeno Belt 8 — Embargarias. 9 — Sem frequentemente á rua Agência telegráfica de Imprensa Abreviatura de Santíssimo. 10 — Fluído aeriforme. Ferro temperado. Timão do arado. 11 — Artigo definido. Falda Rumos



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9286

HORIZONTAIS: 1 — Palmela. Sul. 2 — Aire Sara. 3 — Rosna. Coram 4 — Dica. Arad 5 — Ara. Otival. 6 — Ló El. Vã. Om. 7 — Sacara. Suo. 8 — Cova. Bali. 9 — Marão. Caber. 10 — Apes Dote. 11 — Mós Moraras.

VERTICAIS: 1 — Pardal Amam. 2 — Otros Apo. 3 — Lasca. Acres. 4 — Mino. Ecoas. 5 — Era. Olavo. 6 — Le. Al. Rã. Dó. 7 — Criva Cor. 8 — Soava. Bata. 9 — Sarda. Saber 10 — Ura. Loulé 11 — Lama. Moiras.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Fevereiro de 1940 publicava:

«**WASHINGTON, 12 — A comissão de auxílio á Finlandia recolheu mais 1 milhão de donativos, de um dólar cada.**

«**Edward Walsh, director da secção desta comissão em Washington, declarou que a generosidade do publico americano estimulou os industriais e banqueiros dos Estados Unidos a contribuirem com quantias para aquela obra de socorro**».

Esmalte sintético para **exteriores e interiores e ainda na pintura de automóveis, DULUX** oferece-lhe a garantia de qualidade da

DU PONT

Agentes Gerais
Bethencourt Bros, Lda
R. Sapateiros, 128-1.º
LISBOA
Sória Limitada
R. Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

® MARCA REGISTADA

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

ÀS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS

AV. LUIS BIVAR 85 A • R. PINHEIRO CHAGAS 66 • TEL. 569200 • LISBOA

Interessa às Senhoras
SALDOS
Uniformes para empregadas domésticas
★ menos actualizados ★
DESDE 40$00
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARRA
TINTURARIA GUANABARRA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

LIVROS POR PREÇOS EXCEPCIONAIS
OFERTA DO MÊS DE FEVEREIRO
Poderá receber em sua casa os livros que escolher de uma lista que remeteremos, grátis, a quem a solicitar à
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METALICAS, S. A. R. L.
RUA VICE-ALMIRANTE AZEVEDO COUTINHO — AMADORA

CAPITAL REALIZADO 160 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme foi oportunamente anunciado, procedeu-se no dia 29 de Janeiro p. p., ao 10.º Sorteio, para efeito de amortização de 853 obrigações do 1.º empréstimo de 5%, 1960-1980, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

Títulos de 100

16501 18801 22001 22501 23901

Títulos de 50

11451

Títulos de 20

10631

Títulos de 10

6581 6751 6761 7161 7181 7241 7481 8691 8981 9021 10021

Títulos de 5

2501 2511 2621 2641 2666 2741 3101 3271 3661 3721 3771 4011
4046 4321 4616 4636 4786 4861 5031 5536 5636 6241 6316 6486

Títulos de 1

66 114 123 124 459 524 540 551 596 620 639 653
662 694 701 823 828 878 970 1048 1062 1166 1177 1225
1228 1231 1237 1254 1259 1282 1287 1296 1324 1389 1436 1492
1498 1517 1542 1634 1670 1717 1760 1767 1796 1805 1854 1898
1912 1938 1980 2070 2129

Último cupão a pagar o n.º 19

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números:

N. B. — Restam a reembolsar

9.º Sorteio

Títulos de 20 obrigações: 11031
Títulos de 10 obrigações: 8091 8181
Títulos de 5 obrigações: 3951 4041 4236
Títulos de 1 obrigação: 22 51 431 689 765 775 782 852 1518 1522

Último cupão a pagar o n.º 18

8.º Sorteio

Títulos de 20 obrigações: 10691
Títulos de 1 obrigação: 168 172 430 898 1550 1985

Último cupão a pagar o n.º 17

7.º Sorteio

Títulos de 1 obrigação: 173 435

Último cupão a pagar o n.º 16

6.º Sorteio

Títulos de 1 obrigação: 33 107 1476

Último cupão a pagar o n.º 15

5.º Sorteio

Títulos de 5 obrigações: 5761 6026

Último cupão a pagar o n.º 14

2.º Sorteio

Títulos de 1 obrigação: 164

Último cupão a pagar o n.º 11

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo seu valor nominal, será efectuado a partir do dia 15 do corrente mês de Fevereiro na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine, Reis & C.ª
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Companhia Geral de Crédito Predial Português

Amadora, 4 de Fevereiro de 1970

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Um Administrador,
F. Malheiro

FERRAGENS E FERRAMENTAS

EMPREGADO DE BALCÃO COM BASTANTE PRÁTICA.

PRECISA-SE:

E. I. E. L. — RUA DA BOAVISTA, 84

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA

SALDOS

TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, RESTOS DE PRODUÇÃO DA NOSSA FÁBRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS. ALÉM DE GRANDE QUANTIDADE EM MODERNOS SOBRETUDOS, GABARDINES, ROBES, CAMISAS, CASACÕES, MALHAS, CASACOS, ETC.

ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

HORÁRIO DOS COMBOIOS

ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P. que, por motivo dos trabalhos de renovação da via, haverá pequenas alterações no horário de alguns comboios em circulação na linha do Norte, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento, e em tranvias, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Azambuja, a partir do dia 12 de Janeiro de 1970 e até aviso em contrário.

O pormenor destas alterações consta dos avisos afixados nas estações onde poderão ser consultados pelo publico interessado.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«S. THOMÉ» *	5 de Março	Directo a: Luanda, Lobito e Moçâmedes.
«QUELIMANE» *	8 de Março	Directo a: Lobito (se necessário), Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«P. PERFEITO»	9 de Março	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ROVUMA»	10 de Março	Leixões, Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, e (se necessário), Porto Alexandre e Cuio.

* Com escala prévia por Leixões.

Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

CAMINHOS DE FERRO

PATACÃO, ALMANSIL E QUARTEIRA

Comunica-nos a C. P. que no dia 20 de Fevereiro é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, servindo os domicílios de Patacão, Almansil e de Quarteira, a cargo da Empresa Geral de Transportes, em ligação á estação de Faro.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho-de-ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios das referidas localidades.

Por seu turno, nos domicílios das mesmas localidades aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º Esq. — Telef. 32 06 60

Dr Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur — Operações — 3.ª 5.ª e sáb — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar, e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª. 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sifilis — 2.ª. 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

Estágios de Valorização Profissional

CHEFIA DE VENDAS
RELAÇÕES PÚBLICAS

Valorize-se tècnicamente participando dos próximos estágios de aperfeiçoamento e actualização nas novas técnicas do marketing e assegure, pela vida fora, seu sucesso profissional!

INÍCIO DOS PRÓXIMOS ESTÁGIOS: 2.ª-f.ª, DIA 16 DE FEVEREIRO

● **TÉCNICA E CHEFIA DE VENDAS**

Sessões das 19 às 21 horas, durante duas semanas.

● **TÉCNICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS**

Sessões das 21.30 às 23.30 horas, durante duas semanas.

Monitoragem de MANUEL ARIAS (língua portuguesa), valiosamente documentada por projecções de filmes sonoros americanos, franceses e brasileiros de formação técnico-pedagógica. Estes filmes são fascinantes lições de vendas e de relações públicas dos maiores mestres do mundo.

No final de cada estágio, que são independentes, os participantes recebem:

- O texto integral da matéria versada constituindo verdadeiros compêndios inéditos de Chefia de Vendas e de Relações Públicas a nível superior e internacional.
- Um certificado comprovativo de participação.
- Um documento de «eficiência profissional» que lhe dará direito a orientação e assistência por tempo indeterminado.

INSCRIÇÕES LIMITADAS: das 10 às 21 horas (sem interrupção).

Centro Internacional de Marketing

Rua Pascoal de Melo, 7-2.º Esq.
(atrás da Cervejaria Portugália)
Tel. 53 47 19 — LISBOA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA

Nos termos do artigo 17.º dos Estatutos é convocada a Assembleia Geral Ordinária para o dia 22 de Fevereiro de 1970, às 10 horas, a fim de se proceder á apreciação de contas do ano de 1969. No caso de não haver número suficiente à hora marcada a Assembleia reunir-se-á uma hora depois com qualquer número de sócios.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1970.

O Presidente da Assembleia Geral
Fernando Barros Ferreira Lopes

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«AFASTEM ESSE MÉDICO»

Às 22 e 5, em exibição o episódio «Afastem esse médico» com Tony Franciosa no principal desempenho.

Um amigo de Dilon morre ao ser submetido a uma operação.

O jornalista não se convence com a causa da morte e procura descobrir a verdade. O médico, conhecido como um grande cirurgião, não passa de um homem com o dom especial de conseguir fundos para a construção de uma nova sala do hospital...

DOCUMENTÁRIO

A seguir á rubrica «Totobola» será apresentado pelas 20 e 20 o documentário «Os Descendentes de Bounty» (The Pitcairners).

Aspectos da vida dos descendentes dos amotinados da «Bounty», na ilha de Pitcairn.

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: **Telejornal**; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 30: Distribuição e aplicação de energia eléctrica; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Estudio C; 22 e 30: «Dr Marcus Welby»; 23 e 25: Marcha do Mundo, e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A Passagem do Noroeste»; 23 e 35: **Fecho.**

II PROGRAMA

«Panorama do Teatro Português» e «TV Clube»

O Emissor Regional, inclui na sua emissão de hoje, dois programas em repetição:

Pelas 22 horas, na rubrica «Panorama do Teatro Português» de Luis Francisco Rebello, «O Teatro Antes de Gil Vicente», realizado por Herlânder Peyroteo, e ás 23 e 05, em «TV Clube», a presença de Julia Baboque interpretará «Mangericão do Pico», «Chamarrita do Meioa», «Pèzinho do Pico», «Tanchão - S. Miguel», «Rola», «Eu cá sei», «Sapateia da Cadeia», «Tirana - Pico», «Saudade» e «Folgadinho».

CONVERGÊNCIA

Além das habituais rubricas «Crónica» e «Rosa dos Ventos» neste quinzenário literário, coordenado por Eduino de Jesus, a escritora Natália Nunes falará do seu livro «Os Modelos das Minhas Personagens», seguindo-se o encontro com Jacinto do Prado Coelho.

Na rubrica «Crónica» se evocarão os nomes de dois grandes vultos da literatura portuguesa: Alves Redol e José Régio.

canal da crítica

«A INTRUSA», NÃO, NÃO FOI UMA INTRUSA

Quatro pessoas numa sala vivem a experiência da visita da morte. A presença dela respira-se em cada gesto, em cada palavra, em cada silêncio. Será preciso um espírito absolutamente antimetafísico ao nível do escaravelho para não entender que era de morte que se falava ali.

Por isso, Artur Ramos, ao apresentar a peça, não fez apenas batota, como ele próprio, num repente de autocrítica, declarou.

Decerto que Artur Ramos terá agido com as melhores intenções. Ali, porém, a melhor intenção consistiria em dizer apenas aos espectadores que aquela peça fora feita há 10 anos. Com esta rara habilidade que o hábito desenvolveu em nós de entendermos as entrelinhas, compreenderíamos inumeras coisas, sendo a principal: que o nosso teatro da televisão, desde há 10 anos, baixou assustadoramente de nível. Quer dizer: fazia-se teatro com mais sinal televisivo na primeira infancia da R. T. P. do que tantos anos volvidos e com tanta experiência acumulada de teatro de televisões estrangeiras...

Aquele sinal é visível não apenas no uso intensivo do primeiro plano (30 minutos exclusivamente de grandes planos, alguns deles um tanto ingénuos mas outros já com sabor a obra acabada de teatro televisivo) como se, já naquela altura, Artur Ramos, o realizador, pretendesse mostrar aos telespectadores um elemento específico na linguagem da televisão. É visível o sinal televisivo não apenas aí, mas no comportamento dos actores, na sua maneira de abdicar dos dós de peito para sugerir uma presença, no seu esforço por tornar a palavra e o silêncio e o rosto, elementos para uma significação.

Eis que Rui Furtado, Luís Cerqueira, Ivone Moura e Adelaide João (há 10 anos já ela fazia papéis de criada. E quase não te passaram disto, minha amiga...) nos aparecem cheios de qualidades que depois não se aproveitaram nos esquemas de um verdadeiro teatro televisivo. E porquê? Porque, na falta de um autêntico teatro televisivo, tiveram de fazer carreira pelo teatro clássico (desculpem: eu queria dizer «teatro de palco») e armazenaram vícios que os realizadores não souberam corrigir-lhes. Aliás, com o cinema português aconteceu fenómeno semelhante: de início, os nossos actores eram mais ci-

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; Canções do nosso tempo — A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre João Maio; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 15.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Manes», original de Oliva Guerra; 21 e 5: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades no Estudio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «D. Carlos» (Verdi); 18 e 4: Musica do século XX — Obras de Albert Roussel; 19: Crítica de livros para jovens e crianças, por António Manuel Couto Viana; 19 e 10: Folclore Português (Musica da Ilha de Santa Maria — Açores — recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de tecla; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental — Abertura «O Cerco de Corinto» (Rossini). Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Pierino Gamba; 20 e 30: Musica relligiosa; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara; sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 20: Solos de piano por Wilnfried Wolf; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano por Florinda Santos; 22 e 21: Poemas Sinfónicos — Os Preludios (Liszt). Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por André Cluytens; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica de tecla; 23 e 30: Parte de um concerto pela soprano Raina Kabaivanska; com a colaboração de coro «Svetoslav Obretenov» e da Orquestra Sinfónica da Rádio e Tellevisão Hungara; 23 e 48: Sonata em Sol Menor, op. 65, para violoncelo e piano (Chopin); Paulo Tortellier, violoncelo; Aldo Ciccolonl, piano; 0s 15: Musica Sinfónica; 1: Fecha.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Temas da Universidade; 19 e 45: Fecha.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TAP; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 8: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Musica tradicional e palestina religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Tlalismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa-noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 3: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 45: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Desfile de Estrelas; 22 e 5: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 288,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18 e 5: Chaquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Esquema 19; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa musica e os nossos artistas; 21 e 45: Conjuntos da América Latina; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Chamadas musicais; 21 e 30: Nova dimensão; 22: Audiotório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.
RUA VICE-ALMIRANTE AZEVEDO COUTINHO — AMADORA

CAPITAL REALIZADO 160 000 000$00

1.º EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES
PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão, vence-se no próximo dia 15 do corrente mês, o juro correspondente ao cupão n.º 19 que se encontra a pagamento, a partir daquela data, na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine, Reis & C.ª
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Companhia Geral de Crédito Predial Português

O valor dos juros relativos a cada obrigação, depois de deduzidos os impostos, é o seguinte:

Obrigações ao portador	16$05
Obrigações ao portador — Registadas	21$51
Obrigações averbadas a Instituições de Previdência	24$75

O pagamento dos juros das obrigações, pertencentes às Instituições de Previdência, é realizado na sede da empresa.

Amadora, 4 de Fevereiro de 1970

pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Um Administrador
F. Malheiro

JUBILEU ESCOTISTA

No próximo dia 15, pelas 16 horas, realiza-se no Grupo 79, dos Escoteiros de Portugal, no Palácio das Necessidades, dependências, a abertura do ano jubilheu, pois este grupo comemora no corrente ano os seus 50 anos.

Sá de Miranda

CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL
ADMISSÃO AOS INSTITUTOS

Telef.: SECRETARIA — 45310, Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Almir. Reis)

NUMA IMPONENTE TORRE DE 14 PISOS TEMOS PARA VENDA

ANDARES A 230 C. — BAIRRO GIRASSOL
LOTE 24 (perto posto P. V. T. de Benfica)

TRATA

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.
MEDIADOR OFICIAL DESDE 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67 — LISBOA

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5 ass. 380 contos; 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem quintal e Jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (rectaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTO APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

nematográficos, eram mais americanos do que umas de senas de anos depois, quando teatro e cinema passaram a caçar em força na mesma coutada.

É claro que a «Intrusa», como peça de teatro, envelheceu muito. A presença da morte está pintada com tão inocentes artifícios (que simbolismo tão... naturalista...) que dificilmente conseguirá acordar em nós um estremecimento de consciência. No entanto, a sua repetição contribuiu muito para se avaliar no que respeita a teatro, o caminho andado.

TV INFANTIL

Foi muito bom ser telespectador. O crítico ideal será aquele que nem precisa de usar balança e diga apenas: foi muito bom ser telespectador. Crítico ideal que não é deste mundo. Nem do outro.

Foi muito bom. Em «TV Infantil» apresentava-se mais uma história desenhada. A de ontem atingiu um equilíbrio ainda não alcançado: Uma história muito simples, recheada de palavras boas que nos purificam a memória (os meninos recordarão, de certo por muito tempo, a aventura daquela gaivota doente «que se reanimou ao calor das mãos do pescador») da autoria de Lídia da Fonseca; os desenhos ágeis de Romeu Costa e, sobretudo, a sua excelente colaboração com o leitor da história; no fim, mas não o último, a leitura viva da história feita por Rui Pedro.

A Rui Pedro se ficou a dever a maior parte da festa televisiva deste cantinho de Lídia da Fonseca. A leitura estava *aprendida* nos mínimos pormenores. Foi viva, enternecedora, agreste conforme as situações. Não forçou a nota na imitação da voz dos animais, embora não lhe fugisse — e a leitura só lucrou com isso.

Parece-me que um pormenor viria enriquecer o significado destas histórias: a presença, embora em imagens de ligação, do próprio Rui Pedro a ler a história. É importante que os pequenos telespectadores relacionem a história com o livro. É preciso que o livro ocupe, ali, o primeiro lugar. Uma televisão consciente da sua missão não esconde o livro: dá-lhe, pelo contrário, o lugar de honra.

DEPARTAMENTO S

A monta, quanto ás circunstancias em que se verifica, pode classificar-se em quatro grupos: natural, por acidente, suicídio e homicídio.

A preferência das series que quotidianamente nos tele-disparam volta-se para o ultimo dos grupos apontados. E ás vezes desnecessáriamente. Mas não se sabe porquê, considera-se na América e na Inglaterra que o telespectador tem vocação para abutre...

Desnecessáriamente, ás vezes? Por exemplo, ontem. Em «Departamento S» três pobres diabos foram desta para melhor (isto no caso de ter razão o Poeta quando diz que «tudo será melhor do que esta vida...») quando tudo se poderia arranjar sem recorrer ao gatilho. Talvez nem houvesse menos emoção. E centenas e centenas de pais, muito pedagógicos, não se veriam obrigados a mentir piedosamente aos filhos pequenos: «Não, meu querido, não matou coisa nenhuma, aquilo é a brincar...», sem se darem conta de que é a pior das pedagogias a que fazem, pois estão a entrar no jogo dos grandes industriais da morte...

Na realidade, a emoção do crime está ali para cobrir a retirada da ausência de outros interesses. É que nem um vislumbre de inteligência. É amargamente envergonhante. Isto é descer, meus amigos.

Através de uma frase de «La Fontaine», um criminoso e uma agente de polícia fazem este raciocínio: «Frere, La Fontaine; La Fontaine, cemitério; cemitério, campa de La Fontaine; campa de La Fontaine, arredores da campa de La Fontaine... Está ali o dinheiro...»

E depois a expressão embevecida, maravilhada, beatífica daquela gente diante do monte de notas! Como não ver, nesta cena, a intenção de fazer a publicidade do mito? Claro que não, são tudo artelrices da crítica, ela é que não aprecia estes divertimentos inocentes...

Vou tentar esquecer já tudo iso. E vou pôr a girar a fita magnética com a voz de Ana Lagoa, nos «lieder» de Schumann, um bom momento de arte e televisão que tivemos ontem. Desses momentos em que apetece apenas dizer: foi bom ser telespectador.

MÁRIO CASTRIM

EXCURSÃO DA C. P.

PRAÇA FORTE DE ALMEIDA E AMENDOEIRAS FLORIDAS NO DOURO

21 e 22 DE FEVEREIRO

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 21 e 22 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa e Viseu, Mangualde, Fornos de Algodres, Guarda, Celorico da Beira, Vilar Formoso (Fronteira), Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro de grande turismo, alojamento e refeições na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1 ..... 660$00
(Hotel de Turismo, 1.ª classe)

Modalidade 2 ..... 580$00
(Pensão Aliança, 1.ª classe)

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

RODRIGUES

RUA AUGUSTA, 76-80

SALDOS

Cortes casaco senhora .... 100$00
Cortes fato homem ..... 150$00

TAUROMAQUIA

No México

MÉXICO, 12 — (F. P.) — O rejoneador português Pedro Louceiro foi contratado para quatro corridas com Leodegário Hernandez, depois da sua excelente actuação, ontem, na praça de Sutlan de la Grana (Jalisco), onde cortou as duas orelhas e o rabo do seu inimigo depois de o ter bandarilhado magnificamente, matando-o depois de forma magistral.

Leodegário Hernandez, que administra algumas das mais importantes praças do México contratou-o para actuar na monumental de Guadalajara em Monterrey, Leon e Morelia. O contrato é de trinta dias.

*

Em Autlan de la Grana (Jalisco), com touros de Santo Domingo, o diestro português Fernando Santos, não conseguiu brilhar. No seu primeiro foi colhido várias vezes por falta de poder no segundo, embora se mostrasse valente, falhou com o estoque de tal sorte que o hastado recolheu vivo aos currais por entre grande «bronca».

Em Ameca (Jalisco), o rejoneador português António Anão ouviu palmas com petição de orelha.

Em Monterrey, os forcados portugueses não puderam exibir-se, dado que a corrida teve de ser anulada por causa da chuva.

O cavaleiro português António Anão apresentou-se ontem na praça mexicana de Ameca, no Estado de Jalisco, tendo a sua actuação, pelo acerto de que se rodeou, sido premiada com as orelhas do primeiro touro de Castorena que lhe coube e com uma orelha do segundo.

Completou o cartaz o espada mexicano Manuel Jimenez Chicuelin (cumpriu orelha).

Em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 12 — (A.N.I.) — O matador de touros espanhol Jaime Ostos, encabeça o cartaz das corridas de touros nesta cidade, nas festas da Páscoa, alternando com o matador de touros português Armando Soares.

Para a lide a cavalo estão previstos três cavaleiros: Alberto Luís Lopes (radicado no México), Varela Cid e Gustav Zenkle.

Para iniciar um intercâmbio entre Angola e Moçambique, estará presente em Lourenço Marques nas corridas da Páscoa (28 e 29 de Março), o grupo de forcados amadores de Angola, constituído por Manuel Augusto Tabuleiros (cabo), António Rebocho, Manuel Bretes, Zita Cortes, António Justo, José Julio, Armando Vieira, António Graça, Joaquim Gonçalves, Fernando Moças, João Alves e António de Albuquerque.

QUEM IRÁ LECCIONAR O CURSO DE FORMAÇÃO TURÍSTICA EM VISEU?

VISEU, 12 — De 16 a 23 do corrente efectuar-se, nesta cidade, o «Curso de Formação Turística» sob a égide da Direcção-Geral de Turismo, a que não poderia faltar a mais decidida colaboração municipal de Viseu. Funcionará das 10 ás 13 e dos 14 e 30 ás 18 e 30 na Casa-Museu Almeida Moreira.

O Curso destina-se a um aperfeiçoamento dos conhecimentos-base para todos aqueles que, na região, exercem a sua profissão em actividades ligadas ao Turismo. Serão ministradas aulas de Itinerários e Circuitos Turísticos, Património Monumental e Artístico, Calendário das Manifestações Turísticas, Gastronomia, Vinhos, História, Economia, Organização Turística, Relações Publicas, Hotelaria e Agências de Viagens.

Até aqui, tudo muito de aplaudir, por bem compreensível. Todavia, afirma-se que as diferentes disciplinas serão leccionadas por «entidades locais, de reconhecida competência, em estreita colaboração com os Monitores do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira». Mas quem aprovou as aludidas «entidades locais de reconhecida competência» para intervirem como mestres, professores, dirigentes, «leccionadores»?

Não basta ser dono de um Hotel, de uma boa pensão, não é suficiente ser rico. Se «o hábito não faz o monge» temos de confessar que Viseu tendo não poucos «monges» não possui hábitos que imponham certos funcionários, nem alguns dirigentes, como de «reconhecida competência» nem sequer para bem servirem seus hóspedes quanto mais para serem monitores locais de algo que nunca aprenderam!

Que venham técnicos competentes. Que estudem e aprendam os candidatos locais, muitíssimo bem. Mas, por favor, tenhamos dó do Turismo, ao menos agora, que tão boa oportunidade se apresenta para ser ajudado pela Direcção-Geral respectiva e pelo zeloso e bem intencionado Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira!

BODAS DE OURO DO SEMINÁRIO DO GAVIÃO

GAVIÃO, 12 — O Seminário de Nossa Sr.ª da Conceição, de Gavião, vai comemorar as bodas de ouro da sua fundação, no dia 2 de Maio. Para as festas, devem considerar-se convidados todos os antigos alunos.

Onze raposas foram mortas numa batida

PROENÇA-A-NOVA, 12 — Promovida pela Comissão Venatória Concelhia e sob fiscalização da G. N. R., houve uma batida ás raposas na Serra da Catraia, na qual tomaram parte trinta caçadores e vinte batedores, além de muitos populares.

Foram abatidas onze raposas.

Sabe-se que naquela área serrana e noutros locais deste concelho, há muitas raposas, pelo que os proprietários esperam que se efectuem novas batidas, pois suportam grandes prejuizos nas capoeiras.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Houve luta e emoção, no encontro entre Benfica e Belenenses a contar para o Torneio de Reservas da A. F. L. A gravura documenta uma fase (frustrada) do ataque da turma de Belém

Torneio de reservas da A. F. L.

BENFICA, 2-BELENENSES, 0

ESTREIA VITORIOSA DE JOSÉ AUGUSTO

No Estádio de Alvalade realizou-se, ontem á noite, o encontro entre Benfica e Belenenses a contar para a primeira jornada da terceira fase da Taça Isaac Sequerra fase que, como se sabe, o regulamento impõe seja efectuada em campo neutro.

Iniciado o encontro, logo o Benfica evidenciou intuitos ofensivos, desenvolvendo ataques sobre ataques e obrigando a defesa dos «azuis» a árduo trabalho.

Volvidos doze minutos, o assédio benfiquista foi coroado de êxito: Praia internou-se pelo lado direito, venceu a oposição de Esteves e, já dentro da área, rematou forte. Ferro não conseguiu blocar o esférico e o mesmo Praia, num golpe de boa visão, passou, atrasado, para Aguas, que, á vontade, atirou a contar.

O Belenenses reagiu ao golo e o desafio passou a decorrer mais equilibrado, com predomínio das duas defesas perante o ataque contrário. Algumas oportunidades foram desperdiçadas de um lado e do outro, atingindo-se o intervalo sem que o marcador houvesse sofrido alteração.

A feição do encontro modificou-se um tanto na segunda parte, pois o Belenenses, no intento de restabelecer a igualdade, mostrou-se mais intencional, mais codicioso, atacando com maior frequência.

O Benfica, porém, não obstante o ligeiro ascendente do adversário, nunca descurou o sentido ofensivo, contra-atacando sempre que possível e levando o perigo ao ultimo reduto dos «azuis».

Assim, não surpreendeu que os «encarnados» lograssem obter o seu segundo tento quando estavam decorridos 77 minutos de jogo, exactamente num desses contra-ataques: a bola foi de Vítor Baptista a Nené, deste para Aguas, que, penetrando bem na defensiva contrária, rematou forte e colocado, sem possibilidades para Ferro.

O encontro continuou a desenrolar-se com interesse, dado o calor e entusiasmo posto na luta pelas duas turmas, mas, até final, o dois-zero favorável ao Benfica não foi modificado.

Sob a direcção de Eduardo Amaral (que realizou bom trabalho) as equipas alinharam:

BELENENSES — Ferro; Assis, Lomelino, Freitas e Esteves; Luciano e Cardoso; Gomes (Camolas), Ernesto, Canário e Godinho.

BENFICA — Fonseca; Marques, Ingulla (Calado), Zeca e Cruz; Vítor Martins e Matine; Praia, Aguas, Abel e Nené.

As substituições processaram-se no início da segunda parte.

José Augusto no banco de treinadores ao lado de Calado chefe do departamento de futebol

Ainda o Portugal-Espanha (Juniores)

Rebatidas afirmações do seleccionador espanhol

«Fisicamente não estamos em condições de participar nesta classe de competições» — declarou o treinador da selecção espanhola de juniores, Santamaria, após a derrota com os portugueses.

Esta afirmação de Santamaria causou certa indignação nos meios futebolísticos espanhóis, não tardando a surgir o antigo técnico de futebol juvenil, Victor Martinez, actualmente no Atlético de Madrid, a rebater aquela opinião, nos seguintes termos:

«Quero sair em defesa desse futebol que, nas declarações de Santamaria, fica por certo muito mal colocado. Como se os nossos rapazes fossem mais raquíticos que os de outras nações E, é curioso, acontece que ao mesmo tempo fornece matéria com a qual se pode muito bem rebater aquilo que diz».

E em seguida concretiza:

— Primeiro diz que a Espanha tem sido sempre uma primeiríssima potência em juniores, tanto em futebol como noutras modalidades. E aí estão os títulos conquistados pela representação de hóquei em patins, ou o magnífico comportamento dos nossos jovens nadadores. Isto vem demonstrar que os nossos atletas de menor idade são de tão boa condição física como os de qualquer outro país. Precisamente a esta categoria se devem os êxitos mais ressonantes que a Espanha conseguiu nestes ultimos tempos.

E referindo-se particularmente ao futebol:

— O nosso «palmarés» desde 1952 conta com algumas excelentes vitórias, pois fomos campeões nesse ano e em 1954 subcampeões em 1957 e 1964 e semifinalistas em 1961 e 1966. Que outro país já conseguiu toda esta série de triunfos em 18 anos de participação em torneios europeus ou mundiais?...

E disse mais ainda:

— Admitamos que nalguns anos as coisas não nos correram também porque não encontrámos tão excelentes jogadores como noutras ocasiões ou porque houve equívoco na sua escolha. Mas isto não é razão para se deitar por terra uma juventude que vem demonstrando grande força física e até um superior conhecimento ao seu adversário. Portugal ganhou-nos. E isto que quer dizer? Pois, simplesmente, que em futebol uns ganham e outros perdem. Uma actuação frouxa até os profissionais mais cotados a têm.

«Penso que Santamaria fez quanto pôde para reunir o melhor «onze». No entanto, não estou de acordo que demonstre tanto desalento depois de uma simples derrota. O importante é emendar os erros; o importante é levar á selecção os melhores jogadores.

A ESPANHA VENCEU A ALEMANHA DO OESTE

SEVILHA, 12 — (F. P.) — A Espanha bateu a Alemanha do Oeste por dois a zero, em jogo amigável internacional de futebol realizado esta noite no Estádio Anchez Pizjuan, de Sevilha, perante 30 000 espectadores.

Os dois golos foram obtidos na primeira parte pelo interior esquerdo espanhol Arieta, aos 17 e aos 41 minutos.

Este jogo constituiu uma surpresa para os observadores por motivo das «armas» empregadas pela selecção que Ladislao Kubala dirige: velocidade, técnica e coragem. Embora eliminados de todos os torneios internacionais importantes, os espanhóis consideram no entanto esta vitória sobre a selecção alemã como uma espécie de compensação pelas exibições desastrosas da equipa nacional espanhola desde há alguns anos.

Composição das equipas:

ALEMANHA — Manglitz, Schnetlinger, Schulz, Vogts, Weber, Netzer, Grabowski, Hallber, Muller, Seeler e Libuda.

ESPANHA — Iribar, Sol (Melo), Gallego, Eladio, Costas, Uriarte, Lora, Amancio (Ufarte), Garate, Arieta e Rojo.

O jogo foi arbitrado por Bigliani (França).

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Prosseguem os diversos torneios

Resultados das partidas de ontem, a contar para as provas seguintes:

CAMPEONATO NACIONAL FEMININO DA I DIVISÃO *(fase metropolitana)* — Algés-V. Setúbal, 23-42; Nacional - Benfica, 36-40; C. U. F.-C. I. F., 42-51.

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES *(Zona Sul)* — Académica de Santarém-Benfica, 24-85; Barreirense-Algés, 56-48.

TORNEIO NACIONAL DE JUVENIS — Académica de Santarém-Belenenses, vitória dos últimos por falta de comparência dos adversários; Barreirense-Algés, 41-22.

EM ALVALADE

Sporting, 5 Selecção Juniores, 0

Ontem, á ultima hora, foi resolvido opor a selecção nacional de juniores á reserva do Sporting, num encontro que antedeceu o jogo Belenenses-Benfica

O primeiro tempo, que foi de relativo equilíbrio, terminou com 1-0, a favor dos «leões».

Na segunda parte, a turma de juniores — a jogar assim, não sabemos como ganhou 4-0 aos espanhóis — sofreu algumas alterações, dando uma fraca ideia das suas possibilidades e acusando uma preparação física um tanto deficiente. Assim, o Sporting não teve dificuldade em aumentar a marca para 5-0, resultado com que terminou a partida. De assinalar, ainda, o que todo o segundo tempo foi disputado no campo dos jovens, tendo o guardião «leonino» tocado apenas duas vezes na bola, porque o esférico lhe foi passado pelos companheiros de equipa.

O F.C. DO PORTO campeão do «Regional» de Reservas

Concluiu-se o campeonato regional de reservas da Associação de Futebol do Porto.

O F. C. do Porto que ontem bateu o Salgueiros (3-1) foi o vencedor da prova com vitórias em todos os desafios. Classificaram-se a seguir o Salgueiros, o Tirsense e o Penafiel.

Junte o util ao agradavel

Venha ao nosso stand. Experimente o prazer de conduzir um carro versátil, cómodo e seguro.

VAUXHALL
VIVA ESTATE CAR
UM PRODUTO GENERAL MOTORS

Garantimos eficiente assistência técnica Vauxhall e Bedford.
Recebemos trocas e damos facilidades de pagamento.

AUTO-INDUSTRIAL GM
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B–Telefones: 538082/562551

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SANTANA FUTEBOL CLUBE

Reuniu a assembleia geral ordinária do Santana Futebol Clube para eleição dos corpos gerentes para o ano de 1970, que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia — presidente, António José Morais; secretários, Carlos Caldeira do Espírtito Santo e Carlos Alberto Ferreira Torres.

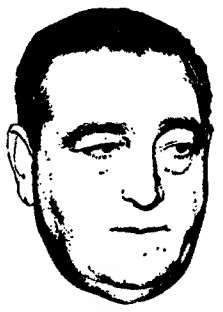
Direcção — presidente, Alberto Domingos Reis; vice-presidente, Francisco Santos Balagueiro; tesoureiro, Raul Carlos do Nascimento; secretário-geral, José Luís Martins Nascimento; secretários, António Guedes da Silva e José Martins Ramos; vogais, Armando Franco Costa, Irmino Santos Silva, Adolfo Nunes de Albuquerque e Rodolfo Martins do Nascimento.

Conselho Fiscal — presidente, Pedro Cordeiro dos Santos; secretário, António Alfredo Almada Rodrigues; e relator, Manuel Amorim Vieira.

Delegados à F. P. C. C. Recreio — Alberto Domingos Reis e Armando Franco Costa.

ANDEBOL, UM DESPORTO PARA TODOS

A PROPÓSITO DE PROBLEMAS DA SELECÇÃO NACIONAL



por MATOS MOURA

I

Estas linhas respondem, de certo modo, ao artigo do meu excelente amigo António de Freitas, com o título «Haverá problemas na selecção Nacional de Andebol?». *Tudo o que escrevi, como já expliquei telefónicamente ao autor do artigo, foi-me contado pelos jogadores e confirmado por um dos elementos mais responsáveis pela nossa selecção. Como já disse pelo telefone posso no entanto acrescentar que não escrevi tudo quanto me foi contado. Nada inventei. No restante é uma opinião pessoal, julgo que respeitável como qualquer outra.*

Sou, por índole avesso a atitudes que possam desunir a «família andebolística», mas só aqueles elementos utets e válidos que a modalidade incontestàvelmente possui.

Mas também não pactuo com elementos que tudo fazem para seu exclusivo interesse e não, para prestígio da modalidade.

«Como se vê não houve crítica injusta. Desconhecedora dos factos».

Entendo no entanto que A. Freitas, como membro do Conselho Técnico federativo embora em posição ingrata tinha forçosamente de defender a posição dos seus colegas que necessitavam de defesa. Outra coisa não era de esperar deste meu amigo, que muito respeito e admiro.

Ainda a propósito daquelas minhas considerações, tive conhecimento que caíram mal em alguns sectores da modalidade e fala-se até, em crítica construtiva, que eu devia fazer.

O que é crítica construtiva? Louvaninhos, águas mornas, não fazer ondas e só dizer amen a tudo o que se faz? Se é essa, recuso-me terminantemente a «construir».

Não me move qualquer espécie de má vontade seja contra quem for, mas fui autorizado a tratar as coisas pelo nome próprio, a dar a minha opinião e essa não a rejeito bem pelo contrário.

Certamente que não agradará a alguns, mas quanto a esses, continuo a pensar que são elementos pernicíosos ao andebol.

E agora, senhores responsáveis, mãos ao trabalho, pois a Taça Latina de «Esperanças» aproxim-se e muito há ainda a fazer, para que os nososs briosos rapazes sintam o apoio e amparo tão necessários ao êxito apetecido que todos nós desejamos.

Como sou teimoso, continuo a pensar que uma só pessoa, deve orientar e decidir. Consta-me que desta vez será assim. E ainda bem.

II

A ultima jornada do campeonato regional de Lisboa, foi uma demonstração eloquente da boa forma de alguns elementos seleccionados para as «Esperanças». Oxalá que essa boa forma se mantenha.

Nesta jornada «Os Belenenses» quebraram a invencibilidade do Sporting, que já não perdia desde Junho de 1968, com equipas nacionais.

O encontro foi digno de se ver, especialmente pela sua rapidez e pela boa ordenação dos blocos defensivos, que actuaram bastante bem.

«Os Belenenses» venceram merecidamente e com esta vitória colocaram-se a par dos «leões» no primeiro lugar.

Se houver necessidade de uma «finalíssima», antevejo um belo espectáculo e que vai chamar ao local onde se realizar, talvez uma assistência «record», em Lisboa.

Parabéns aos Belenenses pelo seu magnífico triunfo, que é fruto do trabalho em profundidade, que os ignorados seccionistas e directores, tão porfiadamente têm levado a cabo.

MATOS MOURA

TOTOBOLA

24.º CONCURSO — 15.2.970

CAMPEONATO DE ESPANHA

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

ATLÉTICO DE MADRID	30	pontos
ATLÉTICO DE BILBAU	30	»
Real Madrid	27	»
Real Sociedad	25	»
Sevilha	25	»
SARAGOÇA	24	»
Valência	23	»
Barcelona	22	»
Granada	21	»
SABADEL	20	»
CELTA	19	»
LAS PALMAS	18	»
CORUNHA	17	»
ELCHE	16	»
MAIORCA	13	»
PONTEVEDRA	2	»

Ciclismo internacional

Precauções «anti-doping» agora também em Espanha

■ **O Serviço de Medicina Desportiva da Delegação Nacional de Desportos e a Federação Espanhola de Ciclismo, reuniram-se para estabelecer as bases de uma regulamentação «anti-doping» para a próxima temporada. E com o completo acordo destas entidades foi estabelecido o procedimento a seguir, o qual começará a ser aplicado a partir da volta a Andaluzia que inaugura já no próximo dia 15 a nova época de estrada do ciclismo espanhol.**

■ **A «Volta á Bélgica» principia em 6 de Abril em SPA. Trata-se da sua 54.ª edição. Participarão 13 equipas de oito corredores profissionais cada uma.**

■ **O belga Eddy Merckx triunfou no Omnium Ciclista de Charleroi para corredores profissionais de estrada, vencendo o italiano Felice Gimondi e o seu compatriota Ferdinando Bracke.**

■ **A Federação Peruana de Ciclismo está diligenciando no sentido de assegurar os serviços do treinador belga Joseph Bayaert. Segundo informou o presidente daquele organismo Miguel Bacigalupo, no caso de haver acordo, Bayaert tomaria conta da equipa nacional peruana que participará nos próximos campeonatos mundiais.**

■ **Por motivo das «Bodas de Prata» os organizadores da Volta á Espanha vão criar este ano uma nova classificação denominada de avanço ou da progressividade, para premiar os corredores que subam em cada etapa um maior numero de lugares na classificação. Em cada etapa serão eleitos os três corredores que subiram mais lugares na tabela, aos quais, além dos prémios, será estabelecida uma classificação geral por meio de pontos ou de tempos para a atribuição de prémios finais.**

■ **O consagrado ciclista espanhol Julio Jimenez que, por não ter conseguido nenhum contrato para esta temporada, decidiu retirar-se da actividade e dedicar-se inteiramente aos seus negócios, declarou agora que só aceitaria ainda capitanear qualquer equipa mediante contrato de 300 mil pesetas anuais.**

■ **De 6 a 10 de Abril disputar-se-á a «Semana Catalã», principiando na Castelldefels para terminar em Montjuich. Participam 130 corredores repartidos por treze equipas, oito das quais estrangeiras.**

■ **As equipas da Flandria (belga) e Willem II (holandesa) que disputam a Volta a Andaluzia encontram-se em estágio em Nerga, próximo de Málaga, a convite do Ayuntamiento daquela cidade.**

■ **A equipa Werner, composta por treze profissionais, dirigida por Fernando Manzaneque, projecta participar nas mais importantes provas espanholas e na Volta á Itália.**

■ **Os organizadores da Volta á Espanha projectam reunir em Cádis, á partida da XXV edição este ano, todos os anteriores vencedores da prova, os quais se encontram todos vivos, para uma cerimónia durante a qual serão homenageados, recebendo medalhas de prata comemorativas das «Bodas de Prata» da «Vuelta».**

■ **Entre profissionais e corredores da categoria de «primeira especial», há neste momento em Espanha 65 ciclistas sem equipa. Entre os 28 profissionais desempregados contam-se Julio Jimenez, Daniel Yuste, Amalio Hortilano, Fulgêncio Sanchez e Uribesubia.**

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Sanjoan.-Guimarães ...	2
Salgueiros-Sporting	2
Famalicão-Belenenses ...	2
Tirsense-Porto	X
Setúbal-Benfica	1
U. Tomar-C. U. F.	1
Boavista-Varzim	X
Barreirense-Leixões	X
Corunha-A. Bilbau	2
Elche-Sabadel	X
Saragoça-A. Madrid ...	2
Maiorca-Celta	1
Pontevedra - Las Palmas	1

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — *Campeonato de Lisboa da I Divisão:* Campo de Ourique-Técnico, ás 20 e 30; Almada-Benfica, ás 21 e 45; Passos Manuel-Belenenses, ás 23 horas, no pavilhão de Campo de Ourique.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Boa Hora-C. I. F., ás 20 e 30; Encarnação-Casa Pia, ás 21 e 45; Oriental-Madre de Deus, ás 23 horas, no pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21 horas: Campeonato de Lisboa de 4.ª categoria e Taça Luís Coelho.

VOLEIBOL — *Campeonato de Lisboa de Seniores:* Benfica-Sintrense, ás 21 e 30, no Pavilhão da Luz.

FUTEBOL — Posse dos novos corpos gerentes de A. F. de Setubal, na sua sede, ás 22 horas.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTENCIA

Hospital Júlio de Matos

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo XVI — Concurso para fornecimento de estrume

Até às 17,30 horas, do dia 23 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 11 de Fevereiro de 1970

O CHEFE DO SERVIÇO

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!
Um filme de **Franco Giraldi**

A REBOLONA
com **Ugo Tognazzi** e **Isabella Rei**

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de **Carl Dreyer**

DIA DE CÓLERA

VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!

A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, 15.15 (P. r.) e ás 21.30
Um êxito de gargalhada de que toda a gente fala

GUERRA À TV
com **BOURVIL** e **FRANCIS BLANCHE**
40 prédios privados da televisão... Porquê?

HOJE, ás 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

EUROPA

Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
«Amor e Aventura a Alta Velocidade»
(12 anos)
Panavision — Color
2.ª Semana

BOLA DE FOGO — 500
com **Frankie Avalon, Fabian** e **Chris Wills**

LIDO

Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um super-espectáculo com **Shirley MacLaine** e **Sammy Davis Jr.**

SWEET CHARITY
(A rapariga que queria ser amada)

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas
O DIABO ERA OUTRO
7 MULHERES PARA OS MAC GREGOR

Estreia de hoje — FECHEM-NAS A 7 CHAVES — E D E N

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
Às 21.45 — **ESTREIA**
Technicolor
FECHEM-NAS A 7 CHAVES
Às 18.30 — **MEIAS PRETAS**
(Adultos)

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
A divertida comédia

CONFIDENCIALISSIMO
com **Annie Girardot** e **Francis Blanche**
Prémio especial no Festival de Berlim
Prémio Fémina — Paris

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15 18.30 e 21.45
6.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban
no superespectáculo de 1970, em Cinemascope e Technicolor

«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Jamais houve dois homens tão violentos!

A MORTE VEM A CAVALO
com **Lee Van Cleef** e **John Phillip Law**
Technicolor — Techniscope

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA

THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Óscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katherine Ross**

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA

O OURO DE MACKENA
com **Gregory Peck** e **Omar Sharif**

QUINZENA COMÉDIA PORTUGUESA
HOJE—(M. 12 anos)—18.30 h.
MARIA PAPOILA
de Leitão de Barros (1937)
com Mirita Casimiro, António Silva e Virgínia Soler
AMANHÃ: **O Comissário de Polícia** (M. 12 anos)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
12.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 9.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional
2.ª SEMANA

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

No salão de festas — Exposição de automóveis antigos miniatura

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional!
2.ª SEMANA
Technicolor — Cinemascope

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
com **Tony Curtis, Susan Hampshire** e **Bourvil**

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21
ÊXITO SENSACIONAL
Um filme português de alto nível passional e dramático

O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva** e **Nicolau Breyner**
Realização de
HENRIQUE CAMPOS

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos)
Às 17 h. e ás 21.30
OLIVER
com **Mark Lester** e **Ron Moody**

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL
A RAPOSA DOURADA

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um impressionante «WESTERN» de acção e violência

JOHN O BASTARDO
Em Estmancolor
com **John Richardson** e **Martine Beswick**

CONDES

(M. 17 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne

CONFIDENCIALISSIMO
Prémio Fémina — Paris 1969

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
ONDE ESTÁ O JACK LADRÃO DE CASACA

POESIA FRANCESA NA CASA DA COMÉDIA

No próximo dia 17, pelas 22 horas, a Casa da Comédia, com o alto patrocínio do Instituto Francês, apresentará no seu pequeno teatro de bolso das Janelas Verdes, uma «Noite de Poesia Francesa», com declamação da ilustre artista dramática Monique Royer.

Serão lidos poemas de Verlaine, Baudelaire, P. Seghers, A. Breton, M. P. Fouchet e Guillervic.

Marcação de lugares, a partir das 18 e 30, pelo telefone 677299, ou directamente na sede da Casa da Comédia, Rua de São Francisco de Borja, 22 (ás Janelas Verdes). A Casa da Comédia é subsidiada pelo Fundo de Teatro.

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

T E A T R O S
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Ponja» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 28: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 28: «Espertezo saloia» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Relíquia» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).

C I N E M A S
OLIMPIA — Às 21: «7 contra todos» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «As irmãs Zorro» (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «As irmãs Zorro» (12 anos)
ROYAL — «A piranha» (17 anos).
ORIENTE — A estrela do sul» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Matar para não morrer» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «O prazer de matar» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A batalha de Anzio» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Os grandes do volante» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Uma nova cara no Inferno» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «Como se divorciam os americanos» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O mundo de Suzie Wong» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Jogos perigosos» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «Por mais alguns dólares» (17 anos).
e 30: «A grande aventura de Hannibal...» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «O magnífico estrangeiro» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Estrela do Destino» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Perigo de morte em Beirute» e «A minha senhora» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Quanto n.º 18» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç da Ajuda, 222 (6382561) ✲ **Tapada, Lda.**, Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — **Ester Nogueira**, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — **Lusa**, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) ✲ **Romano Baptista**, R Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALTO DO PINA — **Dalton**, Av Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Pr. Paiva Couceiro) (843571)
ALVALADE — **Líbia**, Av da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça dos Águas livres, 8-D (681515).
AREEIRO — **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana**, Avenida de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Avenida da República, 55-A (772182) ✲ **Previdência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770824) ✲ **Sá da Bandeira**, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (48966-553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Pr. das Casas Novas, lote 66 (310172).
BAIXA — **Simões Pires**, Rua do Prata, 115 (362350).
BENFICA — **Benfilux**, E de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Progresse**, Estrada A-da-Mala, 64-C (702026) ✲ **Macedo**, Est. do Paço do Chão, 69-C (703697).
CAMINHOS-DE-FERRO — **Cruz de Malta**, L Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — **Andrade**, R. do Alecrim, 105 (370685-328446).
CAMPO DE OURIQUE — **Linaldo**, R. Ferreira Borges, 30 (660995) ✲ **Findor**, R D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553808).
CAMPOLIDE — **Renil**, R. Rodrigo da Fonseca, 158 (683436) ✲ **Zénel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) ✲ **Nova**, R. de Campolide, 297-C (687475).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), (382470) ✲ **Zema**, R General Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — **Fonseca**, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808)
GRAÇA — **Almeida Dias**, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — **Patulela**, R do Lumiar, 122 a 24 (790834) ✲ **Douro**, Alam Linhos de Torres, 93-A-B (791181)
MADRAGOA — **Moderna**, R Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — **Ferrão**, R da Mouraria, 12 (860464)
ESTRELA E LAPA — **Alb**, R. de Santana á Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS-SUL — **Simão**, R Cidade de Cabinda, 6-A (junto á Piscina dos Olivais) (310581).
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — **Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
S. PAULO — **Marcos do Nascimento**, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — **Botânica**, Rua do Junqueiro, 38-40 (638182)
SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, R de Santa Marta, 15-A, 15-B (46490)
Sé — **Santa Luzia**, Rua do Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — **Varela**, Av. Moscavide, 44 (Tel 2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nifa** — Aven Comb. G Guerra, 64 (T 212070)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432084).
OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (T 2430090)
PAREDE — **Brandão** — Av. da Republica, 77-C (Tel 2471054)
ESTORIL — **Marques dos Santos** — R. Ferreira, J A-15 (T 260116)
CASCAIS — **Marginal**, Av. Marginal (Tel. 280078) — **A. Costa** R. Freitas Reis, 24-C (Telefone 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos** — Rua Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clabel** — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 930551).
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Guerão, 9-A (Telefone 933920).
QUELUZ — **Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 9501117) ✲ **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950103)
CACÉM — **Central** — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — **Quimia** — **Est.** Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** (Vila), Largo Rainha Amélia, 20 (T. 980155).
VENDA NOVA — **Nova** — R Elias Garcia, 10 (Tel 933920)
COLARES — **Colares** — **Abreja** (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis 30 (Tel. 224020)
ALMADA — **Castro Rodrigues** — R. Capitão Leitão 21-A (Tel. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 (Telefone 224302).
BARREIRO — **Normal** — Av. Alfredo da Silva, 116 (T 2273035)
COVA DA PIEDADE — **Império**, R. Cabo da Boa Esperança 3-A (Tel. 274356)
MOITA — **Silva Rocha** — R da Republica, 16 (Tel 239029
MONTIJO — **Higiéne**, R José Joaquim Marques, 42 (T 230370)
SESIMBRA — **Lopes** — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — **Oliveira** — L da Misericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja, 5 (Tel 22 9580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Aguas**, 861353 ✲ **Companhias Reunidas**, 537011 ✲ **Gazcidla**, 538821 ✲ **Gazcidla**, (dem e feriados 382069.

BOMBEIROS — **Sapadores** 322222 **Voluntários**, 538524

POLICIA e G. N. R — **Serviços de emergência**, 115 ✲ **Segurança Publica**, 866141 ✲ **Judiciária**, 535380 ✲ **Marítimo**, 326456 ✲ **Internacional**, 362721 ✲ **Viação e Trânsito**, 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865

SAÚDE — **Cruz Vermelha**, 865342 ✲ **Enfermagem permanente**, 766161 ✲ **Enfermagem de urgência**, 43738 ✲ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✲ **Hospital de S José**, 860131 ✲ **Sangue, exigénio e soros**, 771168 e 771169 ✲ **Transfusões, soros e exigenio**, 538524 ✲ **Centro de Intoxicações (informativo)**, 767777 761176 e 763450

TRANSPORTES—**Aeroporto** 720111 ✲ **Caminhos-de-ferro**, (C. P.), 869029 ✲ **Caminhos - de - ferro (Estoril)** 861121 ✲ **Estação fluvial** (T Paço) 325345 ✲ **Estação marítima de Alcântara**, 663195 ✲ **Estação Marítima de Rocha** 672445 ✲ **Estação fluvial (Belém)** 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
(Maiores de 5 anos)
R. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef 42963

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Representante dos carregadores na Junta Nacional da Marinha Mercante

— admitiu esta manhã o presidente daquele Organismo

«No aspecto organico a junta que tem a representação de quatro departamentos ministeriais, deve em breve ver acrescido o seu numero com um elemento do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, esperando-se que também tenha assento um representante dos Senhores Carregadores» — afirmou o presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante durante a visita que esta manhã o Chefe de Estado efectuou áquele organismo do Ministério da Marinha.

Presentes, entre várias individualidades, o ministro de Marinha, o governador Civil de Lisboa, e altas patentes da Marinha Mercante.

O Chefe de Estado foi recebido pelo presidente da Junta, comodoro Gomes Ramos e, no salão nobre, efectuou-se uma sessão solene comemorativa dos 30 anos da criação da primeira Junta que passou a orientar a actividade da Marinha de Comércio e de que o almirante Américo Thomaz foi o primeiro presidente.

Falou em primeiro lugar o comodoro Gomes Ramos que salientou os vários problemas com que se debate a Marinha Mercante, dizendo a determinada altura:

«A existência de uma Marinha Nacional que além do tráfego interno se espalhe pelo Mundo, é ambição justificada dos que hoje a servem em todos os níveis, e denominadamente na Junta, porquanto se pretende e trabalha para atenuar desde já e de forma drástica o afretamento de navios estrangeiros que ainda hoje transportam quase totalmente os minérios de ferro e as frutas de Angola para a Metrópole e o vinho a granel para o Ultramar».

O Chefe de Estado agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e, depois de recordar os tempos em que foi presidente daquele organismo, condecorou com a Comenda de Ordem do Infante D. Henrique, o secretário-geral da Junta, dr. Ramos Ascensão.

Depois do distinguido agradecer a homenagem que lhe foi prestada, seguiu-se uma visita às instalações.

O Presidente da República durante a visita efectuada, esta manhã, à Junta Nacional da Marinha Mercante

De vez em quando

O primeiro avião gigante — dos que vão passar a cruzar regularmente os ares — veio ao aeroporto da Portela precisamente meia duzia de dias após os Serviços Técnicos de Exploração daquela aerogare terem revelado numeros elucidativos referentes ao constante aumento de tráfego, pelos quais se conclui que o velho aeroporto pode ainda suportar, por mais um ou dois anos, o afluxo de passageiros previsto para tal período. Depois... depois, um remendo aqui, uma transformação acolá, sempre se hão-de arranjar as coisas para mais dois aninhos, pelo menos. Se assim não fosse, de que serviria este nosso comprovado jeito, para a improvisação? É preciso cultivar as virtudes da raça.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, o vento era fraco do quadrante Oeste e chuviscava em várias regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16°,2; mínima: Penhas da Saúde, 0°.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 12°; Penhas Douradas, 0°,2; Coimbra, 10°; Portalegre, 0°,7; Lisboa, 11°; Faro, 11°; Funchal, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 13°; na água do mar, 13°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu muito nublado; vento fraco a moderado de quadrante Oeste, podendo soprar com rajadas no litoral norte; períodos de chuva e aguaceiros, em especial nas regiões ao norte do Tejo.

Amanhã
Nascer ás 8 e 31
Ocaso ás 19 e 12

Amanhã Dia 21 Dia 1 Dia 7

MARÉS:

PREIA-MAR — **Hoje** — 8 e 40 (3,6 m); 21 e 07 (3,4 m). **Dia 13** — 9 e 40 (3,3 m); 22 e 14 (3,2 m). **Dia 14** — 10 e 51 (3,1 m); 23 e 22 (3,1 m). BAIXA-MAR — **Hoje** — 1 e 50 (1,3 m); 14 e 21 (1,4 m). **Dia 13** — 5 e 22 (1,5 m) 15 e 30 (1,7 m). **Dia 14** — 4 e 09 (1,7 m); 16 e 40 (1,8 m).

TERMINOU O INQUÉRITO ACERCA DOS HORÁRIOS DA LINHA DO ESTORIL

A Sociedade Estoril terminou, entre os utentes da «linha» possuidores de assinaturas, um trabalho de prospecção sobre horários. Este trabalho de consulta concluiu-se no passado dia 10 e já ontem, efectuado o apuramento das respostas, foi organizado um processo que a direcção da empresa apreciará hoje e amanhã.

— *O resultado final deve ser objecto de um comunicado a publicar na próxima segunda-feira* — disseram-nos esta manhã no departamento de Relações Publicas da Sociedade Estoril.

E acrescentou o nosso informador:

— *Mais de metade dos utentes da linha ferroviária Lisboa-Cascais-Lisboa, que são nossos assinantes, responderam ao nosso inquérito. Assim, já podemos fazer um juízo muito aproximado do exacto: quem não respondeu é porque está satisfeito com o horário moderno.*

O almirante Wendt reuniu-se com oficiais da Comiberlant

O almirante Wendt, comandante das forças navais norte-americanas na Europa que, tal como noticiámos, ontem chegou a Lisboa, teve esta manhã uma reunião com os oficiais da Comiberlant (N. A. T. O.), em Mem Martins.

Às 15 e 30 horas visitou as instalações da N. A. T. O. e á noite é-lhe oferecido um jantar pelo director do Museu da Marinha.

Rastreios da tuberculose aos alunos do IST

Nos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, inicia-se hoje e prolonga-se até ao dia 24, o período destinado aos alunos do I. S. T. para os rastreios da tuberculose pulmonar.

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Oferece uma Solução Melhor

faça da sua conta-depósito uma conta previdência

Os nossos depositantes estão automàticamente seguros contra acidentes pessoais no valor da sua conta, com o limite do capital seguro até 1.000 contos.
Até 31 de Dezembro foram pagos 9.000.713$70 de indemnizações.
Faça-se também nosso depositante e transforme assim a sua conta numa CONTA-PREVIDÊNCIA

Albert Camus, dez anos depois

O NIETZCHEANO

por Roger Grenier

NO DIA 4 DE JANEIRO DE 1960, Albert Camus morria numa estrada de Yonne. Ao fim destes dez anos, sendo embora certo que a sua obra não perdeu nenhuma audiência nem em França nem no estrangeiro (é uma das que têm maior tiragem) tem-se julgado que o nosso tempo está a afastar-se do pensamento do autor. Roger Grenier, insistindo em aspectos menos conhecidos, aproxima de nós o pensamento camussiano.

Lembro-me que em 1945, na sala de redacção do «*Combat*», perguntámos um dia, com a maior seriedade qual dos novos escritores teria possibilidades de passar à posteridade. Alguém disse: «É Camus!». Seguiu-se um momento de reflexão: «Sim, é possível. Mas como havemos de saber?» A pergunta era vã e fútil. Tanto mais vã quanto era certo sabermos que já não existiríamos no dia em que a obra de Camus enfrentasse a posteridade.

Mas deu-se aquele acontecimento improvável e cruel, e eis que podemos agora apreciar, com um recuo já importante de dez anos, uma obra que devia estar ainda em processo de feitura.

Camus não chega derrotado a este *rendez-vous:* muito pelo contrário. Mas, no plano das ideias como no plano literário, nem sempre foi compreendido pelos seus contemporâneos. Opiniões admitidas hoje por todos valiam-lhe ataques e injúrias. Não se teve inteiramente conveniência da noviadde e da diversidade dos seus métodos romanescos que anunciam certas pesquisas actuais.

O «socialismo de rosto humano» que hoje todos celebram (chorando-o já) é a revolução que ele pedia nas suas editoriais, imediatamente a seguir

Camus: nem sempre compreendido

á libertação. Agora podemos surpreender-nos por um moralista ter indignado tão grande número de boas consciências, simplesmente porque recusou o terror estalinista e o crime como sistema de governo. Que se leia novamente «Nem vítimas nem carrascos». Quem não subscreveria esta descrição (feita em 1946) dos homens da Europa «que não pertencem a nenhum partido, ou que estão mal à vontade naquilo que escolheram, que duvidam de que o socialismo seja realizado na Rússia e o liberalismo na América, que, contudo, reconhecem a esta e àquela o direito de afirmar a sua verdade, mas que lhes recusam o de o impor pelo assassínio, individual ou colectivo».

Quem não pensaria em Soljenitsyne perante esta declaração do «Discurso da Suécia»: «O escritor não pode colocar-se hoje ao serviço dos que fazem a história; está ao serviço dos que a sofrem».

SOB O PAVIMENTO, A PRAIA

A simpatia de Camus para com os libertários, nunca foi desmentida, embora sempre a tenha exprimido discretamente. No seu tempo, era quase uma singularidade. Mas isso aproxima-o mais das ideias de Maio de 1968 que muitos homens da sua geração. Não devemos porém exagerar. Seria ridículo sustentar que Camus foi um dos profetas de que se reclamavam os contestatários de Maio. Quero dizer apenas que as suas afirmações de há 25 anos não teriam ficado deslocadas nesse momento. Ele, o mediterrânico cuja ideia de felicidade era inseparável de imagens da sua juventude, nunca fez mais que procurar, sob o pavimento, a praia. Camus formara, durante a Resistência, a ideia de que «a luta política não é nem uma carreira nem um *loisir*, nem um acidente da vida».

Que nos reportemos também a essa editorial de Dezembro de 1944 que denunciava o que se passava logo a seguir à libertação: isto é, estrangulamento da revolução. É pena que o não possamos citar por inteiro. Cada uma das linhas podia vir datada de Junho de 1968. Primeiro, aplaude-se adormece-se o povo com louvores, desarma-se; depois insinua-se que a revolução não foi assim tão pura, «que os coléricos se misturaram com os heróis»; vem depois a condenação total: «as numerosas ruinas, roubos, assassínios, incêndios e infâmias de toda a espécie são testemunho de que a revolução teria feito, se não tivesse sido esmagada no berço».

«É a altura de nos aproveitarmos do medo, que conduz à estupefacção, para nos lançarmos ousadamente para trás, metendo um travão aos vitoriosos».

um esquema de Edgar Quinet e fazia notar que primeiros dias da Libertação, Camus retomava

Denunciando assim os a técnica para arruinar as revoluções é muito antiga e que os saciados nunca se esquecem de a aplicar: «Há assim, em nós, e desde há séculos, juramentos que nunca se fizeram mas que sempre se cumpriram».

«UM OLHO A MAIS»

Maurice Blanchot nota, a propósito de «A Queda» que um homem que escreve é como Édipo. Tem «talvez um olho a mais». Daí essa incómoda clarividência. Esse «olho a mais» impede que se mantenha boa consciência em política. Afasta igualmente da filosofia teórica: «Não sou

Continua na página 6

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

A juventude de Machado de Assis

por Liberto Cruz

SE É VERDADE que a literatura de língua portuguesa ainda não encontrou à escala mundial a devida aceitação, não é menos exacto que, a pouco e pouco tem conquistado o meio universitário de diversos países. Para nos limitarmos à França, lembremos algumas teses de doutoramento ùltimamente defendidas em Faculdades de Letras: *Almeida Garret l'Intime Contrainte*, por R. A. Lawton, *La critique et la satire de Dom Francisco Manuel de Melo* por Jean Colomès e *D. João de Castro — Gouverneur et Vice-Roi des Indes Orientales (1500--1548)* por J. B. Aquarone.

Uma das teses mais recentes (a cuja defesa tivemos o prazer de assistir em Poitiers) ocupa-se de *La Jeunesse de Machado de Assis (1839-1870) — Essai de biographie intelectuelle* — e é assinada por Jean-Michel Massa. Nos anais da Universidade Francesa constitui a primeira tese impressa de doutoramento em Letras que é consagrada à Literatura Brasileira. Trabalho exemplar revela uma argúcia crítica, uma capacidade de trabalho, uma segurança de método, uma humildade e um amor pela obra machadiana que não é de mais enaltecer. Estamos de facto perante uma «biografia intelectual» onde a paixão do crítico jamais é traída pelo rigor científico e onde à pura imaginação se prefere a certeza dos factos. Estudo exaustivo e profícuo resulta de quatro viagens ao Brasil, de várias a Portugal (incluindo os Açores) e a Inglaterra, não contando, evidentemente, com as digressões feitas na própria França.

Servindo-se de todos os dados biográficos e críticos, de todas as opiniões e sugestões, de todos os estudos publicados sobre Machado de Assis, o Prof. Massa assimila-os e rebate-os, põe-nos em dúvida ou admite-os, louva-os ou esquece-os, rejeita-os ou completa-os, e lança-*se à descoberta do maior escritor brasileiro.*

Machado de Assis: um novo caminho

Partindo *experimentalmente* do ponto zero, embrenha-se numa aventura inquietante onde abundam ideias feitas e assentes, pequenos mitos, românticas anedotas, factos deturpados, acontecimentos fantásticos, velhos mistérios e erradas asserções. A viagem era perigosa e excitante dado que, se por um lado, abundavam as fontes para a compreensão de Machado de Assis, por outro lado não minguavam os episódios pitorescos e tão reais que pareciam fictícios.

Seguindo um itinerário pessoal sem menosprezar os pontos de vista de outros biógrafos e estudiosos, Jean-Michel Massa rebusca arquivos e bibliotecas, folheia centenas de jornais e revistas, coteja opiniões, analisa as atitudes de Machado Assis, evoca o momento e a causa de determinadas situações, acabando sagazmente por meter «as coisas no devido lugar».

OS LIMITES DUMA AMBIÇÃO

É preciso dizer, antes de prosseguirmos, que esta tese do Prof. Massa se ergue como um «monumento» e que estudos posteriores sobre o autor de *Dom Casmurro* jamais poderão ignorá-lo.

Desejando a princípio abranger toda a vida e obra machadiana, Jean-Michel Massa cedo se deu conta da árdua tarefa que era necessário realizar. Assim limita a sua ambição a cerca dum quarto dos seus escritos (1855-70) mas isso não o impede de escrever perto de 750 páginas in-quarto.

Apesar do êxito, da perfeição com que evoca e retrata os verdes anos do «machadinho», suas ambições e frustrações, seus desejos e medos, suas hesitações e certezas, seus «heróis» e modelos, seus «mestres» e amigos, suas preocupações e perplexidades, seus amores e esperanças, apetece dizer que Machado de Assis

Carolina, mulher do escritor

é apenas um pretexto de que se serve Jean-Michel Massa. Na verdade os verdeiros heróis desta tese são o tempo e a realidade histórica vivida pelo nosso autor. Com uma sábia ligeireza, uma firme tomada de consciência e uma facilidade aparente, o Prof. Massa arrasta o leitor até à época e à vivência de Machado de Assis. Obriga-nos a mergulhar no seu tempo, nos seus problemas e an-

Continua na página 2

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 599
12 ● FEVEREIRO ● 1970

Ionesco no Museu de Cera

LOGO AO PRIMEIRO escrutínio, Ionesco ganhou o barrete. O académico barrete franjado. O vanguardista, o iconoclasta, o companheiro de Queneau e Boris Vian no «Colégio da Patafísica», o homem que foi apontado como um dos herdeiros de Alfred Jarry, ubuesco, desconcertante, demolidor da embófia da retórica, dos narizes-de-cera — agora mais parece um porteiro engalanado, ou almirante sem óculo de longo alcance, de farfalhudo personagem de ópera-cómica.

Dezoito votos — dezoito — e el-lo na Academia Francesa. A cantora careca vestiu peruca e aí a temos circulando, mundana, entre lustres e rendas velhas (outra maneira de dizer câmeras de têvê e anúncios de licores) com um rinocerante domesticado pela mão. Caquética, a assistência bate palmas. Ionesco, baboso, debita *mots d'esprit* — como é de sua obrigação, agora que se tornou (ou aceitou que o tornassem) «imortal».

Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Ionesco, académico, transformou-se numa figura do museu Grévin.

Requiescat in pace!

V. S. T.

«Voltats de por»

«*Voltats de por, enmig del glac/ de burles i rialles d'albardans...*» Estes são versos do maior poeta catalão vivo e um dos maiores de todo o mundo hispânico, Salvador Esprin. «*Cercados de medo, no meio do gelo/ de burlas e risadas de bufões,/ dissemos as palavras que são o sangue/ deste velho povo que queremos salvar.*» Mal conhecido no nosso país, traduzem-no os brasileiros, que tecem com a Espanha laços cada vez mais apertados.

Aliás, é essa mesma a notícia: no Brasil acaba de ser publicada uma «*Antologia de poesia catalã contemporânea*» com selecção, tradução e notas de Stella Leonardos e introdução de Domingos Carvalho da Silva. Quanto ao editor — Monfort, de São Paulo — está pronto para outros lançamentos.

A antologia, cuja oportunidade achamos desnecessário sublinhar, começa com Joan Maragall e vem até aos jovens Miquel Bançà e Coloma Lleal, sem esquecer Raimon, jovem baladista que é também (razoável) poeta. No volume encontramos de passagem as figuras máximas da poesia catalã deste século: Carles Riba, J. V. Foix, Salvat-Papasseit, Pere Quart, Rosselló-Pòrcel, Joan Teixidor, Gabriel Ferrater, Blai Bonet e, bem entendido, Esprin, que com «*La Pell de Bran*» («A pele de touro») transcenderia definitivamente os limites regionais se tais limites existissem hoje numa Espanha curiosíssima de si própria.

Escolha, este de Stella Leonardos, generosa pela inserção de muitas vozes diferenciadas. No entanto fica-se a pensar que a fórmula poderia ter sido vantajosamente outra: menos poetas e mais poemas de cada um. Se Esprin merece cinco composições antologiadas, Riba ou Quart, sobretudo aquele, motor principal de quase toda a poesia catalã subsequente, estão mal representados com uma e duas respectivamente.

Em todo o caso, uma lição: os brasileiros fazem o que não sabemos ou não queremos ou ainda não pensámos fazer. Quando muito conhecemos Cucurul (também antologiado por Stella Leonardos), e talvez só porque o escritor de Arenys de Mar é um lusófilo de longa data. Quanto ao resto... Diga-se ainda que a tradutora fez um bom trabalho: a versão parece-nos escorreita sem deixar de ser atenta às peculiaridades de cada poeta — e multas são em Esprin ou Salvat-Papassiet, para só citar estes dois casos.

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	DL	JVP	LA	MML	VST
Os Gloriosos Calhambeques (Ken Annakin)	—	—	—	0	—	0	0	0
A Rebolona (Franco Giraldi)	—	0	—	—	—	—	0	1
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall)	—	—	—	—	—	3	—	—
Erotíssimo (Gerard Pires)	—	2	—	—	3	3	2	3
Juventude Enamorada (Bruno Corbucci)	—	—	—	—	—	0	—	—
Chapés de Sol (Dino Risi)	—	—	—	—	—	0	—	—
4 Brutos no Oeste (Marino Girolami)	—	—	—	—	—	0	0	0
O Ouro de Mackenna (J. Lee Thompson)	—	—	—	—	0	0	0	0
3 Quartos em Nova Iorque (M. Carné)	—	—	0	—	—	0	0	0
A Primeira Noite (Mike Nichols)	0	0	0	1	1	2	0	1
Sweet Charity (Bob Fosse)	2	3	—	—	2	4	3	3
Hello, Dolly (Gene Kelly)	2	1	3	2	—	4	3	1
Meias Pretas (Christopher Moruhan)	3	2	—	—	3	3	2	3
Guerra à TV (Jean-Pierre Mocky)	—	—	—	—	—	3	—	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AdC (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); ArC (**Armando Caeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letros e Artes); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); JVP (**José Vaz Pereira**, Seara Nova e D. L.); LA (D. L. e Programa «P.B.X.»); MML (**Manuel Machado da Luz**, Seara Nova e D. L.) e VST (**Vitor Silva Tavares**, D. L.)

A juventude de Machado de Assis

Continuação da página 1

gústias e força-nos a ver, por uma espécie de sortilégio, a biografia intelectual do poeta de *Versos a Corina*. Note-se que esta formidável reconstituição dos primeiros quartéis do século XIX brasileiro, este levantamento da atmosfera em que viveu e se deslocou Machado de Assis, assenta numa sólida e irrefutável documentação. Ao contrário do que tantas vezes se verifica em obras deste género, o biografado surge-nos como um simples escritor que se procura e interroga, e ingènuamente espanta com a obra alheia, ainda que menor. Indeciso, titubeante, o aprendiz do feitiço literário encontra-se e «inventa-se» mercê, não só da sua extraordinária inteligência, mas ainda, dum conjunto de circunstâncias históricas e sociais. Com efeito a precocidade literária, a faúlha de génio que muitos críticos encontram, às vezes, num frenesim fantasioso, mesmo num texto mediocre, nunca são assinaladas fantàsticamente por Jean-Michel Massa em relação a Machado de Assis. Estudando-o e acompanhando-o no seu itinerário criador, o biógrafo localiza o homem e interpreta o escritor com interesse e entusiasmo sem perder todavia lucidez. Nota-se uma severidade, uma isenção, uma solidez, uma perseverança, uma persuasão e um arrebatamento nos dados com que são apresentados este ensaio, que só podem ser consequência dum aturado estudo, duma demorada e profunda reflexão.

A medida que o homem vive e contacta com outros homens tomando parte em acontecimentos importantes ou secundários do seu país, à medida que o escritor escreve e contacta com a obra de outros escritores e com outras literaturas, vai-se arquitectando com o coração e o espírito o indivíduo, o criador que virá a publicar algumas obras primas da literatura brasileira e de língua portuguesa.

TRAJECTÓRIA DUMA CARREIRA

Começando por destruir a lendária versão que pretendia Machado de Assis «um pobre moleque», o ensaista, após uma deslocação aos Açores, onde obtém provas concretas no Registo Civil, mostra-nos a sua ascedência portuguesa por parte da mãe e a influência que esta exerceu na sua instrução. De derrube em derrube, sempre apoiado em documentos e servindo-se dum espantoso raciocínio crítico e duma intuição singular, Jean-Michel Massa traça uma nova trajectória, encontra o autêntico caminho que Machado de Assis deve ter trilhado. Eis-nos pois perante o seu primeiro texto publicado em 6 de Janeiro de 1855. Vêm depois as primeiras leituras, o encontro com o português Francisco Gonçalves Braga, poeta menor que se pode considerar o seu primeiro Mestre. Um ano depois temos os primeiros pasos na prosa e aos 18 anos surge-nos Machado de Assis contista ao escrever para a *Marmota* um conto modesto e incipiente intitulado *Três Tesouros Perdidos*.

Lançado na carreira das letras por uma intrinseca necessidade, o jovem escritor procura assuntos onde possa dar aso à sua imaginação e contentamento à ânsia de escrever. Todos os motivos são válidos e a oportunidade aparece num debate fútil: *A Polémica dos Cegos*. Nela intervêm António Feliciano de Castilho e Monte Alverne, ambos cegos, que conhecem demasiado o problema. Mas Machado de Assis procurava adversários. Encontra-os e esforçadamente se lança numa campanha de que sai vitorioso. Podemos dizer que é o primeiro triunfo o seu nome torna-se conhecido.

O ano de 1859 marca o comprometimento político. Apontado com frequência como um ser indiferente a uma realidade social, Machado de Assis encontra no Prof. Massa um defensor que o redime aos olhos do leitor. Com efeito os textos que escreveu para o *O Espelho* apresentam-nos um Machado de Assis democrata, um homem que sentia e se debruçava sobre os problemas do seu semelhante, nomeadamente do negro.

Faustino Xavier de Novais que trocara há meses a incerteza de Portugal por uma provável fortuna na terra das patacas, torna-se uma amizade sólida, uma espécie de guia espiritual (momentâneo) para o principiante intelectual brasileiro. O conhecimento travado com o francês Ribeyrolles e as leituras de Pelletan e Victor Hugo arrebatam-no e trasformam-no. O germe que o roía encontra nestes amigos e escritores um apoio e uma esperança que o forçam a persistir e a formar como homem de letras. E Machado de Assis compromete-se política e socialmente.

Como diz o ensaista, *1862 avait marqué le sommet de l'engagement, 1867 est l'an I de la liberté littéraire, et sûr de sa vocation, il entre en littérature comme on entre dans les ordres.*[1]

Trabalhador incansável e com uma inteligência fora do comum (como observa o Prof. Massa) Machado de Assis navega durante uma dezena de anos em águas, não turvas, mas plenas de solicitações e emboscadas. Atraído por tudo *(il s'apperçoit que rien de ce qui est littéraire ne lui est étranger*[2]*)* atravessara apaixonadamente todas as escalas desde o social ao quase moral passando pelo nacionalismo. A ambição de atingir um público mais vasto e o casamento com Carolina (irmã de Faustino Xavier de Novais) conduzem-no a alterar, melhor, a prosseguir um *novo* caminho da literatura.

Il rejoignait d'ailleurs un autre courant, alors vingoureux, de la littérature universelle, la littérature moraliste et idéalisante et ses amitiés s'accordèrent bientôt avec cette nouvelle conception du monde.[3]

UMA TESE FUNDAMENTAL

O Prof. Massa acaba a sua tese no momento exacto em que Machado de Assis se descobre escritor e leva-nos a descobrir de forma indubitável e fascinante a sua *biografia intelectual*. A profundidade deste estudo, o escrúpulo com que foi elaborado, a factura científica do método, o impressionante levantamento histórico do tempo de Machado de Assis e a sensibilidade evidente na forma como os problemas são abordados, levam a exigir do leitor e dos admiradores do romancista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que o Prof. Jean-Michel Massa termine o mais depressa possível a biografia intelectual deste Mestre das Letras Brasileiras.

Um outro aspecto que eu gostaria de pôr aqui em evidência é a generosidade do investigador. Ao longo duma boa dezena de anos de trabalho o Prof. Massa teve oportunidade de deparar com inúmeros documentos e diversos textos por vezes quase alheios ao seu tema ou então só indirectamente relacionados. Em vez de os ocultar o Prof. Massa revela-os, chama a atenção do leitor, faz sugestões, convida a prosseguir o seu estudo e divulgação. Eis porque esta tese me parece uma porta aberta para várias teses. E tanto brasileiros como portugueses encontram aqui um manancial inesgotável.

Quem são os camilianistas que sabem da existência de 4 cartas inéditas de Camilo a Faustino Xavier de Novais? O Prof. Massa leu-as e indica o lugar onde se podem encontrar.

E a importância da revista *Futuro*, fundada por Faustino Xavier de Novais em 1862, quem se debruçou já sobre isso? No entanto: *n'a guère été étudiée, bien qu'elle ait marqué la vie littéraire et artistique de la capitale brésilienne de traits originaux pendant presque une année.*[4]

Outra orientação a seguir era um estudo sistemático das relações entre portugueses e brasileiros, no campo cultural, durante o século XIX. Tenho a impressão de que numa época onde seriam de admitir pequenos ódios ou rivalidades mansas se nota um entendimento perfeito, uma ânsia comum de criar a partir da mesma língua. O Prof. Massa dá-nos tantas informações, tantos elementos a esse respeito, que o futuro estudioso deste problema encontrará o seu trabalho muito simplificado. Na verdade desde o editor Paula Brito até ao empresário Furtado Coelho (que permitiu à cena brasileira sair da *déclamation et de la torpeur)* não esquecendo escritores como Francisco Gonçalves Braga, Augusto Emílio Zaluar, Faustino Xavier de Novais e tantos outros, há uma longa série de portugueses, adrede mediocres culturalmente, que ajudam a construir e a difundir uma importante literatura: a brasileira.

Tão valiosa tão fundamental se me afigura esta tese do Prof. Jean-Michel Massa que o mínimo a pedir é a sua imediata tradução em língua portuguesa, apareça ela em Portugal ou no Brasil. Creio que ambos os países devem sentir como sua esta dívida de gratidão.

LIBERTO CRUZ

---

1 — p. 667, II vol.
2 — idem.
3 — p. 668, II vol.
4 — p. 367, I vol.

NOTA: Esta obra do Prof. Jean-Michel Massa é acompanhada duma tese complementar onde é estudado Machado de Assis tradutor.

Duas exposições na 111

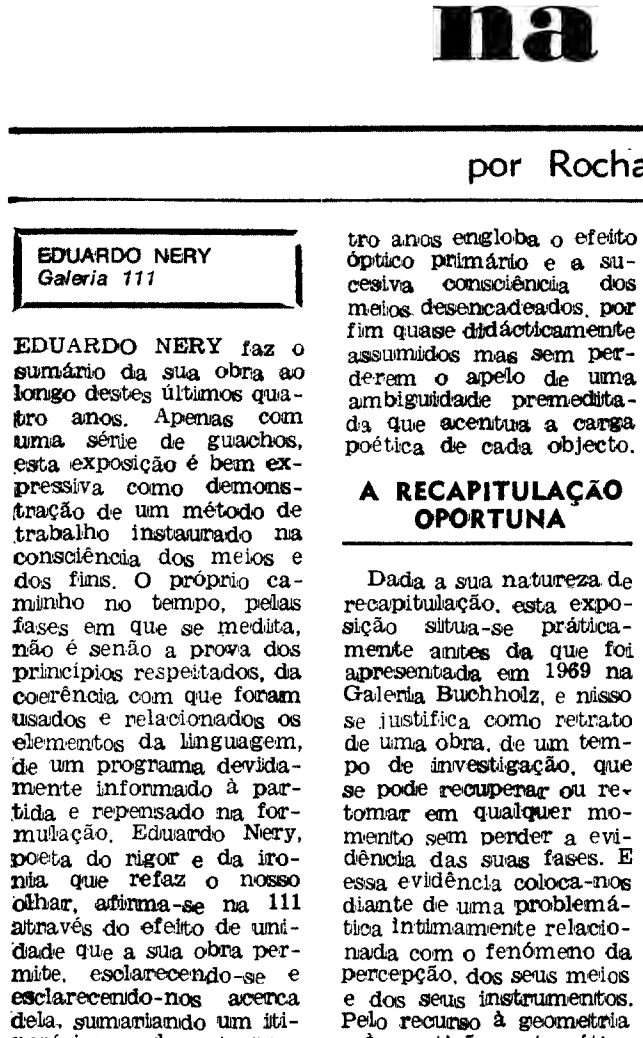
por Rocha de Sousa

EDUARDO NERY
Galeria 111

EDUARDO NERY faz o sumário da sua obra ao longo destes últimos quatro anos. Apenas com uma série de guachos, esta exposição é bem expressiva como demonstração de um método de trabalho instaurado na consciência dos meios e dos fins. O próprio caminho no tempo, pelas fases em que se medita, não é senão a prova dos princípios respeitados, da coerência com que foram usados e relacionados os elementos da linguagem, de um programa devidamente informado à partida e repensado na formulação. Eduardo Nery, poeta do rigor e da ironia que refaz o nosso olhar, afirma-se na 111 através do efeito de unidade que a sua obra permite, esclarecendo-se e esclarecendo-nos acerca dela, sumariando um itinerário que durante quatro anos engloba o efeito óptico primário e a sucesiva consciência dos meios desencadeados, por fim quase didácticamente assumidos mas sem perderem o apelo de uma ambiguidade premeditada que acentua a carga poética de cada objecto.

A RECAPITULAÇÃO OPORTUNA

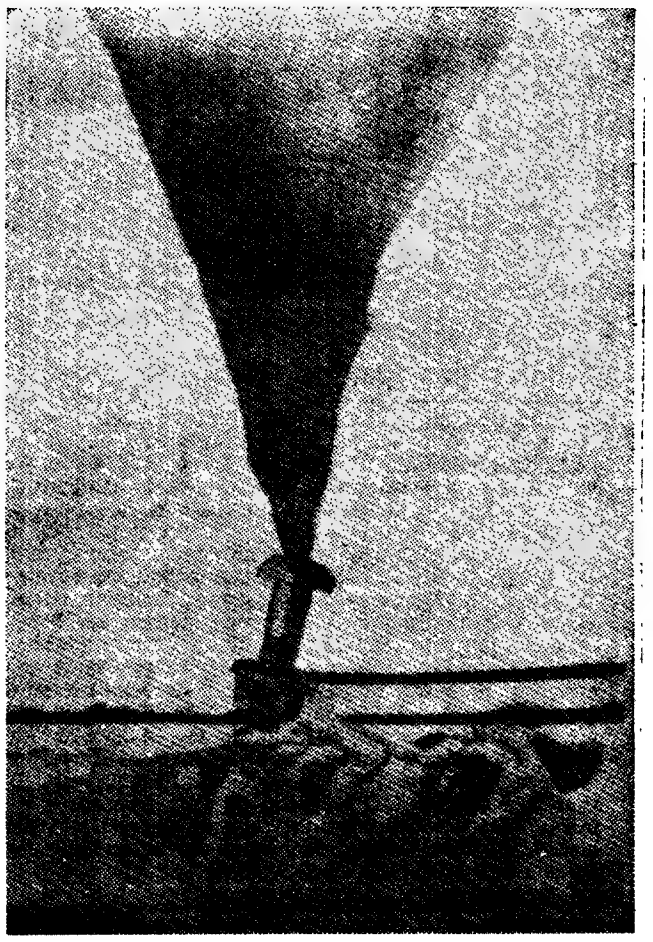
Dada a sua natureza de recapitulação, esta exposição situa-se praticamente antes da que foi apresentada em 1969 na Galeria Buchholz, e nisso se justifica como retrato de uma obra, de um tempo de investigação, que se pode recuperar ou retomar em qualquer momento sem perder a evidência das suas fases. E essa evidência coloca-nos diante de uma problemática intimamente relacionada com o fenómeno da percepção, dos seus meios e dos seus instrumentos. Pelo recurso à geometria e à repetição matemática dos elementos propostos, quer na forma quer na cor, Nery desenvolve certas estruturas cujo apelo decorativo, realizado imediatamente como espectáculo, a breve trecho se transforma numa relação dialéctica em que o olhar é reconduzido à sua pureza e à elementaridade do seu comportamento de base. Para além da evidência plástica, que um construtivismo rigorosamente programado acentua, desdobra-se todo um processo irónico que lega à especulação particular ressonância, sobretudo na medida em que as regras do jogo, tão fáceis de desvendar, não conduzem a resultados definitivos, antes revelam ao espectador a falibilidade e a mobilidade dos dados da percepção. Os contrastes, as oposições, as contradições, tudo isso se sobrepõe em cada objecto, numa pintura aberta ao exercício visual. É esse exercício que irremediàvelmente se equaciona no percurso que lhe impõem as estruturas desenvolvidas matemàticamente por Eduardo Nery, desvendando-se na simultaneidade dos termos opostos, na interpenetração da forma e do fundo, pela sugestão e negação do volume, pela mobilidade imparável que os módulos geométricos utilizados constantemente assumem em diferentes níveis de tratamento plástico. A luz e a cor são aqui elementos indispensáveis à resolução do quadro, impondo-se da mesma forma ao olhar e à memória do espectador e dele solicitando um esforço mental que melhor se recupera pela frustração constante a que é submetido. Ao perfeito desenho linear das armaduras geométricas que permitem cada um dos objectos, a cor, luminicamente tratada segundo ritmos matemàticamente estabelecidos e aparentemente identificáveis, ajusta-se de forma indispensável à realidade plástica global. O seu papel é tão fundamental como o da rede linear em que se inscreve, pois os dois elementos em causa atraem-se e repelem-se simultâneamente, ajustam-se e divorciam-se consoante o movimento da leitura, que é sempre verdadeiro e é sempre falso pela direcção tomada, e é sempre recuperável para uma nova partida, logo que a consciência dos equívocos se processa. A permanente activação dessa consciência, a consciência visual, constitui-se assim como o centro vivo da realidade dialéctica desenvolvida por Eduardo Nery. A pintura esvazia-se desse modo dos seus conteúdos habituais, rompendo com uma tradição que a fechava cada vez mais sobre si própria, no ilusionismo das aparências retratadas. Ao propor a fa-



Gravura de Gil T. Lopes apresentada em Cracóvia

Exposição Internacional de Gravura

REALIZOU-SE em Barcelona e encerrou recentemente a Primeira Exposição Internacional de Gravura e Litografia, promovida pela «Agrupación de Artistas Actuales» e organizada com a colaboração do «Círculo Artístico de Sant Lluc» e da «Escuela de Artes Aplicadas y Oficios Artísticos de Barcelona». Entre os países representados contam-se a Alemanha, a Argentina, a Áustria, o Brasil, o Canadá, a Coreia, a Checoslováquia, o Chile, a Espanha, os Estados Unidos da América, a Finlândia, a França, a Holanda, a Inglaterra, a Itália, o Japão, a Polónia, a Rússia, a Venezuela, a Suíça, etc. Portugal também esteve representado, o que ùltimamente se tem verificado com certa frequência no domínio da gravura. A representação portuguesa era constituída pelos artistas João Navarro Hogan, Gil Teixeira Lopes, Manuela Pinheiro e Mariana Quito. A gravura seleccionada para o catálogo é da autoria de Gil Teixeira Lopes, pintor que tem desenvolvido nos dois últimos anos um trabalho persistente na gravura e que tem aparecido com assiduidade em exposições internacionais, nomeadamente na Bienal de Cracóvia e na 41.ª International Exhibition Printmaking, nos U. S. A.



Pintura de Jasmim

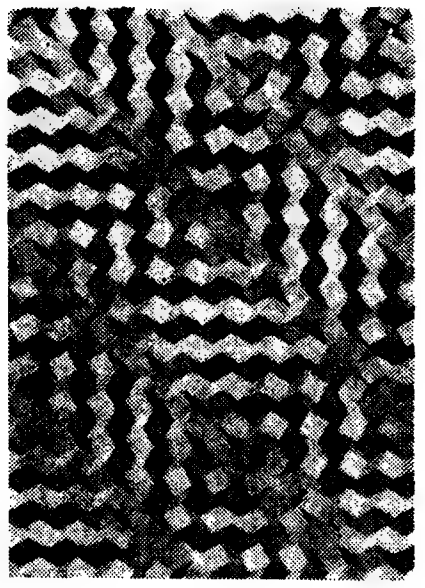
JASMIM
Galeria 111

Distanciado em Londres, mal conhecido em Portugal, procurando agora a sua afirmação e o seu comprometimento como artista plástico, e além de tudo prefaciado com razoável aceitação por Fernando Pernes, presentimos em Jasmim um *caso em preparação*, defendido e desculpado pela nossa habitual generosidade. *Obsessão, o erotismo em Jasmim é simulação e ironia, num contexto figurativo para o qual, de facto, o evocativo é mais significativo do que o representativo* — palavras de Fernando Pernes, que depois e assim se completam: *Arte irónica que perante o cómico não recua, a pintura de Jasmim desenvolve-se alusivamente, referindo um universo de formas e sinais urbanos, reificantes e mecânicos, que se abrem ao orgânico e ao onírico. E onde, simultâneamente, referências da carne e do sonho se objectualizam e multiplicam. Em qualquer das situações referidas, a metáfora é a constante do seu lirismo, acreditando Jasmim num complexo «neo-realismo» que lògicamente ao «neo-dadá» da década de sessenta se sucede, e para estes anos setenta se está a anunciar.*

Continua na página 7

AUTORES de HOJE

Eduardo Nery



EDUARDO NERY DE OLIVEIRA nasceu na Figueira da Foz, em 1938. É diplomado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Trabalhou em 1960 e 1961 com Jean Lurçat, em tapeçaria. Foi premiado na Exposição de Artes Plásticas do Banco Português do Atlântico (1969), no III Salão de Artes Plásticas da Cidade de Luanda (1969) e teve uma das menções honrosas do Prémio Soquil (1969). Foi membro director da S. N. B. A. e é membro da International Arts Guild e do World Grafts Council. Tem-se dedicado ùltimamente à decoração mural e encontra-se representado em diversos museus nacionais e em colecções particulares, no país e no estrangeiro.

Após uma crise ilustrativa, que correspondeu a grande parte do seu aparecimento em público no início do seu empenho como pintor, Eduardo Nery caminhou progressivamente e com segurança para uma indagação de tipo geométrico, explorando e dinamizando o campo de percepção visual, aí enriquecendo certas propostas que começaram por se dirigir ao espectador de uma forma quase didáctica. Ao colocar de novo, pela raiz, estes problemas, Nery aprofunda constantemente a natureza mecânica e psicológica da visão, seleccionando as diferentes percepções de forma, espaço, cor, ritmo, e demonstrando parlelamente o falso realismo das aparências por oposição a uma realidade global que decorre também das contradições provocadas em cada objecto ou em cada série de imagens para tal ordenadas e escalonadas.

Para além da sua obra nestes domínios, e com ela sempre relacionada, a indagação de Eduardo Nery no campo da Tapeçaria tem sido verdadeiramente singular entre nós.

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

A bolsa dos usados

Livros em segunda mão, livros usados... «Às vezes livros inteiramente novos, por abrir» — na opinião experiente de um livreiro. Livros, em todo o caso, que não raro atingem um preço inesperado. Veja-se o pequeno volume «Projecção de Camões nas letras inglesas» (Cadernos Culturais Inquérito), que Luís Cardim deu à estampa em 1940 e vale hoje, segundo o Boletim n.º 14 (Fevereiro de 1970), de Moreira & Almeida, nada menos de 30$00. Veja-se ainda a «Vida e obra de Frederico Garcia Lorca», de Joaquim Namorado (Editorial Saber, 1943), 63 páginas, já nos 45$00. Ou esse magro caderninho «Êxodo» (Coimbra, 1961), com colaboração de Herberto Hélder, Louzã Henriques, João Vário, Luís Serrano e Rui Mendes, cotado em 65$00. Ou ainda, pasmo dos pasmos, os quatro números da revista «Graal» (1956-1957) a 800$00!

O preçário Moreira & Almeida, da Rua da Anchieta, indica outros valores curiosos: primeiras edições recentes de Aquilino entre 120$00 e 150$00, uma segunda edição da «Vida etérea», de Pascoaes, a 80$00, uma primeira de «O canto da cigarra», de Augusto Gil, a 250$00; António Ferro na casa dos 60$00 («Leviana», Lisboa, 1921) e João de Barros na dos 50$00 («Ritmo da exaltação», Lisboa, 1922); Junqueiro a 250$00 («Os Simples», primeira edição), Camilo a 180$00 («O Morgado de Fafe amoroso») e a 200$00 («Volcoens de fama») nas edições originais; Namora valendo já 150$00 («Minas de San Francisco», Coimbra, 1946); etc. Apreende-se, ou pelo menos depreende-se, muita coisa desta bolsa dos usados.

Brasil com Sophia

Do Brasil em directo: Edinova Edições lançou o n.º 2 dos seus «Edicontos», narrativas de dez autores brasileiros (Ricardo G. Dicke, Millôr Fernandes, Macedo Miranda, Moacir Scliar, Manoel Afonso, Luiz Vilela, José Edson Gomes e Judith Grossmann) e estrangeiros (o judeu americano Isaac Bashevis Singer e a portuguesa Sophia de Mello Bryner — sic). ● A José Olímpio pôs nas livrarias um misto de inéditos e não inéditos de João Guimarães Rosa, «Estas estórias». ● Primeira versão brasileira de uma obra de Angus Wilson (já divulgada em Portugal): «Os velhos do Jardim Zoológico». O atraso é relativo. ● De Jorge de Lima, esperado há muito: «A história da História». Vende bem. ● Ah, e a primeira parte de um estudo de Nelly Novaes Coelho sobre a ficção de Ruben A. No número de Janeiro, ora desembarcado, do «Jornal de Letras».

O fado em Itália

Novidade italiana no editor Guanda, de Parma: «Fados», tradução, introdução e notas da dr.ª Elena Clementelli com apoio do português Henrique Ruivo. Dedicatória «ad Alfredo Marceneiro, nella cui anima piange l'anima della chitarra». Edição bilingue, 45 fados de Lsboa e Coimbra ao preço de 1300 liras (barato). Na mesma colecção, Piccola Fenice, tinham saído já volumes dedicados ao Cante Flamenco, aos Blues, à Folk-Song e aos Negro Spirituals.

Os poetas

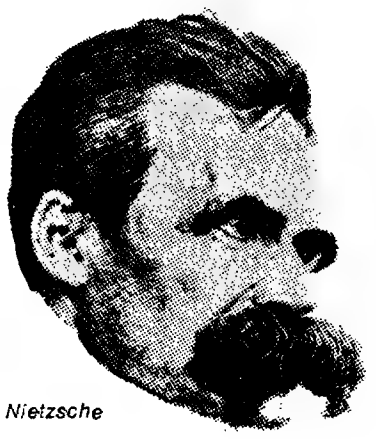
Ficou programado para Março o lançamento dos «Poemas» (ingleses e franceses) de Samuel Beckett, versão de Armando da Silva Carvalho e Jorge Rosa — Cadernos de Poesia Dom Quixote. Na mesma colecção deve seguir-se uma antologia do russo Andrei Voznessenski. ● Torquato da Luz, jornalista do «Diário de Lisboa», vai publicar por todo o mês de Março o livro de poemas «Voz suspensa», em distribuição da Quadrante. É o regresso sete anos depois da estreia. ● Quem são «Os desesperados poetas da valeta»? Quatro: Isabel Ivone, Luiz Beira, José Anjos e o brasileiro Juarez Antônio Leoni. O volume (conjunto) apareceu há dias, embora com data de 1969.

Urbano em 3.ª edição

De Urbano Tavares Rodrigues chegou-nos mais uma edição, a terceira de «A porta dos limites», com que o ficcionista se estreou há 18 anos. Um lançamento Bertrand, com prefácio de Armando Ventura Ferreira e capa de Henrique Ruivo, na colecção Autores Portugueses, onde Urbano já publicou nada menos de quinze volumes.

Outras novidades

A Inova distribui a monumental biografia de Daniel Halévy, «Nietzsche», 413 páginas em tradução de Egito Gonçalves (Colecção Os Trabalhos e Os Dias), e anuncia para breve «Hölderlin» (reedição revista?), de Paulo Quintela. Ainda da Inova, mas na sua Bibliotecária Universitária, «A biologia do trabalho», de O. G. Edholm, em versão de Lídio Sandoeira. Entretanto a Editorial Presença aumentou um volume, o terceiro, à «História da Filo-



Nietzsche

sofia», de Nicola Abbagnano, tradução de Armando da Silva Carvalho, e a Bertrand valorizou a sua série de Documentos de Todos os Tempos com «O desafio da Europa», de Louis Armand & Michel Drancourt, aquele ex-presidente da S. N. C. F. e da Euratomo, este chefe de redacção da «Entreprise». Também da Bertrand, «A infelicidade de me chamar Virgílio» (Gheorghiu). Quanto à Dom Quixote, lança na próxima segunda-feira «Desenvolvimento económico e estagnação», de Armando Castro (8200 exemplares na edição original), «A moderna teoria económica», de Ian Pen, «A Mitologia», de Edith Hamilton, «A arrogância do poder», de William Fulbright, e «O cinema entre nós», de Lauro António. Novidade destinada a boa venda: «Baby Yar», de Anatoly Kuznetsov, nos Livros do Brasil. Um autor em foco (e fora da U. R. S. S.), uma obra que se diz ser (ou ter sido) polémica.

Shirley MacLaine: ou 75 % do interesse dum filme

O MUSICAL QUE QUERIA SER AMADO

por José Vaz Pereira

O MUSICAL dá mostras de ganhar nova vida. Não vimos ainda «Hello Dolly!», temos presente a finíssima realização de Cukor em «My Fair Lady» e reconhecemos em «Sweet Charity» elementos que admitem optimismo. O filme de Bob Fosse, embora frustrado sob um ponto de vista de linguagem cinematográfica, lança-se abertamente nessa via. É, talvez, só uma luz no horizonte. Mas é já uma esperança.

Problema grande para o musical tem sido a sua íntima associação, nos últimos anos, com um género que começa a ser universalmente detestado: o filme-colosso. Após o sucesso de «Música no Coração», os produtores convenceram-se que tinham descoberto a pólvora. Ou melhor: o petróleo. Mas o facto é que as grandes produções que se lhe seguiram não conseguiram pagar o dinheiro investido. Mais uma vez, Hollywood ficou em pânico.

O certo é que como o musical e os colossos se identificaram, qualidade artística e ideias novas ficaram na sala de espera. O musical do fim dos anos 40, do princípio dos anos 50, desaparecera. Por completo. Era só a recordação e o entusiasmo de uma recordação.

Ter-se-ia desaprendido de cantar, de dançar? Adeus á vitalidade, á alegria, á força contagiante. Os dias aborrecidos, com os filmes monótonos, tinham chegado para sempre.

DINAMITANDO O «ECRAN»

Em «Sweet Charity» a ideia inicial era boa. Adaptar ao cinema uma opereta de sucesso na Broadway, que, por sua vez, se baseava nas célebres «Noites de Cabíria», de Fellini. O cinema voltaria a contar a velha história da rameira com coração de ouro, agora transplantada para os E. U. A., e popularizaria a coreografia espectaculosa e interveniente de Bob Fosse (que também realizou a adaptação cinematográfica).

Além disso, juntou-se a «Sweet Charity» o rastilho de uma daquelas actrizes que pode representar 50%, 75% do interesse de um filme: Shirley MacLaine.

Ela aí está, com a sua malinha profissional, a sua mini-saia tímida, os seus olhos pintados, a sua esperança, o seu riso, os seus pequenos gestos hesitantes, a sua voz capaz de todas as proezas, de todas as tonalidades, de todas as inflexões de interpretação, todo o formidável arsenal de uma actriz de talento revolucionário, uma espécie de Charlot de saias da era do *drug-store*.

Números como *Se elas me pudessem ver agora* («If they could su me now») dependem em

Continua na página 6

ARMANDO CASTRO

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL DOS SÉCULOS XII A XV

acaba de sair o

9.º VOLUME

* * *

DO ÍNDICE:

- ☐ A economia política da sociedade medieval portuguesa
- ☐ Esboço da teoria geral do sistema económico feudal português
- ☐ Alguns traços característicos da evolução económico-social até à crise de 1383

* * *

"Um clássico da bibliografia económica nacional, um autor que ninguém poderá ignorar quando estejam em causa os problemas da nossa história económica."

Mário Sacramento

431 págs. de texto ■ 10 extratextos, mapas e desdobráveis ■ 5 págs. de índices (onomástico e analítico)

Colecção PORTUGÁLIA

A HISTÓRIA ☐ A CULTURA ☐ A TERRA ☐ OS HOMENS

PORTUGÁLIA EDITORA

AV. DA LIBERDADE, 13-3.º LISBOA

De «Orpheu» à «Presença»

Entrevista com Fernando Guimarães

NATURAL DO PORTO, Fernando Guimarães tem vindo a afirmar-se e a impor a presença do seu caso poético na nossa república das letras (bastante e obsidiantemente caótica) *quer através da sua criação (dois livros de poesia publicados:* A Face Junto ao Vento, *1956, e* Os Habitantes do Amor, *1959) quer pelas suas versões de Keats, Pound, D. H. Lawrence, Edith Sitwell, Auden, Dylan Thomas, etc., quer, ainda, pela sua produção ensaística visando em profundidade e novas perspectivas analíticas o fenómeno poético. Aqui é de destacar* A Poesia da Presença *e o* Aparecimento do Neo-Realismo, *lançado há poucas semanas pela Editorial Inova, do Porto, na Colecção Civilização Portuguesa. Este livro, ao qual Óscar Lopes faz uma rasgada reverência de abertura, parece-nos ser pedra basilar para o estudo e revisão crítica do período poético entre 1920 e 1940.*

Numa breve conversa com o Autor procurámos dilucidar certos dos seus critérios e, até, porque especialmente nos interessava saber da sua opinião sobre o Surrealismo, iniciado entre nós por dissidentes (ou descontentes ou desanimados) da trama neo-realistona. Eis o que apurámos:

— Quais foram as principais preocupações ou intenções que o levaram a escrever A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo?

— Este meu livro pretende ser uma tentativa para ver claro as relações que existem entre o nosso primeiro modernismo — isto é, o dos poetas do *Orpheu* — e o segundo modernismo, correspondendo este aproximadamente à *Presença* e ao surto, na passagem dos anos 30 para os 40, do neo-realismo. Trata-se, portanto, do estudo de uma época da nossa literatura que ainda hoje não deixamos de viver polèmicamente... Ora a minha tentativa nasceu de uma recusa a qualquer confronto polémico que, no fundo, é uma maneira disfarçada — graças ao horror ou ao prazer que o escândalo desperta em certos espíritos — de fazer a tão desacreditada crítica valorativa.

O meu objectivo consiste, antes, em isolar um conjunto de obras, de que, aliás, a antologia que acompanha o meu ensaio será um ponto de partida, com o fim de determinar, por sua vez, um conjunto de coordenadas ou intenções de tipo ideológico ou estilístico que revelam a linguagem da nossa poesia sobretudo nos tempos do segundo modernismo. E ao procurar determinar essa linguagem, passei a preocupar-me menos com as obras pròpriamente ditas, as quais foram apenas um limiar, do que com as suas propriedades expressivas gerais. Esta tentativa, porém, obrigou-me a recorrer a uma perspectivação histórica...

O significado de uma determinada dimensão poética vive muitas vezes da oposição que ela mantém com outras correntes, outras direcções... No caso do segundo modernismo era impossível deixar de ver até que ponto este vive dentro ou fora dos caminhos abertos pelos poetas do *Orpheu*. Por sua vez, a poesia do primeiro modernismo não pode deixar de ser equacionada com todo o nosso simbolismo ou correntes afins, incluindo o movimento nefelibata de Eugénio de Castro ou Oliveira Soares, o saudosismo de Teixeira, tas derivações do nacionalismo literário.

Este alargamento faz com que o meu ensaio pretenda ser uma espécie de releitura da nossa poesia desde a geração de 90 até o aparecimento do *Novo Cancioneiro* em função do discurso literário que as obras de autores de tempos e orientações diferentes propõem, embora muitas vezes esse discurso não viva dessa ou por essa diferença.

— Como encara, então, as relações que existem entre a Presença *e o* Orpheu?

— Julgo que concorda comigo quando lhe disser que foi Eduardo Lourenço quem viu com mais rigor esse problema, ao opor o *Orpheu* à *Presença* e marcando bem, ao fazer tal oposição, a distância prodigiosa que existe entre, como diz Eduardo Lourenço, «um objecto poético revolucionário» — a poesia de um Pessoa ou um Sá-Carneiro — e outro que o não é, ou o pretende apenas ser por uma intenção mal cumprida.

Não se pode deixar de reconhecer que há uma diferença essencial entre os poetas do *Orpheu* e os da *Presença*. As conclusões a que cheguei no meu ensaio, se coincidem neste aspecto, pretendem todavia incluí-lo numa outra dimensão pelo facto de me prender menos, como disse há momentos, às obras — que são já uma certa perspectiva de encarar um objecto poético, o que sem dúvida, o condiciona — que à própria objectividade do seu discurso literário. Por isso, dentro de tal perspectiva, não vejo a poesia do *Orpheu* como uma *revolução* — ponto de vista defendido por Eduardo Lourenço — mas o momento numa evolução complexa que é sobretudo a herança do que o nosso simbolismo conseguiu realizar no domínio duma linguagem, cujas verdadeiras dimensões não raro ganhariam em ser consideradas *sem autor*, isto é, através do

Continua na página 6

In memoriam

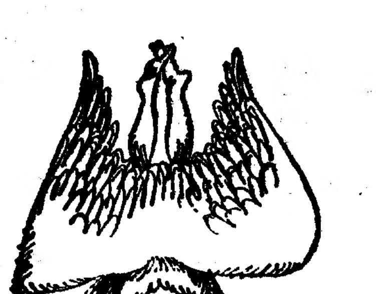
(continuação)

ANTES, poderemos, sobretudo à beira de uma falésia profunda, sentir a nostalgia de qualquer floresta, isto é, a das Ardenas. Pertence à tapeçaria: a peça flamenga pára no fio de lã ocre, a buganvília, a serpente, crescem sobrepostas (corria em tempos por todo o país que no bosque de um sono, sobre relvas, mesmo assim ao norte, a serpente ou a víbora perfurara a cabeça paterna, se possível no tímpano); ainda vemos a hera, o jardim dos frutos de laranja, e, saltando a sebe, as crianças de breughel, à imundície do seu nasci-

mento referiu-se erasmo, com os crânios para todos os séculos poisados na terra e as pernas abertas contra o ar ou recolhidas como no ventre apertando aí uma face absorta. Seriam os seus jogos. A sua idade escolar com esse tumulto de corpos, as mesmas gengivas consumidas da velhice, os castigos corporais, e os pequenos grupos ou as figuras isoladas sob os chapéus vastos de abas, cestos, colmeias de palha com o conteúdo humano quase seco ou submergido. Ou definitivamente sem nenhum canal de respiração. Assim passavam a idade escolar, amontoando-se ou sem sexo (embora visível) contra a cadeira de espaldar. (Veremos que a perversão do mestre era tal que por entre o vibrar dos múltiplos membros vinha exigindo, há horas, o equilíbrio incólume de um jarro com os galhos da sabedoria sobre a aresta do costado da cadeira). Tudo ocorre á memória, porque tanto a consciência se feche, sempre uns dados reais, como as imagens, se mantêm nela; assim, antes de qualquer morte ou da paixão, atravessamos florestas e a idade escolar: o perfume das vagens trepadoras, a baunilha, e a crueldade. Ou até a insânia, logo mesmo nos anos em que a cabeça mais fàcilmente poisa sobre a erva, o corpo se contorce mais dócil. Jamais se esquecem, são imagens: ficarão hirtos na agilidade, vivos como se ainda no liquido (amniótico) e precoces como se expirassem imediatamente. Mesmo os que do lado de fora da cancela adormecem estão transidos, esses são os companheiros que menos se esquecem se assim for a idade escolar. Contudo esses mesmos jogos infantis passam o tempo á beira de uma floresta como a das Ardenas. Sigamos os fios, o mate, o azul-sena, a garça que rompe a tessitura dos vegetais — a pega vê-la-emos de novo depois quando poisar no cadafalso ou na bombarda — as numerosas espécies: hibiscos, vinha virgem, crocus, a azeitone. Tal como no Mediterrâneo «as coisas vão cair do alto com ferocidade e darão depois a luz e o alimento» (as azeitonas). Por este atalho de vinha em Fiesole ia a andar leonardo, ou acaso aqui (Milão, Romagna) ou nas Ardenas viu «os mortos transportar os vivos».

Fiama Hasse Pais Brandão

Proesia para plásticos



por Alexandre O'Neill

I

SÁ NOGUEIRA

Nem *Sanogu Eira*, nem *San O'Gueira* — mas *Sá Nogueira: o nosso.*
Acendeu árvores, ramilhetes, focinhitos de 'parigas, estudou as mil «colagens» do cotovelo à pedra das mesas, ao zinco dos balcões; sopesou esse doce fruto melancólico que balança leve no engaste da mão, no engonço do cotovelo: o rosto humano. derramou-se de ternura mas não faltou à verdade: esternutou quando pólen ou mostarda lhe chegou ao nariz. E soube guardar as distâncias: não tomar (não tomar-se) demasiado a sério...
Céptico activo, olhou tudo até ao coração, até à desilusão — e tudo recuperou com doce-feroz ironia.
Ao erotismo de pacotilha e ao sentimentango estende a passadeira — e deixa-os vir à boca de cena fazerem o seu número, que também é nosso...
Limpa-metais «Coração», sentimento e nalga, é preciso muita colagem para se viver e gotejar assim...

Pop-art, Sá Nogueira? Não; que eu quero poupar-te...

II

ESPIGA PINTO

Desprende-te e separa-te, tu que tens de nascer.
Centrífugo, não faças gravitação alheia.

Bem sei que a tribo te vigia o percurso
E se exorbitas, ralha-te, que queres?

Antes nascer do caos que da ordem da tribo.

Brandem-te a regra, mostram-te a medida.
Que sabem eles disso para além do colarinho?

Ralham-nos a todos, mas depois
trocam o ralho pela admiração
E é com a admiração que nos querem perder.

Desprende-te e separa-te, tu que tens de nascer.

A desconhecida está à tua espera, está à tua espera
E já te mostra o seu rosto-pendão.

III

MARIA DA LUZ LINO

Tomo o teu traço e com ele contorno
as figuras que nunca são adorno.

Que bonita figura nós fazemos
assim designados, ó mania da luz!

Por certo, virilomem, na lapela
melhor não esmaltaras tua bela.

Humor-amor que sempre despromoves
aquilo a que te movem e te moves!

Amor-Humor, que interpostas figuras
escolhes para assumir as criaturas!

Flor, grande-de-espanha, trapo,
bicho, pata de bicho, nalga de macaco...

... tudo te vai servindo para luzlinar,
ó mania da luz, o grande humor de amar!

Camus: 10 anos depois

Continuação da página 1

filósofo. Não acredito o bastante na razão para acreditar num sistema. O que me interessa é saber como devemos conduzir-nos. E mais precisamente como devemos conduzir-nos quando não acreditamos nem em Deus nem na razão».

Esta exigência e esta sensibilidade exprimem-se numa obra literária, cujos meios evoluíram incessantemente. O que Camus tinha para dizer tocou-o mais certeiramente em cada momento em que o disse do que pela maneira como o disse. Mas podemos hoje ficar surpreendidos por não se ter notado mais, por exemplo, a subtileza com que ele resolve o problema, tão discutido e tão actual do «eu» e do «ele» isto é, do emprego dos pronomes pessoais.

«O Diário do ano da peste» de Daniel de Foe está escrito na primeira pessoa, na intenção de conferir maior crédito a esse falso documento. Mas em «A Peste», Camus não cedeu à facilidade de tomar um testemunho que diz «eu». O narrador que se desmascara no último capítulo, o doutor Rieux, escreveu a sua crónica na terceira pessoa porque «quis acompanhar os homens, os seus concidadãos nas únicas certezas que eles terão em comum e que são o amor, o sofrimento e o exílio».

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

SER FELIZ É JÁ SER CULPADO

Teria sido igualmente mais natural, mas menos eficaz que «O Estrangeiro» cujo herói pousa um olhar neutro sobre o mundo e sobre si mesmo fosse escrito dizendo «ele». Mas Meursault diz «eu» e ficamos colocados precisamente no âmago do seu horroroso deserto interior. Por sua vez, o «eu» de «A Queda» fala em nome de todos os homens. E o narrador, um pouco abstracto dessa narrativa corrosiva onde vacila todo o universo de Camus, fala de facto por cada um de nós e obriga-nos a confessar que ser feliz é já ser culpado.

Camus, cuja escrita nobre, um pouco espanhola é o que mais nos ficou no ouvido, tem um registo infinitamente mais variado e que merecia ser mais bem conhecido. Uma certa página de «O Avesso e o Direito» na qual um filho vai visitar a mãe é feita de simplicidade e de silêncio e leva-nos a pensar em Tchekhov. No meio dos textos políticos de *Actuelles*, de súbito

Camus, o nitzchiano

uma editorial nos toca o coração, com um tom de selada confidência, dizendo que a separação dos que se amam é a regra e que a felicidade muitas veezs não é mais que um «acaso que se prolonga». Camus escapa àqueles que gostariam de o encerrar num papel de professor de moral, a ele, que chamava à moral «um sucedâneo infeliz e descarnado do amor».

À luz de hoje, o que parece claramente uma filigrana é um amor um pouco selvagem, nietzscheano, da vida, essa «vontade de viver sem recusar nada à vida» que ele proclama em «O Verão» como a virtude que mais venera neste mundo.

ROGER GRENIER

De «Orpheu» à «Presença»

Continuação da página 5

levantamento das suas possibilidades expressivas entrevistas a um nível predominantemente estilístico ou retórico. Ora foi precisamente a esse nível, como disse antes, que eu tentei — o que não quer dizer que consegui — resolver alguns problemas ou questões que aparecem no meu ensaio.

— *Não acha que o* Orpheu *salta, sobre a* Presença, *para o Surrealismo?*

— Parece-me que o Surrealismo, na nossa literatura, surge não como o desenvolvimento de outro vector literário, mas sobretudo, como uma tentativa de encontrar um *princípio*, o que, aliás é lógico se admitirmos muito ortodoxamente que ele será menos literatura que um intuito de libertação total, incluindo-se precisamente nessa libertação aquela que o é, ou pretende ser, de um passado literário. Por isso é o surrealismo que eu entendo que se deve ver, até certo ponto, como uma *revolução* — embora com o perigo de ser uma revolução que continua...

Com efeito, a própria tentativa de destruição da linguagem ou de uma sua superação (na medida em que se deseje que ela nos conduza a qualquer parte) é uma arma de dois gumes e pode converter-se numa *outra* linguagem. Quando Aragon — na altura em que era um dos companheiros de André Breton e escrevia *Le Paysan de Paris* — falava dos surrealistas perseguidos que «trafiqueront à l'abri des cafés chantants leurs contagions d'images», talvez preferisse a condenação que, por exemplo, um Brunot na sua consagrada *Histoire de la Langue Française* fazia da imagem *arbitrária* à análise formal que a esse tipo de imagem e dos seus encadeamentos fez, há pouco tempo, Michael Riffaterre ao procurar estabelecer para eles um código, como se a criação ou a paixão poética, em última análise, não deixasse de ser inteiramente verbal...

Alguns surrealistas — não todos — compartilharam ingènuamente com alguns dos primeiros neo-realistas a suposição de que algum desleixo de forma se transformaria numa panaceia para destruir, comprometer a «maldita literatura». Mas não é esta, evidentemente, a solução. Também não o é o exclusivo recurso a um automatismo, porque tal automatismo tem a sua razão tutelar: a razão de um discurso. E este, afinal, pode muito bem ser o de um Fernando Pessoa quando, pela mão de C. Pacheco ia escrevendo em *Para Além Doutro Oceano* aquilo que não deixa de se revelar como uma das muitas vozes inconscientes e nocturnas que os surrealistas certamente não repudiam, mas que nunca quiseram nem puderam repetir.

Fernando Guimarães

O Musical que queria ser amado

Continuação da página 4

grande parte de Shirley (e, vamos lá, um bocadinho da espantosa fotografia de Robert Surtees) e menos da música de Cy Coleman. Shirley enche o «écran», dinamita-o, invade-o, toma conta dele, enternece, encanta e, tal como Cabíria, o mundo desfaz-se e reconstitui-se para ela em meia hora.

UM BAILADO DE ANTOLOGIA

Este filme foi produzido em 70 mm. A cópia que vemos cá é em cinemascópio. Mas pode-se imaginar o que seria em 70 mm. Bailados como o da *majorette* só se explicam, aliás, num «écran»-gigante. O 35 mm reduz-nos, neste caso, a uma certa penúria. «Sweet Charity» deve ter perdido imenso com a redução do formato. Os filmes não se medem aos palmos, é claro. Mas quando existem certas características de espectaculosidade, diminuí-las equivale a cortar-lhes o impacto.

Robert Surtees usa (e algumas vezes abusa) dos «paralíticos». O certo é que eles economizam narração. De um modo geral, o seu trabalho volta a ser, como na comédia «The Graduate», impecável, implacável de qualidade. Os interiores e os bailados são fotografados por um homem a quem se poderia chamar mestre, se o nome, em Portugal, não fosse absolutamente ridículo e desprovido de algum sentido além do da vaidade.

Falemos um pouco de um número de antologia: *Eh, mãos largas!* («Hey, big Spender!»). Um homem de chapéu e charuto chega a um salão de dança de *taxi-girls*. Compra uma entrada e assiste ao convite venal que explode num *show* de vigor e dramatismo. As mulheres esperam por detrás de uma barra. Os seus corpos movem-se lentamente, espreguiçadamente, como langorosos largartos torrando ao sol. Dos seus lábios saem propostas, sugestões, provocações cicladas, clo comercial, sussurros, hipóteses de canalhices, súplicas, lamentos, «gaste um bocadinho de tempo comigo». De repente, tudo se torna frenético. É uma floresta de braços e corpos que se agitam, que se sacodem, que ritualizam, com ondulações mecânicas e elèctricamente sensuais, o amor profissional. As mulheres, que até aí pareciam figuras de cera num bordel desactualizado, provocam um turbilhão, um vendaval de desespero, *collants* e lantejoulas, coxas sumptuosas e gritos excitantes de fêmeas em frenesi. É o melhor momento de «Sweet Charity» e um dos grandes bailados da história do musical.

O FOGO E O GELO

A combinação das desilusões de Sweet/Cabíria com a parte cantada e dançada nem sempre se harmoniza da melhor maneira. Um dos problemas do musical (cuja realização é feita ou, quase sempre, influenciada por coreógrafos) consiste que nem mesmo eles podem perder a fluência cinematográfica.

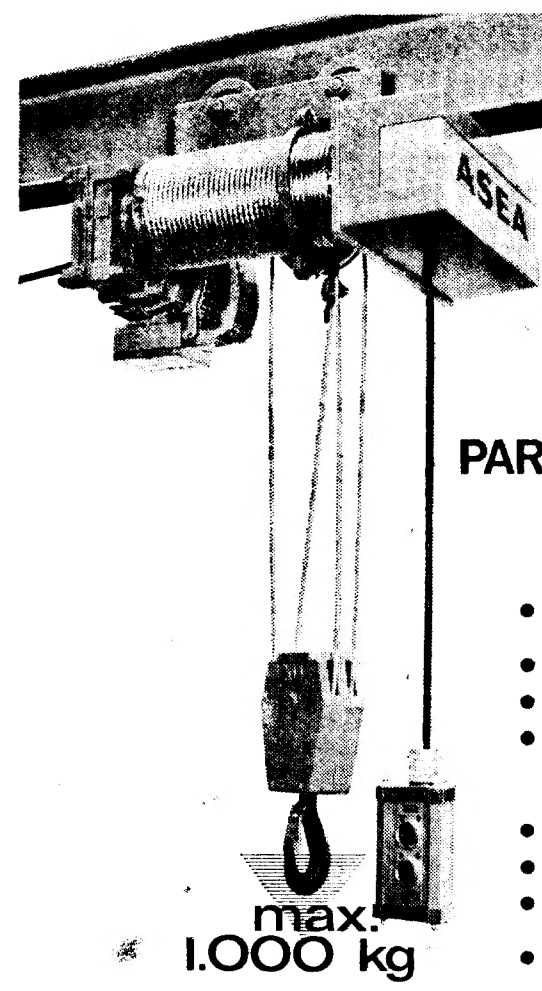
O princípio de *nunca um momento aborrecido* (never a dull moment) que triunfou plenamente em «Serenata à Chuva» mostra-se difícil de conseguir na obra de Bob Fosse.

Mas o balanço é largamente positivo.

E, além de *Eh, mãos largas*, de Shirley MacLaine e da fotografia de Robert Surtees, aparecem em «Sweet Charity» outras coisas dignas de registo. *O ritmo da vida*, soberbamente interpretado pelo último dos grandes fantasistas e *monstros-sagrados* do «music-hall»: Sammy Davies Jr. vem cheio de malícia corrosiva e sátira a uma sociedade que fabrica «religiões» como quem fabrica peças sobressalentes para automóveis. O outro apontamento é o do «cabaret» ultrachic, ultra-sofisticado, uma mistura de época eduardiana com as colunas e as túnicas de Roma, com manequins estranhos como aves exóticas, e lembrando planos de TV a anunciarem o *pale look* irrompendo bruscamente no campo, cheios de interrogações e imobilidades insólitas. Na sequência do «cabaret», três números de grande classe: *Os Indiferentes*, *O Peso-pesado* e *O Grande Final*, em que se destaca uma bailarina portentosa, que faz tudo que quer com o corpo e as pernas, ultra-sexi, sem perder o tal ar indiferente, distante, num rosto de uma imnassibilidade glacial.

Acham pouco? Achamos já muito.

JOSÉ VAZ PEREIRA



NOVO DIFERENCIAL DE CARACTERÍSTICAS REVOLUCIONÁRIAS PARA CARGAS LEVES

Tipo TLF

Um novo diferencial para indústria, comércio, agricultura e artesanato, que possui:

- todas as vantagens dos diferenciais clássicos
- um guia de cabo eficiente
- posições de fim de curso reguláveis
- um robusto motor assíncrono, trifásico de rotor em curto-circuito, com um freio electromagnético de disco
- motor manobrado por contactores
- botoneira suspensa para manobra
- rolamentos de rolos livres de lubrificação em todos os apoios
- fácil manutenção

Consulte-nos para: motores, contactores e arrancadores, interruptores, corta-circuitos, relés, T. I., pára-raios, transformadores de potência, grupos electrogéneos, accionamentos de velocidade variável, quadros eléctricos, etc.

ASEA

ASEA ELÉCTRICA, LDA.
Estrada do Prior Velho, -
Tel. 251 11 01 (5 linhas) - SACAVÉM
Rua do Campo Alegre, 144
Tel. 6 72 39 - PORTO

UMA FORÇA CRIADORA NO DOMÍNIO DA ELECTRICIDADE

MARCA-AE-8

«A Noite e o Riso»: talvez o melhor romance de 1969

Continuação da página 8

tablishment. Mas todo o *Establishment* moderno oferece plataformas de comunicação ao elemento que se pode considerar *desviado* em relação a ele. Porque sabe que a fidelidade chega a um esquema rígido pode impedir o acesso a uma resposta que convenha mais a novas condições, entretanto surgidas. O que quer dizer: todo o *Establishment* moderno não é apenas um mecanismo para *interiorizar* nos outros normas e valores; ele próprio funciona como elemento que *escutando* desses outros também está preparado para *interiorizar* qualquer coisa. O que implica um jogo mútuo de ajustamentos, uma dialéctica, um dinamismo. É nos limites *para* estes ajustamentos que se pode ser realmente livre, donde se conclui que se é tanto mais livre quanto mais disposto (é a palavra?) estiver o *Establishment* a *interiorizar*, ou seja, a fazer na própria alma o que processa na alma dos outros.

Desde que o mundo é mundo a Criança anda a «interiorizar» do *Establishment*; desde que o mundo é mundo a Criança recusa talhadas do Bolo da «Interiorização»; o mundo progride afinal por essas *recusas* quando a Criança ao recusá-las obriga o *Establishment* a ser tão novo como ela; mas ele nunca pode ser tão novo como ela; anda sempre, nesse jogo de futebol, a perder por onze bolas a zero, que é um resultado bem bonito...

O DESABAR SIMBÓLICO (?) DOS COLÉGIOS

Ora, de repente, surge entre nós, um novo escritor, Nuno de Bragança que, editado pela MORAIS, nos dá de presente *A Noite e o Riso*, um dos romances mais fascinantes que li nos últimos tempos.

Porquê? Justifco:

Porque depois de estar magnìficamente bem escrito, depois de ser verdadeira criação literária em todos os sentidos, põe na literatura nacional e como ninguém o fizera antes (esclareço: de uma *outra* forma, de uma forma *nova*) todo o problema que atrás se resumiu. Por exemplo: até agora os romances portugueses que equacionavam a problemática da adolescência (há, aliás, vários entre os escritores presencistas, facto sobre o qual há muito tem inteligentemente especulado David Mourão-Ferreira) não punham em questão — de forma tão agudamente consciente — todo o processo de *interiorização* de que, acima, deixei um incompleto esboço. E, quanto à crítica dos mecanismos de *contôle* social que conduzem à plena aceitação do *Establishment*, também Nuno de Bragança vai muito mais longe do que qualquer outro. O que podia não ser importante, tratando-se de um livro inquestionàvelmente bom, mas que, por ser um livro inquestionàvelmente bom, é de transcendente importância.

Ao tratar das relações Família-Criança, por exemplo, a atmosfera do lar é completamente demitda da forma mais inconoclasta que até hoje se pôde ver num romance escrito em português, uma maneira que o aproxima de certos poemas surrealistas confeccionados entre nós. Um sarcasmo e um humor idênticos, talvez o mesmo tipo de truculência, talvez a mesma *verdade*. Depois, Nuno de Bragança, escalpelizando ainda o processo de interiorização de valores e normas de comportamento, põe em questão toda a mecânica educacional dos *Establishments* baseada na competição e não na cooperação não competitiva (v. sobre isto estudo comparado em *Padrões da Cultura* de Ruth Benedict), para o que nos oferece alguns achados extremamente felizes, como por exemplo, os que aparecem sob as seguintes designações: Integração Integral, Polarização dos Ursos Polares, Exercício de Saltar ao Dinheiro, Doutor de Hábitos Suíços, Reflexão Metódica, Saltos-Para-o-ar, etc., etc.

O drama do desajustamento Criança-*Establischment* é, aliás, em Nuno de Bragança, substituído por uma *troça colossal*, troça que abrange até o processo sub-reptício segundo o qual os alunas «interiorizam» os *males do século*, neste caso, a *angústia*, e de como sobre ela são industriados para um completo e eficiente «metafisicar» (pág. 43).

Recusando o paternalismo dos valores de um *Establishment* que, pelo que o livro torna evidente, não é dos do género de «interiorizar» por seu turno seja o que for — o estatismo dele é de notável solidez — o herói de *A Noite e o Riso* condena-se ao ostracismo (resultado, claro, do «pormos em causa as regras», pág. 302). O *Establishment* não lhe faculta qualquer margem onde possa agir como *livre*, não lhe adianta as acima referidas «plataformas de comunicação», o oxigénio do *Establishment* moderno. Terá, pois, de sair do Grande Convívio e procurar outra definição de liberdade. Entretanto, à sua volta, depois do fatalmente malogrado encontro com os Altos Vultos, o Colégio desaba. Simbòlicamente, já se sabe...

ONDE SE FALA DOS CUCOS NASCIDOS EM NINHOS DE PINTARROXO

O herói de *A Noite e o Riso* vai ao encontro do Mundo e da Cidade. Encontro que no livro ocupa mais de duzentas páginas, iniciando-se a incursão com o verdadeiramente sensacional discurso do Artur do «bairro de lata» (uma frase: se todos os colégios fossem passados a ferro, nós não seríamos analfabetos — porque todos os outros estariam na mesma).

Que procura o herói? Evdentemente: a sua essência mais íntima, como diria Hegel. Pode ele encontrá-la na série (verdadeiramente à Henry Miller) de aventuras amorosas em que intervém? A verdade é que recusando a *interiorização* e os *mecanismos de controle social* de um *Establishment* estático, não pode *definir-se* pelo único tipo de acção que, com efeito, *define* (Hegel, aqui, igual a Nuno de Bragança): o da intervenção activa no plano da colectividade. Por isso é que, a pág. 209, se pode ler que a Boémia é o «único ponto de reunião possível para aqueles de nós em que a sociedade dá com os pés porque não quer o que nós vivos lhe traremos: a modificação inevitável». A modificação inevitável? Sim, inevitável Porque embora o *Establishment* se organize, num determinado momento, para ninhos de pintarroxo, ele terá também de ouvir o canto do cuco. O cuco fará a sua boémia (alegre?) pela floresta, e reinará com os outros cucos, mas não há alegria fora do Grande Convívio de todas as aves.

Nuno de Bragança dirá: «cada pessoa tende para determinados aspectos da luta pela libertação humana» (pág. 295). Ora esta libertação implica que se ouça a *pessoa* para além do «esquema-a-interiorizar» imposto pelo *Establishment* estático. Se este monologa, paternalisa (segundo a caricatura magistral que se pode encontrar em *The Way of All Flesh*, de Samuel Butler) e só poderá salvar-se alargando o âmbito do Ninho. Porque se a Boémia em *A Noite e o Riso*, representa o evasionismo (ou o contra-ataque?) do homem do comportamento «desviado» em relação ao *Establishment* estático, terá de recordar-se que o «comportamento desviado» em relação ao «comportamento-fiel-à-instituição» pode não ser *apenas* o do pária social insusceptível de ser encaixado numa estratificação. Em vez de estarmos perante o «criminoso» ou o «egoísta» ou o «subversivo», poderemos simplesmente estar perante o «inovador», o «altruísta», o «desinteressado». Ora é este último tipo de homem que catalisa a sociedade, logo o *Establishment*. Mas catalisar é ouvir, comunicar, *interiorizar:* «uma pessoa é também comunicação que comunica à comunidade», dirá Nuno de Bragança (pág. 299) acrescentando: «ora eu e os meus contemporâneos portugueses somos cucos nascidos em ninho de pintarroxo».

A Noite e o Riso é um livro de uma grande riqueza. Aflorei aqui apenas aquele que julgo ser o objectivo fundamental ou trave mestra do romance. Posos, porém, acrescentar que nesse mundo de Boémia que nos apresenta vemos, todavia, já uma Cidade desconvencionalizada. O *Establishment* diria: «há um cancro enorme a roê-la!» A piada (o Riso) está em que o *Establishment* faz-se *sobre* ela e, sobretudo, faz-se *dela*, da carne da própria clandestinidade com que todo o vitorianismo físico e mental é atirado às urtigas. Não há regras de Colégio que possam vencer na Europa a força com que, quase nessa clandestindade, irrompe a mini-saia. Metafòricamente: não há Colégio que vença a mini-saia. Não há Adulto que vença a Criança, *voilá*.

Se não há plataformas oferecidas pelo *Establishment* estático, ou pouco dinâmco, que passo poderá ser dado? Diz o herói do romance de Nuno de Bragança: «A lucidez do riso face ao absurdo é talvez o grande passo em frente da cultura contemporânea, a invenção da técnica de *parir sem dor* um mundo novo (pág. 300)», frase que, sem qualquer dúvida, oferece uma das chaves do livro.

E que também explica o Humor (promovido à mais alta capacidade de oficina de invenção metafórica) como mecanismo que põe o romance de Nuno Bragança a funcionar. Diz o autor: «Para o escritor português, o problema da sua iniciação não é o da dificuldade de entrar na prosa existente, mas o de sair dela», ou esta coisa que define um livro e uma condição de Escritor: «a minha prosa portuguesa só atingirá o peso exacto da contemporâneidade se for intercalada com cargas de cavalaria...» (pág. 303). Metafóricas também?

Ora bem: sabendo nós o que é a prosa existente, melhor: conhecendo nós as diferentes *prosas* podemos dizer, nas calmas, que Nuno de Bragança sai largamente delas e entra numa outra que é apenas sua. O problema da sua inicação estará, pois, resolvido. Resta resolver o da sua continuação. Problema menos importante? Não há problemas menos importantes, diz a sabedoria das nações, o que há é *prosas* menos importantes sobre problemas importantes, embora haja *prosas* muito importantes sobre a importância de a prosa ser *só* prosa, mas na importância de tal prosa não acredita, por certo, o herói de *A Noite e o Riso*, nem acreditará talvez Nuno de Bragança. O que é, aliás, pouco importante...

Cardiff, 20 de Janeiro de 1970.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

PARA O CONFORTO E DISTINÇÃO DA SUA CASA

ALCATIFAS INGLESAS

BRITISH CARPET CENTRE

AXMINSTER
WILTON
MARLEYTEX

ALCATIFAS RECOMENDADAS PELO CENTRO INGLÊS DE CARPETES

MAIOR DURAÇÃO • PREÇO ACESSÍVEL
PAGAMENTO ATÉ 12 MESES
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

Pessoal especializado em Inglaterra na melhor técnica de colocação e em soldagem de juntas

Consulte a LOAL

Av. António Augusto de Aguiar, 124-A — Telfs 539347-533056

Duas exposições na 111

Continuação da página 3

REFERÊNCIA

Claro que em Jasmim tudo se anuncia com certa surpresa no modo ilustrativo, tão do desagrado de alguns críticos portugueses, mas aqui enfim legitimado na verdade lúdica, no jogo das nostalgias e das alusões metafóricas. Corajosa e jovialmente, este novo autor dá-nos conta das suas e das nossas obsessões, na realidade lírica, na denúncia erótica, na construção de um vocabulário que entretanto associa às evidências de um certo mecanicismo destroçado mas sobrevivente. As pessoas e os rostos são menos evidentes do que as peças mecânicas e as oscilações do sonho. Numa tradução onírica e por vezes abjecta, Jasmim realiza diversas associações da crise individual e do mergulho no maravilhoso, criando metafòricamente uma ilustração densa, irónica, a espaços sarcástica, de um universo urbano identificável. Esta paisagem surge na utilização exposta de certas ideias constantes de um contexto civilizacional, pelas formas, pelos ritos, pelas representações propostas. Uma técnica de rigor, quer no domínio da sofragem, quer no domínio das peças verificadas pela disciplina do «design» e da colagem, impõe esse discurso contundente nas alusões e nos significados. O abominável é fornecido ao espectador com a descontraída evidência das coisas comuns, como o espaço da paisagem anónima, como o retrato de simples objectos reconhecíveis, como o jogo de formas abstractas que tanto podem simular uma atmosfera ou a ambígua e transitória presença de certas aparências.

Toda a irónica violência de Jasmim, na escolaridade experimental das suas pinturas metòdicamente sopradas, ilustradas e desenhadas, desfaz-se um pouco no artesanato que as envolve. O seu vitalismo é precário, porque é rebuscado de fora, feito num distanciamento demasiado sensível. Assim é possível admitirmos que esse distanciamento se determine num tipo de especulação contida no quadro, isto é, nas formas — e não fora dele, como um tema pacientemente ilustrado.

Little Nemo

Continuação da página 8

mente ao Canadá, onde surgem situações satíricas que Winsor McCay apresenta num estilo irrepreensível.

Por ocasião da exposição consagrada à banda desenhada, que o Museu do Louvre apresentou em 1967, podia ler-se a seguinte apreciação dos organizadores a propósito de *Little Nemo in Slumberland:*

«Se, pela execução e pelo estilo, McCay se liga melhor *modern'style*, pela minuciosidade fantástica das suas composições, das suas paisagens fabulosas, das suas grandiosas arquitecturas, da insistência dos seus motivos oníricos, ele insere-se na grande corrente intelectual e estética que vai de Brueghel aos surrealistas.»

Perante uma indiscutível obra de arte como é *Little Nemo in Slumberland* parece-me ter chegado o momento de varrer definitivamente os preconceitos que ainda subsistem em Portugal acerca da banda desenhada.

crónica crítica alexandre pinheiro torres

ONDE TAMBÉM SE FALA DE «A NOITE E O RISO» DE NUNO BRAGANÇA, TALVEZ O MELHOR ROMANCE DE 1969

Ao prof. Lewis Coser,
meu mestre de Sociologia

O QUE É O *ESTABLISHMENT:* RESPOSTA DO DUQUE DE WINDSOR QUE É QUEM SABE

Ora no dia 13 de Janeiro de 1970, o duque de Windsor deu finalmente a sua entrevista na televisão. A certa altura diz-lhe o entrevistador, Kenneth Harris:

— Lembro-me que na primeira vez que nos encontrámios me afirmou que na sua qualidade de rei entrara em conflito com o *Establishment*, e uma vez que o rei é o cume e o pilar principal do *Establishment*, a situação se tornara absolutamente intolerável. Em tal contexto, qual é o significado de *Establishment*?

Responde o duque (declarações confenidas pelo *The Listener*, n.º 2129, de 15 de Janeiro):

— Há quinze anos a palavra *Establishment* era nova para mim. Quando a ouvi pedi a várias pessoas que ma explicassem. Ora ela não é fácil de explicar. É mesmo uma palavra obscura, mas deve ter existido sempre. Penso que significa autoridade: a autoridade da Lei e da Igreja — e suponho que, em certa medida, a autoridade do rei. E também a das Universidades e talvez a das altas patentes do Exército e da Marinha. Há dois ou três anos li um artigo sobre o assunto onde se dizia: «O príncipe Filipe não é na verdade um membro do *Establishment*. Por outras palavras: regula-se demais pela própria cabeça.» E, um pouco mais adiante, acrescentava: «E, quando se pensa no assunto, o duque de Windsor também o não era.» Impossível ser-se mais exacto.

Nuno Bragança: continuar, eis o problema

Para não se ser membro do *Establishment* (para qualquer pessoa se considerar fora de ou em conflito com o *Establishment*) que será pois necessário? Enfrentar a autoridade da Lei ou da Igreja, ou a do rei ou a das Universidades, ou a das altas patentes do Exército e da Maninha, como aparentemente parece sugerir o duque, ou bastará alguém regular-se em excesso (?) pela própria cabeça, expressão que pode, aliás, significar: «ser contra a obediência fiel a um esquema rígido de normas, optar por um comportamento *desviado* relativamente a alguns dos padrões institucionalizados, ser enfim um «mal-ajustado»?

É evidente que o simpático duque não advoga a rebelião contra qualquer autoridade ou contra a Autoridade. Tenta apenas definir *Establishment* e já se sabe que as definições só ajudam a esclarecer. Não é por uma figura geométrica se saber «definida» que ela corre o perigo de deixar de existir. Claro que o duque era (ou é) apenas contra certo tipo de estatismo, aquele certo tipo de *estatismo* que, mesmo quando dinamizado, lhe permite ainda continuar a viver como um rei (que foi) no seu vastíssimo palácio de Paris. Porque a verdade é que habita nela graças ao *Establishment* de que se confessa desviado. Foi ainda o *Establishment* que ao tirá-lo de um palácio o colocou noutro. O duque não se lembra, porém (ou lembra-se?) que a «dinamização» podia ser tão grande que ele tivesse de acabar os seus dias numa mansarda.

Moral da história: não se sai do *Establishment* assim por dá cá aquele palácio, digo, palha, ou então o *Establishment* não seria o *Establishment*.

NO JOGO CRIANÇAS-ADULTOS VITÓRIA SEMPRE DOS CUEIROS POR 11-0

Como é que funcionará a máquina de qualquer *Establishment*? Ao nível mais baixo a coisa passa-se assim: é a Família quem começa por educar a Criança de modo a esta aceitar o *Establishment*. A Família constitui, aliás, o tipo de Autoridade que Max Weber denomina de tradicional, ao qual contrapõe outros dois tipos: a autoridade legal e a carismática (Igreja). Como procede então a Família, ou seja a autoridade tradicional? Administra à Criança as disciplinas básicas que levam a *interiorizar* (passagem para o subconsciente, diria Freud; não há subconsciente, diz-nos modernamente o be-haviourista Eysenck, o maior psicólogo vivo) determinadas normas de comportamento, despertando-lhe o desejo de viver de acordo com as expectativas dos outros. É esta interiorização que leva o homem à aceitação voluntária (?) dessas normas, é tal processo que está na base da *socialização* do homem. A Criança é conduzida, pois, e pelas disciplinas básicas, a aceitar normas de comportamento, de tal forma que aquilo que o *contrôle social* lhe pede passa a ser elemento constitucional da *sua* personalidade. É por isso que a maior parte dos *eus*, na maioria das situações, *gostam* de fazer as coisas que *têm* de fazer.

Todo e qualquer grupo social, mesmo quando se aparta doutro grupo maior, cria sempre essas disciplinas básicas, além de mecanismos de *contrôle* e de repressão (ver, a este respeito, como se inventa todo um processo novo de *contrôle* social no grupo de emigrantes no célebre livro de Steinbeck, *As Vinhas da Ira*, ou seja como se cria um *Establishment* dentro de um grupo que renegou ou foi renegado por outro *Establishment*).

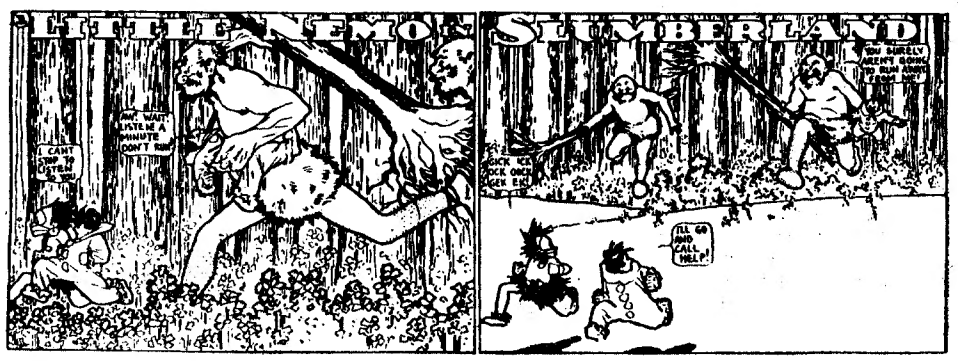
O Leitor Distraído comentará:

— Então não há hipótese nenhuma de haver liberdade?

— Se alguém pensa que para ser livre tem de negar *tudo*, só lhe resta uma solução: retirar-se de todo e qualquer grupo social. A existência de «grupo social» é indissociável de *Es-*

Continua na página 7

Uma obra-prima da banda desenhada



LITTLE NEMO IN SLUMBERLAND

por Vasco Granja

NUMA EDIÇÃO FRANCESA publicada por Pierre Horay, chega-nos uma obra-prima da banda desenhada: *Little Nemo in Slumberland*. O seu autor é Winsor McCay, que nasceu em 1889 e faleceu em 1934.

Dizer que *Little Nemo in Slumberland* é uma obra-prima da banda desenhada é pouco porque se trata, na verdade, de uma obra-prima da arte, sem ser necessário refugiarmo-nos no círculo (quase clandestino) daqueles que gostam das histórias em quadradinhos.

E *Little Nemo in Slumberland* é uma obra-prima da banda desenhada dos Estados Unidos, o que quer dizer que vem precisamente desse país responsável pela alienação dos pobres leitores destas histórias, género de literatura maléfica, futil e mundana, perniciosa, meio de comunicação inferior, como sabem aqueles que lêem na imprensa portuguesa depoimentos sobre as *histórias aos quadradinhos*.

As magníficas pranchas de *Little Nemo in Slumberland*, que foram perfeitamente reproduzidas nesta edição de Pierre Horay, sob a orientação de Orietta Garzanti, Giovanni Gandini, Woodrow, Gelman e Salvatore Gregoretti, em tradução de Claude Moliterni e Pierre Couperie, reconstituem os episódios (muitos deles em páginas a cores) que Winsor McCay publicou no *New York Herald* de 1905 a 1910.

É precisamente a Woodrow Gelman que se deve a presente edição. Leitor de *Little Nemo* em criança, ficou-lhe para sempre a nostalgia desta história onde domina o *non-sens*. Durante anos sonhou em voltar a encontrar *Little Nemo*, que parecia perdido para sempre nas páginas dominicais do *New York Herald*. Graças á sua persistência, foi possível reconstituir a sequência de *Little Nemo* tal como ela surgiu aos leitores da época. E Gelman pode legitimamente sentir-se satisfeito por ter preservado para a posteridade esta *obra-de-arte de um género absolutamente unico*, segundo as suas próprias palavras, que se complestam com a seguinte afirmação:

«Nada lhe pode ser comparado, nem na história da arte nem na história das artes populares. O talento do desenhador alia-se soberbamente a uma espantosa fantasia.»

A estrutura narrativa de *Little Nemo* apoia-se numa série de duzentos e quarenta e dois episódios que se podem ler isoladamente, mas mantêm entre si uma sequência lógica. A personagem principal é Little Nemo, que todas as noites viaja para o país dos sonhos, Slumberland. É lá que vive uma princezinha solitária, filha do rei Morfeu, e que todas as noites o chama para partilhar as suas brincadeiras com ele. Todas as noites o rei Morfeu e os seus emissários fazem Little Nemo penetrar no outro universo. Mas cada noite, no clímax da acção, Little Nemo cai da cama ou grita pelo pai e pela mãe, e acorda. Todas as noites, Little Nemo recomeça a sua viagem por estranhas regiões de sonho para voltar, pouco depois, á realidade quotidiana. As primeiras tentativas de Little Nemo para encontrar a princesa não resultam. São numerosos os obstáculos que encontram e que espantam o pequeno herói pelo espectáculo que lhe proporcionam. Ao cabo de vários episódios consegue encontrar a princesa. Acompanhado por Flip-Flip, explora o reino maravilhoso de Slumberland, vencendo tenazmente cada noite uma etapa que abre novos horizontes feéricos. Embora decorrendo num mundo de fantasia, que inclui uma viagem á Lua e a Marte, a história de McCay não deixa de ter implicações acerca da sociedade americana do tempo, com alusões á expansão económica das grandes organizações capitalistas na sua luta pela conquista de mercados. De resto McCay nunca deixa perder a oportunidade de fustigar os costumes e as manias do homem americano. Nos episódios que aparecem a partir de Agosto de 1909, Little Nemo e os seus companheiros começam a percorrer os Estados Unidos, deslocando-se igual-

Continua na página 7